



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE MICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA DE FUNGOS

INTRODUÇÃO À ETNOMICOLOGIA NO EQUADOR

JHONATHAN PAUL GAMBOA TRUJILLO

Recife

2009

Trujillo, Jhonathan Paul Gamboa

Introdução à etnomicologia no Equador / Jhonathan Paul Gamboa Trujillo. – Recife: O Autor, 2009.

115 folhas : il., fig., tab.

Orientadora: Tatiana Baptista Gibertoni

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCB. Biologia de Fungos, 2009.

Inclui bibliografia e anexos

1. Micologia 2. Fungos 3. Equador 4. Amazônia I. Título.

579.5

CDD (22.ed.)

UFPE/CCB-2010-100



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE MICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA DE FUNGOS

INTRODUÇÃO À ETNOMICOLOGIA NO EQUADOR

JHONATHAN PAUL GAMBOA TRUJILLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Departamento de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Biologia de Fungos.

ORIENTADORA: Dr^a. Tatiana Baptista Gibertoni

Recife

2009

INTRODUÇÃO À ETNOMICOLOGIA NO EQUADOR

JHONATHAN PAUL GAMBOA TRUJILLO

Banca examinadora

Membros titulares

Dr^a. Tatiana Baptista Gibertoni (UFPE)

Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque (UFRPE)

Dr^a. Laíse de Holanda Cavalcanti Andrade (UFPE)

Membros suplentes

Dr^a. Maria Auxiliadora de Queiroz Cavalcanti (UFPE)

Dr^a. Maria de Fátima de Andrade Bezerra (CEFET-PE)

Aprovada em: _____

RECIFE - PE

JULHO/2009

AGRADECIMENTOS

A minha mais profunda gratidão a Deus e aos meus pais, Miguel e Cecilia, que foram a luz desde a minha época de criança.

Para meus irmãos, Kathita, Manolo e Tito, por ser meu pilar de confiança, com os quais compartilho sentimentos de fraternidade.

Meus avós, Berthita e Charito, Luis Alfonso e Mentor, pelas suas bênçãos, que me deram sonhos para começar esta aventura, homens e mulheres de luta caminhantes na educação e amor.

Irmã Enmita Pazmiño, pelo seu exemplo, bênçãos e carisma.

Marquinho, Mishelle, Raquel e Miguel, por ser o meus segundos irmãos.

Sandra e Martin, pelo seu amor permanente, por sua vivacidade e alegria que vem no sentido de tornar-me a compreender coisas simples é o amor.

A nas comunidades indígenas da Costa, Amazonía e Montanhas que me acolheram em suas casas e compartilharam seus conhecimentos de forma aberta meus respeito e consideração ao todos eles já que sim sua ajuda, este trabalho não poderia ser feito.

Minhas professoras amigas: Dra. Leonor Costa Maia, pelo seu carisma e carinho; Dra. Tatiana Gibertoni, que me guiou no meu trabalho de dissertação, por sua paciência e ensino, entrega e amizade; aos Dr. Oswaldo Fidalgo e Dra. Maria Auxiliadora Cavalcanti, como a reflexão dos professores que ensinam com amor e coerência.

Aos professores: Dra. Elaine Malosso, Dra. Uided M.Cavalcante, , Dra. Marcela Caceres, Dr. Luiz Bezerra, Dra. Laíse Andrade, Dr.Ulysses Albuquerque, Dra. Fatima Bezerra, Dr. Carlos Cerón, Drs. Gastón Guzman e Laura Guzmán-Dávalos, Dr. Luiz Gusmão, Dr. Iuri Baseia, pelos ensinamentos e carisma.

Aos amigos e amigas do Fungario do Herbario Alfredo Paredes –QAP-Escuela de Biología da Universidade Central no Equador: Rebe, Albi, Chio, Alexandra, Luis Carrasco, Luis Tonato, Catalina,Santiago, José Luis, Silvana, Ruben, Lenin, David, Marcela e Paulo.

À minha família, tios, tias, primos e primas, por seus desejos de sucesso e bênçãos.

Aos meus amigos e amigas do laboratório II da PPGBF no Brasil: Tati, Marcela, Jader, Ricardo, Felipe, Bruno, Allyne, Larissa, Juliano, Georgea, Victor, Nelson, Carla e Iris, por ter sido recebido com sincera amizade, paciência em trabalho, a partilha de conhecimentos e a ajuda na tradução do presente texto.

A o Presidente e Vice-Presidente do Equador, em nome de Ec. Dr. Rafael Correa Delgado e Lenin Moreno, que pela Secretaria Nacional de Ciência e Tecnologia (SENACYT) ajudaram a financiar o projeto de investigação e mestrado.

A todos meus amigos e colegas do Departamento de Micologia da UFPE em especial: Moacir, Giovanna, João, Sr. Fernando, Nadja, Michelline, Manuela, Dani, Suzanne, Tati, Araeska, Giovanna, Cláudia, André, Philippe, Leonardo, André F., Josilene, Theomara, Wendell, David, Paula, Fabiola, Elder, Elton e Alvaro (El Salvador) pelo seu apoio e amizade.

E para todos os meus colegas, amigos e professores do Brasil, por fazerem me sentir em casa, a minha gratidão, meu apreço e respeito a todos.

*Dedico esta dissertação,
A Deus, aos meus pais, Miguel e Cecília por ser pais e amigos.*

*Aos sábios curandeiros e conhecedores da floresta equatoriana, também co- autores deste
trabalho ...*

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	iv
Sumário.....	vii
Lista de Figuras.....	x
Lista de Tabelas.....	xii
Resumo.....	xiii
Resumen.....	xiv
Abstract.....	xv
1. Introdução.....	1
1.2. A etnomicología na América Latina.....	2
2. Materiais e Métodos.....	6
2.1. Áreas de estudo.....	6
2.1.1 Equador e os diferentes ecossistemas.....	6
2.1.2 Os povos indígenas e comunidades colonas.....	10
2.1.2.1 Região Costa.....	11
2.1.2.1.1 Os Chachis.....	11
2.1.2.1.2 Os Tsachilas.....	12
2.1.2.1.3 Os Afro-equatorianos.....	13
2.1.2.1.4 Os Epera.....	14
2.1.2.2 Região Cordilhera.....	14
2.1.2.2.1 Os Kichwa da Cordilhera.....	14
2.1.2.2.2 Os Colonos ou mestiços.....	16
2.1.2.3 Amazônia.....	16
2.1.2.3.1 Os Kichwa.....	17
2.1.2.3.2 Os Secoyas.....	18
2.1.2.3.3 Os Sionas.....	19
2.1.2.3.4 Os Shuaras.....	19
2.1.2.3.5 Os Shiwiar.....	20
2.1.2.3.6 Os Cofanes.....	21
2.1.2.3.7 Os Zaparas.....	23
2.1.2.4 Ilhas Galapagos.....	23
2.1.2.4.1 Os colonos ou mestiços.....	23
2.2 Coleta e Análise de Dados.....	24

3. Resultados e Discussão.....	27
3.1. Artefatos micomórficos no Equador	27
3.2. Costumes micófilos no Equador: dados atuais.....	29
3.2.1. Região Costa.....	29
3.2.1.1 Os Chachis.....	29
3.2.1.2 Os Tsachilas.....	30
3.2.1.3 Os Afro-equatorianos.....	31
3.2.1.4 Os Epera.....	32
3.2.1.5 Similaridade de consumo das espécies por categoria de uso e por etnia.....	33
3.2.2 Região Cordilheira (Andes).....	33
3.2.2.1 Os Kichwas das montanhas.....	33
3.2.2.2 Os Colonos ou mestiços.....	34
3.2.2.3 Similaridade de consumo das espécies por categoria de uso e por etnia.....	35
3.2.3 Amazônia.....	35
3.2.3.1 Os Kichwas da Amazônia.....	35
3.2.3.2 Os Secoyas.....	40
3.2.3.3 Os Sionas.....	43
3.2.3.4 Os Shuaras.....	44
3.2.3.5 Os Shiwiar.....	46
3.2.3.6 Os Cofánes.....	47
3.2.3.7 Os Záparas.....	48
3.2.3.8 Similaridade de consumo das espécies por Categoria de uso e por etnia.....	49
3.2.4 Ilhas Galápagos.....	50
3.3.4.1 Os colonos ou mestiços	50
3.3 Utilizações dos fungos por categoria.....	51
3.3.1 Algumas das principais espécies usadas no Equador.....	51
3.3.1.1 Fungos zôo-comestíveis.....	52
3.3.1.2 Fungos comestíveis.....	53
3.3.1.3 Fungos bio-indicadores de época de plantio.....	62
3.3.1.4 Fungos medicinais.....	63

3.3.1.5 Fungos-lúdicos	68
3.3.1.6 Fungos ornamentais.....	70
3.3.1.7 Fungos ritualísticos.....	72
3.3.1.8 Fungos mitológicos.....	73
3.3.1.9 Fungos alucinógenos.....	77
3.3.1.10 Fungos luminosos.....	78
3.3.1.11 Fungos venenosos.....	80
3.4. Espécies de consumo comum a etnias equatorianas e a outras etnias.....	81
3.5. Diversidade total de espécies,famílias e filos.....	83
4. Conclusões	86
5. Bibliografía.....	87
6. Anexos	92

LISTA DAS FIGURAS

Fig. 1. Floresta seca do litoral, Ilha da Plata, Província de Manabi.....	6
Fig. 2. Manguezais na Província de Esmeraldas.....	7
Fig. 3. Paramo Antisana, Província do Napo.....	7
Fig. 4. Floresta densa no estuário do Río Intag, Província de Imbabura.....	8
Fig. 5. Cercanias ao Vale do Costa, Província de Imbabura.....	9
Fig. 6. Lago Limoncocha com floresta inundável ao fundo, Província de Sucumbios.....	9
Fig. 7. Praia Concha Perla, Ilha Isabela, Província de Galápagos.....	10
Fig. 8. Principais Nacionalidades Indígenas e Comunidades do Equador.....	11
Fig. 9. a. Simón de La Cruz observando basidiomas de <i>Staheliomyces cinctus</i> “Ujcum telele” b. Comunidade El Capuli.....	12
Fig.10. a. Manuel Calazacón e María Clorinda Aguavil reconhecendo espécies de macrofungos ”Kijte”. b. Rio Baba Reserva Tsachila de Chihuilpe.....	13
Fig.11. a. Comunidade de Colón, na viera do rio Onzole b. Rio Cayapas, Principal via de comércio dos povos afro-equatorianos.....	13
Fig.12. a. Dona Santa Garabato com <i>Cookeina speciosa</i> “Vasu chaquie”. b. Comunidade Santa Rosa dos Epera.	14
Fig.13. a. Mulheres vendendo <i>Agaricus pampeanus</i> “Kallamba” no mercado de Sangolqui, Província de Pichincha, b. Vegetação do lago La Mica, Reserva ecológica Antisana, principal lugar de coleta de macro fungos ”Kallambas”.	15
Fig.14. a. Maria Flores limpando <i>Favolus tenuiculus</i> “Pusunera” antes de fritá-los. b. Estrada de ingresso na comunidade Selva Alegre, província de Imbabura.....	16
Fig.15. a. Gladis Grefa limpando sua pele com <i>Corioloopsis polyzona</i> “Chonta ala”. b. Visão frontal do Rio Arajuno, Província de Pastaza. Micofilia por região	17
Fig.16. a. Norma e Joaquina Payaguaje procurando macrofungos. b. Reserva de Reprodução Faunística do Cuyabeno.....	18
Fig.17. a. Vitoriano Criollo em entrevista informal com o autor b. Vegetação típica do Puerto Bolivar.....	19

Fig.18. a. Pedro Uwinjin, o autor e Fanny Huambio, após coleta de macrofungos. b. lago de Sardinayaku.....	20
Fig.19. O autor em entrevista informal com Juana Kunchikuy. b. entardecer na comunidade nas proximidades do rio Conambo.....	21
Fig.20. a. Mulheres Cofán em conversa sobre o uso dos macrofungos. b. Modelo de casa em na comunidade de Dureno.....	22
Fig.21. a. Entrevistas informais com as mulheres Záparas com tradução de Vacilio Gaulinga. b. Rio Itañambi com uma criança navegando em canoa, principal meio de transporte da comunidade.....	23
Fig.22. Cerro El Croquet, onde alguns jovens procuram o macrofungo de uso Alucinógeno.....	23
Fig.23. Estufa a carvão; b. Estufa elétrica; c. Estufa por calor indireto, sobre uma tampa de panela quente.....	25
Fig.24. a. Prato hemisférico com pé curto; possui desenhos micomórficos de <i>Geastrum cf. saccatum</i> . b. Detalhes dos basidiomas fechados.....	27
Fig.25. a. Artefato em forma de macrofungo agaricáceo, possivelmente do gênero <i>Amanita</i> , devido a certas características como o anel e a volva, presentes no gênero em questão. b. Observa-se também a margem estriada do píleo. c. Representa uma taça plana nas bordas e côncava no centro, com pé comprido,de cor preta característica da decoração, que é regulada pela presença de oxigênio durante o cozimento.....	28
Fig.26. Frequência dos registros por categoria de uso nas etnias equatorianas estudadas.....	51
Fig.27. Frequência que uma espécie é utilizada pelas etnias equatorianas estudadas.....	84
Fig.28. Frequência que uma família é utilizada pelas etnias equatorianas estudadas.....	84
Fig.29. Frequência de uso por filo.....	84
Fig.15. Frequência de registros de usos de fungos por região.....	85

LISTA DAS TABELAS

Tab.1. Espécies, com nomes locais, etimologia e usos pelos Chachis.....	29
Tab. 2. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Tsachilas.....	30
Tab. 3. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Afroecuatorianos.....	31
Tab. 4. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Epera.....	32
Tab. 5. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Kichwas da Cordilheira...	33
Tab. 6. Espécies, nomes locais, etimologia e uso peos Colonos ou mestiços.....	34
Tab. 7. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos Kichwas Amazonía.....	35
Tab. 8. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Secoyas.....	40
Tab. 9. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Sionas.....	43
Tab.10. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Shuaras.....	44
Tab.11. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Shiwiar.....	46
Tab.12. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Cofanes.....	47
Tab.13. Espécies, nomes locais, etimologia e uso pelos Záparas.....	48
Tab.14. Espécies, nomes locais, etimologia e uso das comunidades pesquisadas.	104

RESUMO

O presente estudo registra macromicetes, macroliquens e mixomicetes usados em 13 comunidades (indígenas, colonas e afro-equatorianos) nas quatro regiões do Equador (Costa, Cordilheira e Amazônia e Ilhas Galápagos). Foram realizadas consultas bibliográficas, visitas aos herbários equatorianos, e coletas em feiras populares e em comunidades assentadas dentro das florestas protegidas durante os anos de 2002 a 2009, usando sistemas de entrevistas informais apoiados em na convivência nessas comunidades. Além disso, análises de artefatos foram realizadas em museus equatorianos, encontrando-se duas novas ocorrências micomórficas das ordens Geastrales e Agaricales. Das visitas às 13 comunidades, foram obtidos 2942 registros de macrofungos, liquens e mixomicetos, dos quais 477 representam espécies, famílias e filos para os quais foram relatados usos. Foram identificadas 157 espécies de 40 famílias em 11 categorias de uso: zôo-comestíveis, comestíveis, indicadoras de época de plantio, medicinais, lúdicos, ornamentais, rituais, mitológicas, alucinógenas, “luminosas” (bioluminescentes) e venenosas. As espécies mais utilizadas são: *Favolus tenuiculus* (8% dos registros) e *Ganoderma australe* (7%), seguidas por *Auricularia delicata* (6%), *A. fuscossuccinea* (6%) e *Lentinus crinitus* (6%). Das famílias identificadas, Polyporaceae (12%) apresentou maior frequência de uso, seguida por Marasmiaceae (11%) e Xylariaceae (10%). O filo com maior frequência de uso foi Basidiomycota (84%). A categoria mitológica foi mais vezes mencionada (28,5%), seguida pela comestível (24,5%) e medicinal (24,1%). O uso de *Favolus tenuiculus*, *Ganoderma australe*, *Auricularia fuscossuccinea*, *A. delicata* e *Pleurotus djamor* foi comum a todas as regiões do Equador continental, sendo algumas dessas espécies as mais frequentes dentro de cada categoria. A região com maior frequência de usos é a Amazônica (80,50% dos registros), seguida pela Costa (14,25%), Cordilheira (5,03%) e Ilhas Galápagos (0,20%), dados diretamente proporcionais ao número de etnias de cada região. As observações permitem concluir que o Equador é um país micófilo desde épocas ancestrais.

Palavras chaves: Etnomicologia, Nacionalidades indígenas, categorias de uso, Equador

RESUMEN

El presente estudio registra macromicetos, macroliques e mixomicetos usados en 13 comunidades (indígenas, colonas e afro-ecuatorianos) en las cuatro regiones del Ecuador (Costa, Sierra, Amazonía e Islas Galápagos). Fueron realizadas consultas bibliográficas, visitas a herbarios ecuatorianos, colectas en ferias populares y en comunidades asentadas dentro de áreas protegidas durante los años de 2002 a 2009, usando sistemas de entrevistas informales apoyados en la convivencia en esas comunidades. Además se analizaron piezas arqueológicas en museos ecuatorianos, donde se encontró dos nuevos registros micomórficos de los ordenes Geastrales y Agaricales. De las visitas a las 13 comunidades, fueron obtenidos 2942 registros de macrofungos, macroliques y mixomicetos, de los cuales 477 representan especies, familias y filos de los cuales se relatan usos. Fueron identificadas 157 especies de 40 familias en 11 categorías de uso: zoo-comestibles, comestibles, indicadoras de época de siembra, medicinales, lúdicos, ornamentales, rituales, mitológicas, alucinógenas, “luminosas” (bioluminescentes), venenosas. Las especies más utilizadas son: *Favolus tenuiculus* (8% de los registros) y *Ganoderma australe* (7%), seguidas por *Auricularia delicata* (6%), *A. fuscusuccinea* (6%) y *Lentinus crinitus* (6%). De las familias identificadas, Polyporaceae (12%) presentó mayor frecuencia de uso, seguida por Marasmiaceae (11%) y Xylariaceae (10%). El filo con mayor frecuencia de uso fue Basidiomycota (84%). La categoría mitológica fue más mencionada (28,5%), seguida por comestible (24,5%) y medicinal (24,1%). El uso de *Favolus tenuiculus*, *Ganoderma australe*, *Auricularia fuscusuccinea*, *A. delicata* y *Pleurotus djamor* fue común a todas las regiones del Ecuador continental, siendo algunas de estas especies las más frecuentes dentro de cada categoría. La región con mayor frecuencia de usos es la Amazónica (80,50% dos registros), seguida por la Costa (14,25%), Sierra (5,03%) e Islas Galápagos (0,20%), datos directamente proporcionales al número de etnias de cada región. Las observaciones permiten concluir que el Ecuador es un país micófilo desde épocas ancestrales.

Palabras clave: Etnomicología, Nacionalidades indígenas, categorías de uso, Ecuador.

ABSTRACT

This study recorded macromycetes, macrolichens and myxomycetes used in 13 communities (indigenous, settlers and Afro-Ecuadorian people) in the four regions of Ecuador (Coast, Mountains, Amazonia and Galapagos Islands). Literature was consulted, Ecuadorian herbaria were visited and mushrooms were collected in popular markets and in the communities, placed in protected areas, from 2002 to 2009, using informal systems based on interviews and on the coexistence in these communities. Archaeological artifacts were also analyzed in museums in Ecuador, in which two new mycomorphical records of orders Agaricales and Geastrales were found. Of the visits to the 13 communities, 2942 records of macromycetes, macrolichens and myxomycetes were obtained of which 477 represent species, families and phyla to which uses were observed. One-hundred fifty-seven species from 40 families were reported in 11 categories of use: zoo- edible, edible, indicator of growing crops, medicinal, entertainment, ornamental, ritual, mythological, hallucinogenic, "bright" (Bioluminescent), poisonous. The most frequently used species were: *Favolus tenuiculus* (8% of records) and *Ganoderma australe* (7%), followed by *Auricularia delicata* (6%), *A. fuscossuccinea* (6%) and *Lentinus crinitus* (6%). Of the families identified, Polyporaceae (12%) had the highest frequency, followed by Marasmiaceae (11%) and Xylariaceae (10%). The phylum with the highest frequency of use was Basidiomycota (84%). The mythology was the category that was most often mentioned (28.5%), followed by edible (24.5%) and medicinal (24.1%). The use of *Favolus tenuiculus*, *Ganoderma australe*, *Auricularia fuscossuccinea*, *A. delicata* and *Pleurotus djamor* was common to all regions of the continental Ecuador, with some of these species being the most frequent within each category. The region with more frequency of is the Amazonia (80.50% of the records), followed by Coast (14.25%), Mountains (5.03%) and Galápagos Islands (0.20%), results directly proportional to number of communities in each region. The observations allow concluding that Ecuador is a micophylous country since ancient times.

Key words: Ethnomycology, Indigenous nationalities, categories of use, Ecuador.

1. INTRODUÇÃO

A biodiversidade no Equador está concentrada em 260.000 km² dos 283.561 km² da área total do país, incluindo as Ilhas Galápagos. Dessa biodiversidade, várias espécies são nativas e endêmicas, muitas das quais já ameaçadas de extinção. Por exemplo, das 20.000 espécies de plantas vasculares no país, 4.000 são endêmicas e 375 encontram-se ameaçadas (Sierra, 1999).

Atualmente, se desconhece o número de espécies de fungos ocorrentes no Equador. Em todo o mundo, admite-se a existência de 70.000 a 100.000 espécies conhecidas (Mata, 1999). Depois dos insetos, os fungos são os mais abundantes e menos conhecidos organismos eucariotas. Estudos efetuados nas Ilhas Britânicas sobre a relação planta-fungo foram tomados como base para estimar entre um e 1,5 milhão de espécies o número de fungos em todo o mundo (Hawksworth, 1991; 1993; Lodge, 1995; Lodge *et al.*, 1996). Entretanto, como a associação de fungos e plantas e de fungos com outros organismos é provavelmente ainda maior em áreas tropicais, este número poderia aumentar significativamente com a realização de pesquisas micológicas (Lodge, 1995).

Embora os prejuízos causados por alguns fungos ao homem, plantas e animais sejam conhecidos desde a antiguidade, a utilização de espécies benéficas é igualmente antiga, com registros greco-romanos que datam do século III AC (Findlay, 1982).

No Novo Mundo, as antigas civilizações são classificadas como não micófilas, excetuando os povos primitivos do México, para os quais os fungos tinham um significado todo especial, pois permitiam até mesmo falar com seus deuses (Heim, 1957). Historiadores europeus têm conhecimento deste fato desde 1502, por ocasião da coroação do rei Montezuma II, durante a qual houve uma ingestão de fungos alucinógenos (Teo-nanácatl) tão exagerada por parte da população que resultou em estados depressivos que provocaram uma onda de suicídios em massa (Heim, 1957).

A Etnomicologia foi definida por Robert Gordon Wasson como um ramo da Etnobotânica que estuda o papel dos fungos, no sentido mais amplo, do passado da Humanidade até o presente (Wasson, 1980), exemplificando as atitudes de rejeição e aceitação dos fungos com os termos “micóforo” e “micófilo”. O trabalho de Wasson é pioneiro no campo da Etnomicologia, pois foram compilados termos, tradições, mitos, práticas do cotidiano de culturas de todo o mundo (Pfister, 1988).

1.2. A etnomicologia na América Latina

Na América Latina, os fungos têm duas percepções: uma mágico-ritual e a outra como um recurso dentro das diferentes categorias de uso, cercado por lendas e tradições, produto do fluxo de informações transmitidas de geração em geração. Este conhecimento sofreu mudanças nos diferentes grupos étnicos desde o momento da conquista espanhola, e muito foi perdido antes mesmo dos estudos sobre sua real magnitude (Schultes e Hoffman, 1982; Benjamin, 1995; Guzmán, 1997).

Durante séculos, xamãs e bruxos mexicanos e chefes religiosos de povos do norte e sul da América usaram plantas e fungos sagrados (enteogênicos) que os levariam a uma percepção mais elevada, ou seja, aos níveis de intuição mais profundos, que seriam atingidos quando a pessoa que os experimentasse não estivesse à procura de reações passageiras, e sim de compreensão. Por esta razão, o homem antigo tinha profundo respeito e reverência a estes organismos, desenvolvendo assim uma atmosfera mágico-religiosa, cautelosamente preservada (Vergara-Oliva, 1996).

O estudo etnomicológico dos grupos latino-americanos foi iniciado com a pesquisa de Valentina Pavlovna e Robert G. Wasson, conhecido como o pai da Etnomicologia. Em 1955, movidos pelo interesse nas espécies enteogênicas, participaram junto com María Sabina, de uma cerimônia xamânica na qual ingeriram cogumelos alucinógenos (Pfister, 1988).

Na Meso-América (México, Guatemala, Honduras e Nicarágua), os fungos macroscópicos têm sido de grande importância para algumas culturas, nas quais são utilizados como medicamento, alimento e como um elemento mágico-ritual, especialmente aqueles com efeito alucinógeno. Desde tempos mais remotos, os povos mesoamericanos reconheceram, por exemplo, as propriedades alucinógenas do fungo *Claviceps purpurea* (Fr.) Tul., causador do fogo de Santo Antônio, e de espécies de *Psilocybe*, conhecidas como *Teonanácatl* (carne de Deus) (Watts, 1978).

No México, *Psilocybe cubensis* (Earle) Singer, *P. aztecorum* R. Heim e *P. zapotecorum* R. Hein representam o deus chamado Teo-nanácatl e são utilizadas pelos maias desde tempos pré-hispânicos em rituais sagrados de cura e como um veículo de comunicação com deuses (Furst, 1980; Benitez, 1969). Por isso, o México é reconhecido como um país micófilo, com tradição ancestral em utilização de fungos nas diferentes categorias de consumo. Mapes *et al.* (1981) constataram que indígenas Purepecha, da localidade Patzcuaro, reconheceram 134 espécies com diferentes usos: medicinais, comestíveis e venenosos, organizadas em um sistema

de classificação com 11 grupos. Estudos posteriores em três populações no município de Acambay mostraram 55 espécies de macromicetes, das quais 50 eram basidiomicetos, quatro ascomicetos e um líquen, todos com nomes próprios, dos quais 40 na língua nativa Otomí. De acordo com a sua utilização, 23 espécies eram comestíveis, nove medicinais, uma usada como pigmento, uma como inseticida e 12 foram relatadas como tóxicas (Aroche e Estrada, 1987).

Também foram encontrados artefatos de cerâmica maia no México, Guatemala e El Salvador que datam de aproximadamente 1000 A.C. e que demonstram o consumo de cogumelos alucinógenos, representando a relação entre a mitologia e o xamanismo. Um fragmento de um artefato encontrado na área Colina, no México, mostra um grupo de pessoas dançando em torno de um fungo, possivelmente uma espécie de *Psilocybe*, que é de grande importância como um objeto de poder (Schultes e Hofman, 1982).

Recentemente, *Daldinia fissa* C. G. Lloyd foi citada como um ascomiceto comestível no Departamento de Chimaltenango, na Guatemala. Nesta localidade, o fungo é conhecido no dialeto Kaqchikeda como “Tzan tz’i”, que significa “nariz de cachorro” ou “nariz de chucho”, por causa da forma do ascostroma (Morales *et al.*, 2006).

Na América do Sul, o Brasil é o país que mais explorou o conhecimento micológico dos seus grupos étnicos. Fidalgo (1965) publicou uma revisão sobre o assunto no país, encontrando um grande vazio de informação, não por causa da falta de conhecimento por parte dos grupos indígenas, mas sim pela falta de interesse de pesquisadores e historiadores sobre o tema. Este trabalho serviu como ponto de partida para uma série de pesquisas que evidenciaram que, embora os nativos brasileiros não sejam fortemente micófilos como os mexicanos, ainda assim demonstram conhecimento no manejo dos recursos micológicos (Prance, 1973, Fidalgo e Prance 1976; Fidalgo e Hirata 1979; Góes-Neto e Bandeira 2001). Um exemplo disso são as várias tribos de Yanomami no norte da Amazônia brasileira que usam diferentes espécies de fungos, basidiomicetos de modo geral, para a alimentação e para fins medicinais. Além disso, apresentam também sistemas nomenclaturais específicos para algumas espécies, colocando vocábulos próprios para designá-los, e pela uniformidade dos sufixos ou prefixos demonstrando serem possuidores de uma primitiva noção de taxonomia micológica (Fidalgo, 1965). Outros povos sul-americanos não usam os cogumelos como recurso valioso e são, portanto, classificados como não micófilos (Prance, 1973; Fidalgo e Prance, 1976; Fidalgo & Hirata, 1979); alguns estudiosos sugerem que os povos com fobia ao consumo de fungos sejam denominados micofóbicos (Góes-Neto e Bandeira, 2001). Em estudos realizados na localidade de Maruanum, estado de Amapá, Amazônia brasileira, foi observado o uso tradicional de

Pycnoporus sanguineus (L.) Murrill como corante para acabamento das peças de barro, sendo denominado pela comunidade como orelha-de-pau (Sotão e Figueiredo, 1996).

No Peru e na Bolívia, trabalhos etnobotânicos em comunidades indígenas registraram a utilização de alguns fungos não identificados (Franquemont *et al.*, 1980; Boom, 1987).

Nas florestas das montanhas da Guiana foram descritas 11 espécies que apresentam comestibilidade por parte dos indígenas Patamona, como *Amanita perphaea* Simmons, T.W. Henkel & Bass ("pulutukwe"), *Boletellus ananas* (Curt.) Murrill ("aawahgo"), *Favolus brasiliensis* Fr. ("katsala"), *Lentinula* cf. *boryana* (Berk. & Mont.) Pegler ("kapiokwok"), *Lentinus crinitus* (L. ex Fr.) Fr. ("kewetuik"), entre outros (Henkel *et al.*, 2004).

Na Venezuela, um estudo recente descreve a relevância dos macrofungos na vida diária da comunidade dos Jöti (Zent, 2008). O autor relata as categorias de uso dos fungos, os quais são utilizados na alimentação, na medicina e em rituais, evidenciando sua importância na percepção do ambiente e na sua mitologia, ou seja, na vida deste grupo amazônico.

Na Colômbia, existem registros nas feiras em Bogotá e Cali sobre a comercialização de *Lycoperdon piriforme* Schaeff. e *L. maximum* Schaeff., ambos como desinfetante, homeostático e curativo, e de *Coprinus atramentarius* (Bull.) Fr., como alimento e remédio para tratamento de alcoolismo (Garcia-Barriga, 1992; Perez - Arbeláez, 1996). Em estudos sobre as tribos Muinanes, Uitotos e Andokes, é mencionada uma grande quantidade de espécies de fungos lignícolas, entre as quais se destacam aquelas usadas na alimentação humana, como *Lentinula raphanica* (Murrill) Mata & R. H. Petersen e *Lentinus scleropus* (Pers.) Fr., entre outros (Vasco-Palacios *et al.*, 2008).

No Equador, Patouillard & Lagarheim (1891) descreveram alguns fungos comestíveis, como *Lepiota callamba* Patouillard & Lagarheim, cujo nome popular é Kallamba, vocábulo comumente usado para os fungos comestíveis nas cordilheiras dos Andes ("Sierra") do Equador. Uma pesquisa etnomicológica recente realizada no país descreve os fungos úteis, representados nas seguintes categorias de uso: comestíveis, medicinais, rituais, mitológicos e ornamentais. Para os Kichwas amazônicos, 135 espécies (59,47%) de 190 registros foram consideradas úteis; para os Secoyas, 51 espécies (22,46%) de 69; e para os Shuar, 41 (22,46%) das 50 espécies reconhecidas. Das 309 espécies encontradas no total, 227 são úteis para esses três grupos, o que equivale a uma diversidade de uso de 73,4%, valor considerado elevado (Gamboa e Entza 2005).

O conhecimento etnomicológico contribui para o conhecimento etnobiológico que pode auxiliar na proteção dos ecossistemas do Equador, onde co-existem 17 comunidades: Kichwa amazônicos, Kichwa da cordilheira dos Andes, Siona, Secoya, Cofan, Huaorani, Shuaras,

Shiwiar, Achuar, Zaparas, Kandash, Epera, Chachis, Tsachilas, Awa, além de afro-equatorianos e Colonos, os dois últimos estabelecidos há mais de 500 anos, desde a chegada dos espanhóis e que adquiriram conhecimentos de outras etnias e da interação com o ambiente.

Pelos escassos trabalhos em etnomicologia no Equador, a presente pesquisa visou ampliar o conhecimento de maneira introdutória sobre os macrofungos, líquens e mixomicetos úteis em 13 comunidades equatorianas. Para isso, foram visitadas comunidades localizadas na floresta equatoriana e feiras populares, além de revisões de coleções de herbário e investigações em museus *ex situ*, a fim de realizar um inventário etnomicológico preliminar, apresentando categorias de consumo por etnias e por cada região do Equador continental e insular, investigando assim o comportamento micofílico de comunidades do país, evitando assim a perda cultural ocasionada pela colonização espanhola e pela atual degradação do ambiente em que esses povos vivem.

2. MATERIAS E MÉTODOS

2.1 Áreas de estudo

2.1.1. Equador e os diferentes ecossistemas

a. Ecossistemas secos e semi-secos do litoral: A ação da corrente fria de Humboldt é responsável pela presença de uma série de desertos e semi-desertos na costa oeste da América do Sul. A extrema secura de Santa Elena (Guayas) no Equador e das costas chilenas e peruanas resulta em uma floresta semi-seca com características únicas no mundo, como bosques xerofíticos com espécies de plantas caducifólias, cactáceas, entre outras (Sierra, 1999).



Fig. 1. Floresta seca do litoral, Ilha da Plata, Província de Manabí. Foto: J. P. Gamboa - Trujillo, 2005.

b. Manguezais: Um ecossistema de água salobra, representando uma pequena parte da vegetação do país (Sierra, 1999). A alta concentração de sais na água e as alterações no nível das marés implicam em uma baixa biodiversidade. Neste ecossistema, muitos dos povos afro-equatorianos trabalham, obtendo benefícios a partir da coleta de caranguejos e moluscos.



Fig. 2. Manguezais na Província de Esmeraldas. Foto: J. P. Gamboa-Trujillo, 2005.

c. Páramo: Localizado entre 4500 e 3500 m de altitude, aproximadamente, o páramo é um dos ecossistemas mais interessantes do país, pela sua caracterização biológica e sua sazonalidade evidente, próprio das latitudes temperadas e polares. No passado, a paisagem foi esculpida pelo avanço e retrocesso das geleiras, formando um ecossistema de montanha. Existem evidências de ação dessas vastas massas de gelo nos vales em forma de U, e as lacunas típicas destes locais. Os paramos cobrem as partes mais altas das montanhas, formando ilhas separadas por florestas e culturas andinas, (Sierra, 1999) e onde vive um grande número de povos indígenas das montanhas, como os Kichwa das montanhas, Kayambi, Kitukara, Cañari, entre outros.



Fig. 3. Paramo Antisana, Província do Napo. Foto: J. P. Gamboa - Trujillo, 2002.

d. Floresta de neblina dos Andes: Encontrada no sopé dos Andes, entre 3500 e 1800 m de altitude, tanto externamente quanto internamente à cordilheira. Este é um dos ecossistemas

que mais sofre com a atividade humana, tendo sido transformado drasticamente pelas cidades, estradas, zonas agrícolas, e ficando os remanescentes dessa floresta em áreas inacessíveis. A floresta de neblina é um ecossistema típico de montanhas tropicais, com árvores de 25 a 30 metros de altura. O nome é devido às correntes de ar que sobem das partes baixas como a Amazônia e o litoral, trazendo uma grande quantidade de umidade que cai como neblina sobre as bordas das cordilheiras. A variação altitudinal e as características microclimáticas que ocorrem na floresta Andina, além do aumento da temperatura, provocam o aumento da biodiversidade (Sierra, 1999). Além disso, existem comunidades de colonos que vivem nas proximidades e fazem uso dessas florestas em programas de ecoturismo sustentável.

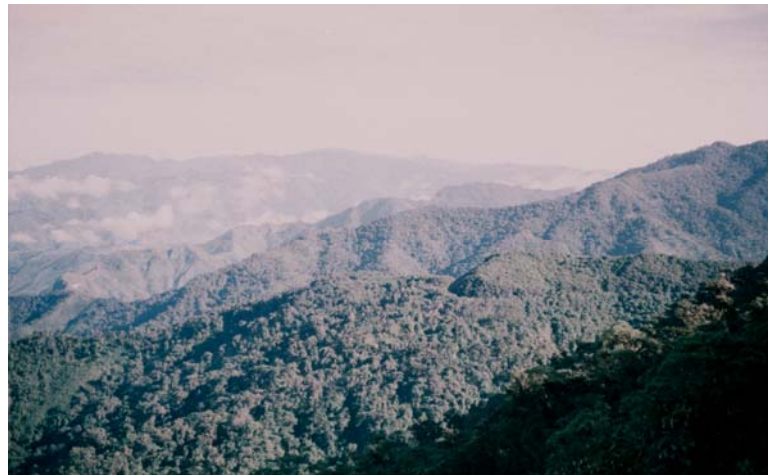


Fig. 4. Floresta densa no estuário do Rio Intag, Província de Imbabura. Foto: J. P. Gamboa - Trujillo, 2005.

f. Os vales secos interandinos: Existem regiões no Equador consideradas xerofíticas, como os vales de Chota, Guayllabamba e Ambato. O clima especial destes vales é devido a um fenômeno chamado chuva de sombra, produzida nas encostas das montanhas. (Sierra, 1999). A biodiversidade destas áreas é muito baixa, devido a condições adversas para os organismos que devem lidar com a falta de água.



Fig. 5. Cercanias ao Vale do Chota, Província de Imbabura. Foto: J. P. Gamboa-Trujillo, 2005.

g. Floresta úmida de terras baixas: É a parte que corresponde ao Equador amazônico, incluindo as partes basais dos Andes, além da floresta da província de Esmeraldas. Este ecossistema é caracterizado pela alta diversidade causada pelo efeito da alta umidade e temperatura (entre 19°C e 25°C aproximadamente). Está também presente no cinturão equatorial tropical da África, Ásia Oriental e América do Sul, sendo mais extenso neste último (Amazônia) e onde existem pelo menos dois tipos de floresta: uma chamada terra firme (aquelas afastadas dos rios e nunca inundadas) e outra de florestas sazonalmente inundadas (várzeas e igapós). (Sierra, 1999). A floresta amazônica tropical é a sede de vários de grupos étnicos que têm vivido em equilíbrio com o meio ambiente ao longo dos séculos.



Fig. 6. Foto do Lago Limoncocha com floresta inundável ao fundo, Província do Sucumbios. Foto: J. P. Gamboa -Trujillo, 2002.

h. Ilhas Galápagos: O afastamento do continente, a sua recente origem vulcânica e a ação de um sistema de correntes oceânicas, entre outros fatores, contribuíram para a criação de um lugar com características únicas da fauna e da flora, com elevado número de espécies endêmicas (Sierra, 1999).



Fig. 7. Praia Concha Perla, Ilha Isabela, Província de Galápagos. Foto: J. P. Gamboa - Trujillo, 2005.

2.1.2 Os povos indígenas e comunidades colonas

A diversidade cultural que possui o país está representada por 17 etnias, e vem de um processo de adaptação de uma grande variedade de habitats e migração de grupos indígenas de países vizinhos. Além disso, a chegada dos espanhóis trouxe com eles os africanos no século XVI, o que levou à mistura da população (de La Torre *et al.*, 2008). Essas comunidades coexistem em equilíbrio com a natureza, aproveitando os recursos naturais que a floresta oferece, mediante atividades de coleta de frutos, raízes, folhas e macrofungos, além da caça e pesca. Neste caso, os macrofungos representam um elemento básico na alimentação e medicina, em rituais e mitos, entre outras categorias de consumo, que são parte das tradições de cada comunidade, variando de acordo com o tipo da região onde vivem.

As áreas de estudo onde se encontram estabelecidos os grupos étnicos e comunidades “colonas” estão localizadas nas regiões Costa, Cordilheira, Amazônia e nas Ilhas Galápagos, de 0 a 2400 m de altitude, distribuídos em diferentes florestas protegidas e em zonas rurais (Fig. 8).

Para uma melhor compreensão colocou-se abreviações para interpretar a cada uma das Etnias: Kichwas amazônicos (K-A), Kichwas da Cordilheira (K-S), Secoyas (Se), Cofânes (C),

Shuaras (Sh), Chachis (Ch), Colonos (Col), Sionas (Si), Shiwiar (Shi), Zaparas (Za), Tsachilas (Ts), Afro-equatorianos (Af) e Epera (Ep).

Além às categorias de uso que apresentam as seguintes abreviações: Zôo-comestíveis (Zc), comestíveis (Co), indicadoras de época de plantio (IS), medicinais (Me), lúdicos (J), ornamentais (Or), ritualísticas (Ri), mitológicas (Mi), alucinógenas (A), luminosas (L), venenosas (V). (Tab.14; anexo 4.)

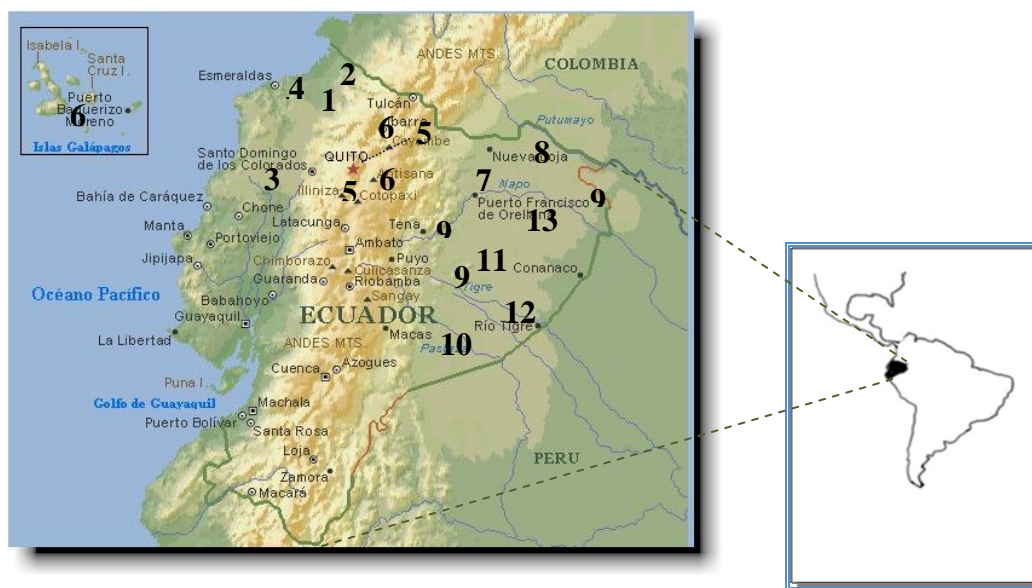


Fig. 8. Principais Nacionalidades Indígenas e Comunidades do Equador: 1. Chachis, 2. Epera, 3. Tsachilas, 4. Afro-equatorianos, 5. Kichwas das montanhas, 6. Colonos, 7. Sionas, 8. Secoyas, 9. Kichwas amazônicos, 10. Shuar, 11. Shiwiar, 12. Zaparas, 13. Cofânes. Fonte: www.mundi.aquimapas.com, 2008.

2.1.2.1 Região Costa

2.1.2.1.1 Os Chachis (Ch)

Também conhecidos como Cayapas, são originários da província de Imbabura, para onde fugiram por causa da conquista Espanhola e Inca (Benitez & Garcés, 1993). Estão localizados em três zonas a oeste da província de Esmeraldas, uma área tropical irrigada por vários rios tais como Santiago, Cayapas, Onzolé e Canandé (CODENPE, 2005). Sua língua é chamada Chafi'ki, idioma que pertence à família lingüística Barbacoa.

Sua população aproximada é de 8000 habitantes, ocupando atualmente um território de 105.000 ha de florestas primárias e secundárias na Reserva Ecológica Cotacachi-Cayapas, parte

da Reserva Ecológica Cayapas-Mataje e no interior da Reserva Ecológica Mache Chindul (CODENPE 2005, Alvarez e Montaluisa, 2007). Foram visitadas as comunidades El Capuli y El Encanto, e os informantes foram María Celestina, Pedro Casquete, Simón de La Cruz e Arsesio Orejuela.

Eles mantêm suas tradições quase intactas, apesar do advento da modernidade. Possuem uma economia tradicional que combina a agricultura, caça e pesca. A banana (*Musa* spp.), a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e o milho (*Zea mays* L.) são suas culturas de subsistência (Moreno, 1989; Benitez & Garcés, 1993). Em seus roçados também cultivam plantas para fibra e tintura, além de venenosas usadas na pesca e alucinógenas usadas em rituais (Barfod & Kvist, 1996). Sua cosmovisão está baseada em seres míticos, espíritos de pessoas que, segundo os curandeiros, moram na floresta.



Fig. 9 a. Simón de La Cruz observando basidiomas de *Staheliomyces cinctus* “Ujcum telele” **b.** Comunidade El Capuli. Foto J. P. Gamboa - Trujillo, 2005.

2.1.2.1.2 Os Tsachilas-Tsa'chi (Ts)

Também conhecidos como os Colorados pelo uso de *Bixa orellana* L. (“achiote”, “urucum”) como corante para sua pele quando há grandes eventos na comunidade. Vivem na recém-nomeada província de Santo Domingo dos Tsachilas. Foram progressivamente invadidos pela colonização, que teve lugar na década 60. Antes deste período, eram muito mal integrados à sociedade e à economia nacional. Atualmente, seu território é de 9000 ha e sua população é de 2640 pessoas, distribuídas em oito comunidades. Sobrevivem de caça, pesca, coleta de frutos e cultivo de banana (*Musa* spp.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e abacaxi (*Ananas*

comosus (L.) Merr.), além de plantas medicinais e fabricação de artesanato, constituindo essas atividades partes fundamentais de sua identidade.(CODENPE, 2005)

Sua linguagem é a Tsafi'ki, da mesma família lingüística Barbacoa dos Chachis. A comunidade com a qual se trabalhou se denomina Chihuilpe e os informantes foram María Clorinda Aguavil, Abraham Calazacon e Manuel Calazacon.



Fig. 10 a. Manuel Calazacon e María Clorinda Aguavil reconhecendo espécies de macrofungos "Kijte". **b.** Rio Baba, Reserva Tsachila de Chihuilpe. Foto J. P. Gamboa - Trujillo, 2009.

2.1.2.1.3 Os Afro-equatorianos (Af)

Esta comunidade está situada na costa norte do Equador, nas Províncias de Esmeraldas (Serra Norte), Imbabura e Carchi. Entretanto, nas últimas décadas, têm migrado para as Províncias de Pichincha e Guayas. Sua população corresponde a pouco mais de 600.000 pessoas, incluindo os mulatos (Guerrero, 2005). Sua língua é o castelhano e a comunidade está envolvida principalmente com a pesca artesanal de polvo e caranguejo e da agricultura, cultivando banana (*Musa* spp.), café (*Coffea arabica* L.) e cacau (*Theobroma cacao* L.). Sua cosmovisão está repleta de seres míticos relacionados com o ambiente da floresta, do mar e dos rios onde habitam (Naranjo, 1996). A comunidade visitada se denomina Colón e fica às margens do rio Onzole. Os informantes foram Barrito Mina e Melita Ângulo.



Fig.11 a. Comunidade de Colón, na viera do rio Onzole **b.** Rio Cayapas, principal via de comércio dos povos afro-equatorianos. Foto J. P. Gamboa - Trujillo, 2005.

2.1.2.1.4 Os Epera (Ep)

Esta comunidade é uma ramificação do Eperara Sia (Embera), um dos mais populosos grupos indígenas na Colômbia. No Equador, estão presentes como resultado de um processo migratório, que teve lugar em 1964 a partir do Chocó colombiano. O primeiro assentamento oficial ocorreu em 1993 na freguesia de Borbón, chamada Santa Rosa dos Epera com a qual se trabalhou, onde moram aproximadamente 250 pessoas, das quais Santa Garabato e Arturo Chiripua foram os informantes. Vivem da pesca e caça, coleta de frutos silvestres e confecção de cestas para comercialização. Sua cosmovisão está muito ligada à vida dos animais e da floresta. Sua linguagem é a Eperapedede da família lingüística Chocó, atualmente em perigo de desaparecimento. Entretanto, seus costumes típicos mantêm toda sua expressividade, fundamentalmente entre as mulheres (CODENPE, 2005).



Fig. 12 a. Dona Santa Garabato com *Cookeina speciosa* “Vasu chaquie”. **b.** Comunidade Santa Rosa dos Epera. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2009.

2.1.2.2 Região Cordilheira (Andes)

2.1.2.2.1 Os Kichwa da Cordilheira (K-S)

Também conhecidos como Quechua em outros países andinos, pertence ao ramo do quechua-andino equatorial (PROEL, 2007). A língua Quechua foi a língua oficial do rei Inca em Tahuantinsuyu (império Inca antes da conquista espanhola) e pertence à família Kichwa-Quechua, sendo ainda falada por milhões de pessoas na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Chile (Trupp, 1981). A localização dessa etnia nos Andes ajudou a preservar seus costumes e sua língua e permitiu a continuidade do comércio e das relações culturais entre comunidades antes da chegada dos espanhóis (PROEL, 2007).

Os Kichwa cultivam uma ampla diversidade de espécies em distintos pisos ecológicos (Morales & Schjellerup, 1997). Os principais produtos agrícolas das zonas mais altas são batata (*Solanum tuberosum* L.), “oca” (*Oxalis tuberosa* Molina), cevada (*Hordeum vulgare* L.), cebola (*Allium cepa* L.), entre outros; nas partes mais baixas, cultivam milho (*Zea mays* L.) e frutos como o tomate de árvore (*Solanum betaceum* Cav.) e plantas medicinais, sendo o excedente destes produtos comercializado (Cuvi, 1994). Além disso, são comunidades que confeccionam artesanato para decorar suas casas e para vender em feiras populares.

Sua cosmovisão está baseada na relação equilibrada entre o universo, a terra e o ser humano e na divisão binária de opostos que organiza as relações dos seres humanos, natureza e poderes sobrenaturais (terra-céu, alto-baixo, frio-quente, entre outros) (Benitez & Garcés, 1993).

Na Província de Imbabura, se trabalhou com os Kichwas Otavalos (informante Luis Guaman) e nas províncias de Pichincha (informantes María Jati e um anônimo) e do Napo (informante Octavio Tipán), com os Kichwas de origem da cultura Quito Kara.



Fig. 13 a. Mulheres vendendo *Agaricus pampeanus* “Kallamba” no mercado de Sangolqui, Província de Pichincha, **b.** Vegetação do lago La Mica, Reserva ecológica Antisana, principal lugar de coleta de macro fungos ”Kallambas”. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2007-2008

2.1.2.2.2 Os Colonos ou mestiços (Col)

Oito em cada 10 equatorianos são mestiços já que suas origens são indígena, geralmente da cultura Kichwa, e espanhola, que por sua vez possui influência das civilizações grega, romana, judia, árabe e germânica. A cultura mestiça está presente em todas as províncias do Equador continental e na região insular. As atividades agrícolas principais destas comunidades são milho (*Zea mays* L.), café (*Coffea arabica* L.), cacau, (*Theobroma cacao* L.), complementando estes trabalhos com criação bovina e extração de madeira, ocasionando desmatamento de amplas áreas. Na área costeira, a pesca é uma das atividades que também ajuda na economia destes povos (Ecociencia *et al.*, 2000; de La Torre *et al.*, 2001).

Sua língua é o castelhano, da família lingüística do indo-europeu. Foram assentados após a chegada dos espanhóis, sendo estes misturados com os povos indígenas, adquirindo seus conhecimentos com outros povos indígenas e morando na floresta. As comunidades com as que se trabalhou estão localizadas na Província de Imbabura, na população de Selva Alegre, Intag e Cerro El Quinde (informantes Segundo Flores, María de Aro e Maria Flores), e Província de Pichincha, na comunidade de Nono (informante Bertha Pazmiño) e nas proximidades de Quito (informante: Mariana Vaca).



Fig. 14 a. Maria Flores limpando *Favolus tenuiculus* “Pusunera” antes de fritá-los. **b.** Estrada de ingresso na comunidade Selva Alegre, província de Imbabura. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2006.

2.1.2.3 Amazônia

2.1.2.3.1 Os Kichwa (K-A)

Este grupo foi formado na fase inicial da colonização espanhola como resultado da união de várias tribos da região amazônica e da Cordilheira (especialmente nas províncias de Imbabura e Pichincha). Na região amazônica, se dividiram em Alamos, Sabalos, Sumaco, Quijos, Napos e Yumbos, atualmente fusionados em dois grupos, os Kichwa Quijos e Canelos (Benitez & Garcés, 1993; Morales & Schjellerup, 1999). Sua língua é da família Kichwa/quechua.

Seu território ocupa aproximadamente 1.115.000 ha, extensão que poderá ser aumentada quando forem adicionados mais 1.569.000 ha ainda por legalizar. Nessa área, moram 438 comunidades (CODENPE, 2005), cujos produtos agrícolas mais utilizados são a mandioca (*Manihot esculenta* Cranz), banana (*Musa* spp.), café (*Coffea arabica* L.), cacau (*Theobroma cacao* L.), palmito (*Bactris gasipaes* Kunth), entre outros. As comunidades visitadas foram Arajuno (informantes Gladis Grefa, Venacio López, Eulalia Chimbo e Julio Chimbo) na Província de Pastaza, Limoncocha (informante Domingo Andi (†)) e Puerto Bolívar na Província de Sucumbios (informante Cesar Chango).

Na cosmovisão deste povo, existe um mundo abstrato que possui quatro andares. Os xamãs (curandeiros) são parte importante de sua cultura e tem o poder de comunicar-se com os espíritos e deuses que moram nesse espaço abstrato, mediante o consumo de “ayahuasca”

(*Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton), “wantuk” (*Brugmansia* spp.), tabaco (*Nicotiana tabacum* L.) e “guayusa” (*Ilex guayusa* Loes.) (Whitten, 1987).



Fig. 15 a. Gladis Grefa limpando sua pele com *Corioloopsis polyzona* “Chonta ala”. **b.** Visão frontal do Rio Arajuno, Província de Pastaza. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2004.

2.1.2.3.2 Os Secoyas (Se)

Foram chamados por muito tempo através da forma pejorativa de cabeludos ou piolhentos. No passado, moravam perto de rios de águas pretas que alimentavam os rios Aguarico, Napo e Putumayo (Vickers, 1989). Segundo Cabodevilla (1989) estes povos atualmente vivem nas margens do rio Cuyabeno na Província de Sucumbios. Calcula-se que mais de 12.000 pessoas formavam este grupo humano, número que sofreu uma queda drástica através da introdução de doenças, das guerras de conquista e da escravidão a que foram submetidos. Apesar disso, de La Torre *et al.* (2001) descrevem que eles mantiveram sua cultura estável (de La Torre *et al.*, 2008). Seu território compreende 39.000 ha com uma população atual de apenas 500 pessoas, em quatro comunidades. Sua linguagem é Pai’coca da família lingüística do Ocidente Tucano e são geneticamente aparentados com os povos Tucano do Brasil. Sua alimentação e economia estão baseadas na caça, pesca e coleta de frutos. As comunidades visitadas foram El Copal (informantes Joaquina Payaguaje, Delfin Payaguaje, Alfredo Payaguaje e Norma Payaguaje e em na localidade de Sehuaya (informante Delfin Payaguaje).

Sua cosmovisão está baseada na presença de espíritos na floresta, principalmente os diabos que são observados com a ingestão de *Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton, nome vernacular “Yaje” .



Fig. 16 a. Norma e Joaquina Payaguaje procurando macrofungos. **b.** Reserva de Reprodução Faunística do Cuyabeno. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2004.

2.1.2.3.3 Os Sionas (Se)

Os Siona eram anteriormente considerados dentro da etnia Secoya por compartilhar a mesma família lingüística dos Tucanos ocidentais, mas com ligeiras diferenças na língua chamada Bai'coca. A população original foi dizimada por doenças introduzidas por agentes estrangeiros e pela exploração da borracha, em que estiveram diretamente envolvidos (CODENPE, 2005). Atualmente, existe apenas cerca de 400 pessoas, dispersas nas comunidades de Puerto Bolívar e Orahuëaya, província de Sucumbios (de La Torre *et al.*, 2008). Não se possui informação sobre a área destinada a esta população. A comunidade de Puerto Bolívar foi estudada durante um período de 20 dias e o informante foi Victoriano Criollo.

As principais atividades econômicas e de subsistência dos Siona são a caça, pesca e coleta de frutos silvestres (CODENPE, 2005). Sua cosmovisão, por ter as mesmas raízes genéticas e culturais, está ligada aos Secoyas.



Fig. 17 a. Vitoriano Criollo em entrevista informal com o autor **b.** Vegetação típica do Puerto Bolivar. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2003.

2.1.2.3.4 Os Shuaras (Sh)

Este grupo tem parentesco genético com os Achuar e Shiwiar. Trupper (1981) descreve hábitos em comum entre estes grupos, como, no passado, a redução da cabeça de seus inimigos como troféus, chamados em língua local como "tsantsa". A população está localizada nas Províncias de Morona Santiago, Pastaza e Zamora Chinchipe, porém, há assentamentos em Sucumbios e Orellana e, na Costa, em Guayas e Esmeraldas. Também estão presentes no Peru (CODENPE, 2005). Sua linguagem é Shuar Chicham, da família Aents.

Atualmente seu território é de 900.000 ha e sua população se estima em 110.000 habitantes. As principais atividades econômicas e de auto-sustento são a pesca, caça, coleta de frutos e produção de artesanato (CODENPE, 2005). A comunidade Wapu, na Província de Morona Santiago, na floresta amazônica de Sardinayaqu, Parque Nacional Sangay foi estudada durante um período de 30 dias e os informantes foram Pedro Uwinjin, Fanny Huambio, María Entza e Alcides Huambio.



Fig. 18 a. Pedro Uwinjin, o autor e Fanny Huambio, após coleta de macrofungos. **b.** lago de Sardinayaku. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2003.

2.1.2.3.5 Os Shiwiar (Shi)

Eles são os tradicionais habitantes dos territórios localizados na parte alta da bacia do rio Tigre, no sudeste da província de Pastaza, em uma área de 189.000 ha, onde vivem 697 pessoas

distribuídas em nove comunidades. Foram reconhecidos como uma nacionalidade apenas em 1999 (CODENPE, 2005). Elaboram artesanatos com materiais da floresta, como sementes e fibras. Sua economia está basicamente apoiada na olericultura, caça, pesca e coleta de frutos, atividades similares aos Shuar e Achuar, com os quais estão aparentados (de La Torre *et al.*, 2008). Sua língua é o Shiwiar Chicham, da família lingüística do Aents (Edufuturo, 2007). O povo com o qual se trabalhou se denomina Juyuintsa e está localizado próximo da cidade de Puyo, província de Pastaza. Os informantes foram Juana e Marcelino Kunchikuy.

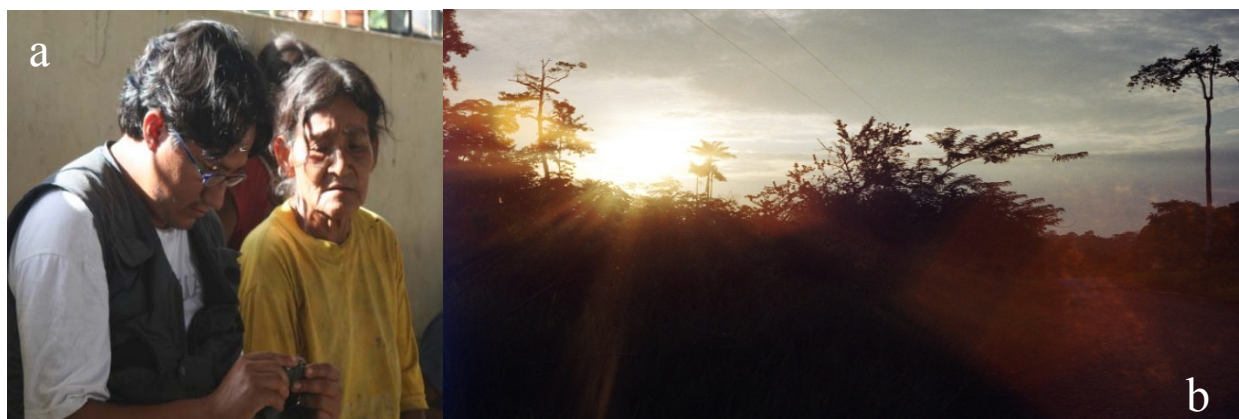


Fig. 19 a. O autor em entrevista informal com Juana Kunchikuy. **b.** Entardecer na comunidade nas proximidades do rio Conambo. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2008.

2.1.2.3.6 Os Cofanes (C)

Chamam a si mesmos como os A'i, e estão presentes também na Colômbia. Historicamente, habitam a parte superior do rio Aguarico, incluindo o que é hoje a cidade de Lago Agrio (Benitez & Garcés, 1993). Atualmente vivem na Província de Sucumbios. Seu território possui uma extensão de 149.000 ha, ocupado por seis comunidades com aproximadamente 1000 pessoas que vivem em áreas protegidas e nas proximidades da Reserva de Reprodução Faunística Cuyabeno e da Reserva Ecológica Cayambe - Coca, e do Bosque Protegido Alto Bermejo, entre outras (CODENPE, 2005). Sua subsistência está baseada na olericultura, com cultivos de banana (*Musa spp.*), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), feijão (*Phaseolus spp.*), abacate (*Persea americana* Mill.) e amendoim de árvore (*Caryodendron orinocense* H.Karst.), na caça, pesca, coleta de frutos e artesanatos, importantes atividades para manutenção da sua estabilidade na floresta. Junto à sua cosmovisão tradicional, existem elementos da cultura ocidental como o céu e o inferno (Benitez & Garcés, 1993). Sua língua é da

família A'ingae com bases desconhecidas. A comunidade Cofán com a qual se trabalhou se denomina Dureno e os informantes foram Mauricio Mendua e sua esposa (nome não informado.)



Fig. 20 a. Mulheres Cofán em conversa sobre o uso dos macrofungos. **b.** Modelo de casa em na comunidade de Dureno. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2008.

2.1.2.3.7 Os Záparas (Za)

Diz-se que este povo foi outrora muito numeroso, atualmente existindo cerca de 200 pessoas na Província de Pastaza, ao longo do rio Curaray e 700 no Peru (CODENPE, 2005, Alvarez & Montaluisa, 2007). A comunidade Uyacochoa, Província de Pastaza, foi visitada e os informantes foram Mariuxi Mucushigua, Vacilio Gualinga, Elsa Ushigua, Olimpia Ushigua, Ester Cisneros, Virginia Kujo, Flora Aranda e Juan Gualingo.

Há três anos, a UNESCO declarou a língua Zápara como patrimônio imaterial da humanidade, atualmente conhecida como Kayap e originada da linha lingüística Kayapó. Sua língua está em processo de resgate, já que só pessoas idosas falam este idioma, que começou a ser ensinado às crianças (de La Torre *et al.*, 2008).

Seu território tradicional ocupa 271.000 ha. Sua economia está baseada no manejo de roçados, caça, pesca e coleta de frutos, cultivando também mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), banana (*Musa spp.*) e chontaduro (*Bactris gasipaes* Kunth). Além disso, comercializam artesanatos (CODENPE, 2005). Esta comunidade está sendo afetada pela perda de seus conhecimentos ancestrais e de sua cosmovisão.



Fig. 21 a. Entrevistas informais com as mulheres Záparas com tradução de Vacilio Gaulinga. **b.** Rio Itañambi com uma criança navegando em canoa, principal meio de transporte da comunidade. Foto J. P. Gamboa - Trujillo, 2009.

2.1.2.4 Ilhas Galápagos

2.1.2.4.1 Os colonos ou mestiços (Col)

São colonos que povoaram as ilhas, cuja economia está baseada em atividades ecoturísticas e sofreram influência do turismo estrangeiro, através do qual aprenderam sobre os costumes e idiomas estrangeiros como parte de seu diário conviver. Sua língua é o castelhano, da família indo-européia. As pessoas entrevistadas moram na Ilha Santa Cruz e as coletas foram realizadas no Cerro El Croquet. Os informantes foram duas pessoas anônimas.

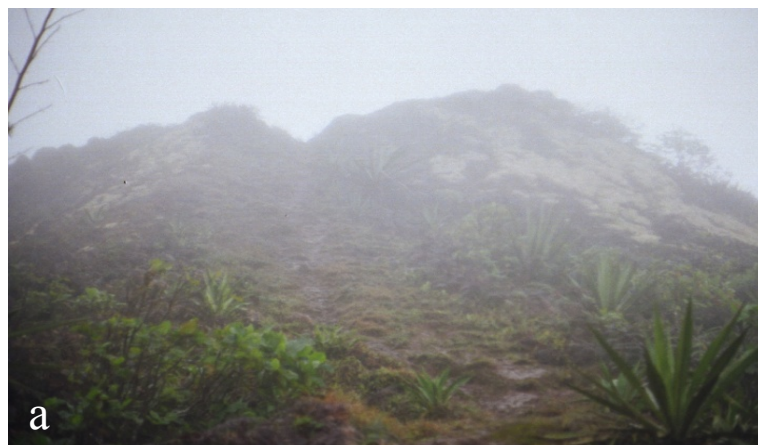


Fig. 22 a. Cerro El Croquet, onde alguns jovens procuram o macrofungo de uso alucinógeno. Foto J. P. Gambo -Trujillo, 2005.

2.2 Coleta e Análise de Dados

As visitas prévias às comunidades Kichwas amazônicas, Secoyas, Chachis, Shuaras, afro-equatorianos e parte dos Colonos foram realizadas entre 2002 e 2007; Kichwas das montanhas, demais colonos, Cofanes, Sionas e Shiwiar foram visitados de novembro a fevereiro de 2008. Kichwas das montanhas, Tsachilas, Epera e Zaparas, em novembro, janeiro e fevereiro de 2009, entre as estações seca e chuvosa. Foram coletados apenas os fungos macroscópicos dos filos Basidiomycota e Ascomycota, além de líquens e mixomicetes, para os quais foi registrado algum tipo de uso. O esforço da coleta variou de acordo com o número de pessoas que possuíam conhecimento amplo do ambiente natural e de acordo com a aceitação dos pesquisadores pela comunidade. Depois do convívio, membros da comunidade, principalmente curandeiros e sábios conhecedores da floresta de ambos os sexos e com idades entre 40 e 90 anos, aproximadamente, foram convidados para participar da pesquisa. O grupo variou de uma até oito pessoas, que aceitaram o convite de forma voluntária. As entrevistas formais e o pagamento aos informantes (em dinheiro ou troca de bens e víveres) não foram usados, já que estes processos influenciam na obtenção de dados verdadeiros. Neste caso, a convivência e o compartilhamento das atividades na comunidade são as metodologias mais confiáveis para o registro de dados fidedignos. O respeito pela informação obtida nas comunidades deve ser explicitado desde o início da pesquisa, reconhecendo os informantes como autores e co-autores do trabalho, já que os estudos em etnobiologia não poderiam ser realizados sem a presença dos sábios conhecedores da floresta. Por essas razões, foram realizadas entrevistas informais no momento da coleta e também visitas nas casas dos informantes, além de fóruns abertos informais com a participação de sábios e parte da população, obtendo-se assim dados sobre utilização, nomes vernaculares em língua local, etimologia e forma de consumo. Os macrofungos foram classificados em suas diferentes categorias de uso, tais como: zôo-comestíveis, comestíveis, medicinais, ornamentais, mitológicas, venenosos, alucinógenos (Cerón *et al.*, 2005) e indicadoras de época de plantio, lúdicas, ritualísticas, luminosas, adotadas segundo a informação adquirida nas comunidades estudadas (Gamboa-Trujillo *et al.*, 2005).

Após a coleta, as amostras foram descritas e catalogadas em caderno de campo. Para sua secagem e conservação, foi usada uma estufa de campo, movida à eletricidade, gás ou carvão (Gamboa - Trujillo, 2005) (Fig. 23 a, b). Posteriormente, a secagem foi finalizada no herbário Alfredo Paredes da Universidade Central do Equador (QAP), usando uma estufa elétrica e mantendo uma temperatura de 40° C. Os fungos dos gêneros *Clathrus*, *Phallus*, *Staheliomyces* e

gêneros afins, foram colocados em papel carbono sobre uma tampa metálica de alumínio colocada em cima de uma panela com água fervendo, sendo desidratados através de exposição ao calor indireto (Gamboa-Trujillo, 2005) (Fig. 23 c).



Fig. 23 a. Estufa a carvão; b. Estufa elétrica; c. Estufa por calor indireto, sobre uma tampa de panela quente. Foto: J. P. Gamboa -Trujillo 2005, 2002, 2009.

A identificação macroscópica e microscópica dos macrofungos se realizou no Laboratório II da Pós-Graduação em Biologia de Fungos do Departamento de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco e no Herbário Alfredo Paredes (QAP) da Universidade Central do Equador. Para tal, foram utilizados um estereomicroscópio e um microscópio óptico para observação das macro- e microestruturas depositadas entre lâminas e lamínulas com floxina 1%, hidróxido de potássio 5%, reagente de Melzer, azul de algodão, vermelho congo, lactofenol, além de eucaliptol para a confecção de lâminas permanentes. Foram utilizadas as chaves dicotômicas de Guzmán (1997, 2003), Ryvar den (1991, 2004), Dennis (1956), Denison (1967), Teixeira (1971), entre outros. O sistema de classificação seguiu a base de dados do CBAI (www.indexfungorum.org) e a formatação do texto seguiu a revista *Fungal Diversity* (anexo 3).

Os fungos do presente trabalho foram mantidos em envelopes de plástico com sílica-gel, devidamente etiquetados e armazenados em caixas de papelão, para serem depositados na secção micológica do Herbário Alfredo Paredes (QAP) da Universidade de Central Equador com duplicatas no Herbário Padre Camille Torrend (URM), do Departamento de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Essas atividades foram alternadas com visitas a herbários e revisão das coleções de macromicetos do herbário Alfredo Paredes (QAP) da Universidade Central do Equador (UCE) e do herbário Nacional do Equador (QCNE). Além disso, foram realizadas visitas ao Museu Arqueológico Antonio Santiana da Faculdade de Filosofia da Escola de Ciências Sociais da UCE

e o museu da Casa da Cultura Equatoriana (CCE), a fim de pesquisar a existência de artefatos micomórficos.

Com os dados obtidos, os usos foram totalizados por categorias (Phillips 1996 *in* Silva & e Albuquerque 2004). Além disso, foi calculada a diversidade total de espécies (SD_{tot}) proposto por Byg e Baslev (2001 *in* Silva e Albuquerque, 2004), que avalia como uma espécie é usada e como ela contribui para o uso total.

$$SD_{tot})=1/\sum P_s^2$$

Onde, P= a contribuição total da espécie *s* para o uso total de espécies (numero de vezes em que a espécie *s* foi mencionada, dividido pelo número total de usos das espécies citadas. Byg e Baslev (2001 *in* Silva e Albuquerque, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Artefatos micomórficos no Equador

Os primeiros registros da ocupação humana no Equador remontam aproximadamente há 10.000 anos antes do presente (Almeida, 2000), quando os primeiros representantes, os povos Inga nas montanhas (Andes) e Las Vegas na Costa, são encontrados (com. pess. José Luis Román, Museu de História Natural, Escola Politécnica Nacional, Equador).

Uma possível costume micofilia destes povos ancestrais foi pesquisada durante as visitas aos museus da Universidade Central do Equador, Museo Casa da Cultura Ecuatoriana CCE (Pichincha) y Museo Agua Blanca (Manabí), onde foram estudadas o que consideramos figuras micomórficas mostrando uma possível apreciação aos macrofungos pelos ancestrais equatorianos, dentro de rituais (Fig. 24, 25).

O artefato abaixo (Fig. 10a, b) pertence à cultura Cuasmal do povo dos Pastos. Foi datado de 1250-1532 dC. e recolhido na província de Carchi, localizada no norte do Equador. A peça foi estudada por Jacinto Caamaño Jijón em 1917, Max Uhle em 1927 e Carlos Grijalva em 1937, encontrando-se exposta no Museu Arqueológico Antonio Santiana (UCE).



Fig. 24 a. Prato hemisférico com pé curto; possui desenhos micomórficos semelhantes a *Gastrum* cf. *saccatum*. **b.** Detalhes dos basidiomas à direita, de um deles aberto, e na esquerda um basidioma fechado. Foto J. P. Gamboa-Trujillo, 2009.

O outro artefato tem formato de cálice cerimonial semelhante a um macrofungo agaricomycete, e representa possivelmente uma prova de que os macrofungos foram considerados sagrados e usados em eventos ritualísticos (Fig. 25 a - c). O artefato pertence à cultura Manteña, que se estabeleceu na costa equatoriana, do sul da Província de Manabí até a Província de Guayas e na ilha Puná, em uma variante conhecida como cultura Huancavilca (Salazar, 1994). A escultura micomórfica data de 800-1530 dC e foi estudada por C.H.S. Bushell em 1950. Encontra-se no Museu Arqueológico Antonio Santiana (UCE).



Fig. 25 a. Artefato em forma de macrofungo agaricáceo, devido a certas características como o anel e a volva. **b.** Observa-se também a margem estriada do píleo. **c.** Representa uma taça plana nas bordas e côncava no centro, com pé comprido, de cor preta característica da decoração, que é regulada pela presença de oxigênio durante o cozimento. Foto J. P. Gamboa - Trujillo, 2009.

Comentário: No início do século XX foram registrados no México, artefatos com formas micomórficas descobertas por C. Sapper e Borhéguy. Estas foram fabricadas em pedra e decoradas em cerâmica entre o século XIII aC y XI dC. (de Sahagún, 1569-1582) e estudadas por Schultes and Hofmann (1979), (Wasson (1980) e Guzmán (2009); essas peças são parecidas com o material arqueológico pertencente à cultura Cuasmal e à Manteña do Equador., mas não demonstram o consumo de fungos alucinógenos como acontece no México. e sua fabricação é feita somente em cerâmica.

3.2 Costumes micófilos no Equador: dados atuais.

As visitas realizadas em 13 comunidades e os dados obtidos nas coleções dos herbários permitiram o registro de 157 espécies, pertencentes a 40 famílias, distribuídas nos filos Basidiomycota, Ascomycota e Myxomycota.

3.2.1 Região Costa

3.2.1.1 Os Chachis (Ch)

Em relação ao consumo de macrofungos, observou-se que os povos El Capuli e El Encanto, onde foram realizadas as coletas, reconhecem bem as espécies que são úteis, demonstrando sinceridade nas informações. Essas comunidades usam um nome genérico para a nomeação de fungos em sua própria língua “kijtiutiu”.

Tabela 1. Espécies, com nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Chachis. Co = comestíveis, Mi = mitológicas, Me = medicinais, Ri = ritualísticos, Zc = zôo-comestíveis. Os dados estão em ordem alfabética por espécies (idem para as demais tabelas).

Espécies	Nome Chafi'ki	Etimologia	Uso
<i>Auricularia delicata</i>	Ishk Kijtiutiu	Fungo de comer	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Bulun kijtiutiu	Fungo vermelho de comer	Zc
<i>Earliella scabrosa</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co

<i>Ganoderma australe</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Ganoderma australe</i>	Kijtiutiu	Fungo	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Oudemasiella platensis</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Phillipsia domingensis</i>	Pachi Kijtiutiu	Fungo de comer	Co
<i>Pleurotus concavus</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Pleurotus djamor</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Ujcum telele	Raíz do morto	Mi
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Pumbu	Fungo para a ressaca	Ri
<i>Trametes elegans</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Trametes elegans</i>	Kijtiutiu	A gravata do morto	Mi
<i>Volvariella volvacea</i>	Kijtiutiu pandachi	Fungo de folhas de banana	Co
<i>Volvariella volvacea</i>	Kijtiutiu	Fungo	Co
<i>Volvariella volvacea</i>	Ishk Kijtiutiu	Fungo de comer	Co
<i>Volvariella volvacea</i>	Bulun kijtiutiu	Fungo vermelho de comer	Co
<i>Xylaria multiplex</i>	Ujcum sem gulo	Fungo para a ressaca	Ri
<i>Xylaria polymorpha</i>	Shia papa kijtiutiu	Para não fazer muito xixi	Me

3.2.1.2 Os Tsachilas-Tsa'chi (Ts)

As pessoas do povo Chihuilpe que participaram desta pesquisa possuem conhecimentos sobre usos de macrofungos, transmitidos pelos seus ancestrais, que são curandeiros. Esta comunidade usa o prefixo de “kijte” para nomear macrofungo (Tab.2).

Tabela 2. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Tsachilas. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, Me = medicinais, Ri = ritualísticas, Mi = mitológicas, A= alucinógenas, L= luminosas.

Espécies	Nome Tsafi'ki	Etimologia	Uso
<i>Auricularia fuscusuccinea</i>	Guale punki	Orelha de anta	Zc
<i>Cookeina speciosa</i>	Pian oco nida	Prato de morto	Mi

<i>Cookeina tricholoma</i>	Pian oco nida	Prato de morto	Mi
<i>Cookeina tricoloma</i>	Colo kijte	Fungo de limpeza	Me
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Mi kijte	Fungo amarelo	Me
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kijte pa	Fungo de comer	Co
<i>Filoboletus gracilis</i>	Kevi luly	Flor da tarde	Ri
<i>Ganoderma australe</i>	Caren tasen	Ninho de aranha	Zc
<i>Lentinus scleropus</i>	Chide kijte	Fungo de árvore	Co
<i>Lentinus scleropus</i>	Nin kijte	Fungo com luz	L
<i>Lentinus velutinus</i>	Pavan kijte	Fungo preto	Co
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Bishuru pe	Cocô de ave	Mi
<i>Monilia</i> sp.	Lopo	Fungo de fermentar	Co
<i>Panaeolina foenisecii</i>	Pe kijte	Fungo de cocô	Mi
<i>Phallus indusiatus</i>	Otongoro pe	Cocô de minhoca	Mi
<i>Phillipsia domingensis</i>	Pian oco nida	Prato de morto	A
<i>Phillipsia domingensis</i>	Pian oco nida	Prato de morto	Me
<i>Polyporus tricholoma</i>	Dodo kijte	Fungo de árvore	Co
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Mele punki	Comida de suíno	Zc
<i>Rimbachia</i> cf. <i>paradoxa</i>	Kevi achiote	Flor de urucum	Mi
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Otongoro pe	Cocô de minhoca	Mi
<i>Tetrapyrgos alba</i>	Na kijte	Fungo para criança	Co
<i>Tremella fuciformis</i>	Chide pi	Espuma de árvore	Mi
<i>Xylaria fockei</i>	Pian oco chide	Pau de morto	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Pian oco chide	Pau de morto	Me

3.2.1.3 Os Afro-equatorianos (Af)

O conhecimento da comunidade afroequatoriana de Colón sobre os macrofungos é muito básico, tendo sido adquirido pela rápida convivência com as pessoas com quem eles compartilham território, como os Chachis. Os macrofungos coletados estão relacionados apenas na categoria de uso mitológico e recebem seu nome de acordo com sua morfologia e estórias que as pessoas da comunidade conhecem.

Tabela 3. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Afro-equatorianos. Mi = mitológicas.

Espécie	Nome Castelhana	Etimologia	Uso
<i>Phallus indusiatus</i>	Vela del muerto	Vela de morto	Mi
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Picha	Fungo forma de pênis	Mi

3.2.1.4. Os Epera (Ep)

A comunidade de Santa Rosa dos Epera usa os macrofungos principalmente dentro da categoria lúdica, pois desde crianças brincam com os macromicetes como se eles fossem alimentos de brinquedo e também como utensílios, pratos e copos. Os Epera não apresentam um nome específico para nomear os fungos e só colocam nomes de acordo com as características do organismo, por exemplo, “Nechiara”, que significa fungo de carne. A comunidade Epera possui categorias pouco usuais de usos, como os luminosos e medicinais.

Tabela 4. Espécies, nomes locais, etimologia e uso de fungos pelos Epera. Me = medicinais, J = lúdicas, L = luminosas.

Espécie	Nome Eperapedede	Etimologia	Uso
<i>Auricularia fuscossuccinea</i>	K'irt'	Orelha	J
<i>Clavulinopsis fusiformis</i>	Puk'uru k'arra	Raiz de árvore	J
<i>Cookeina speciosa</i>	Vasu chakie	Taça da trilha	J
<i>Cookeina tricholoma</i>	Vasu chaqui	Taça da trilha	J
<i>Earliella scabrosa</i>	Galleta pe	Biscoito	J
Fase miceliar	Wendo	Luminoso	L
<i>Ganoderma australe</i>	Nechiara	Fungo de carne	J
<i>Ganoderma australe</i>	Florinda chi	Fungo fígado grande	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Parawa waibt'a	Guarda chuva	J
<i>Lycogala epidendrum</i>	Ne t'm' chakie	Ovo pequeno	J
<i>Phallus indusiatus</i>	Siaro vela	Vela de diabo	J
<i>Phyllotopsis nudilans</i>	Petau t'oda	Pipoca	J
<i>Pleurotus concavus</i>	Nep'ono t'orro	Flor branca	J

<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Galleta k'uaraa	Biscoito amarelo	J
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Siaro vela	Vela de diabo	J
<i>Tetrapyrgos nigripes</i>	Nep'ono t'orro	Flor branca	J
<i>Trametes elegans</i>	Galleta chai	Biscoito	J
<i>Xylaria griseo-olivacea</i>	Jojoro	Fósforo	J
<i>Xylaria hypoxylon</i>	Jojoro	Fósforo	J
<i>Xylaria polymorpha</i>	T'awako	Cigarro	J

3.2.1.5 Similaridade de consumo das espécies por categoria de uso e por etnia.

De acordo com os resultados, foi observado que *Auricularia fuscosuccinea* é relatada tanto pelos Chachis quanto pelos Tsachilas na categoria zôo comestível. *Favolus tenuiculus* é usado como alimento tanto pelos Chachis quanto pelos Tsachilas. As mesmas comunidades usam *Ganoderma australe* e *Xylaria polymorpha* para fins medicinais, o primeiro para enfermidades respiratórias e o segundo para evitar que as crianças urinem na cama. Nas três comunidades da costa, *Staheliomyces cinctus* tem cunho mitológico.

Também foi registrada a primeira ocorrência de consumo tradicional de um macrofungo alucinógeno, no caso *Phillipsia domingensis* (“Pian oco nida”).

3.2.2 Região Cordilheira (Andes)

3.2.2.1 Os Kichwa da Cordilheira (K-S)

A localização dessa etnia nos Andes também é umas das razões pela qual o nome Kallamba (nome vernacular para nomear fungo) persistiu ao longo do tempo, sendo ainda hoje usado em vários países ao longo da cordilheira dos Andes. O consumo dos macrofungos nesses países é coincidente com o aparecimento de determinadas espécies durante os meses de outubro e novembro, como é o caso de *Agaricus* spp., também conhecidas como “kallambas”, “kallampas” ou “kallumpas”. De acordo com Dr. Rolf Singer, algumas destas espécies comestíveis são chamadas “callampas del árbol” (Fidalgo & Prance, 1976).

Tabela 5. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos e líquens pelos Kichwas das montanhas (Andes). Co = comestíveis, Me = medicinais, J = lúdicas, Mi = mitológicas, V= venenosas.

Espécie	Nome Kichwa	Etimologia	Uso
<i>Agaricus argyropotamicus</i>	Kallamba de comer	Fungo de comer	Co
<i>Agaricus pampeanus</i>	Kallamba	Fungo	Co
<i>Coprinus comatus</i> var. <i>comatus</i>	Kallamba de comer	Fungo de comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kallumpa	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Kiru Kallamba	Fungo da madeira	Mi
<i>Hygrocybe conica</i>	Kallamba roja	Fungo vermelho	V
<i>Panaeolus semiovatus</i>	Kallamba del sapo	Fungo de sapo	V
<i>Suillus luteus</i>	Kallamba del pino	Fungo de pino	Co
<i>Usnea</i> spp.	Rumi barba	Barba de pedra	Me
<i>Ustilago maydis</i>	Negrilo	Negrinho	Me
<i>Ustilago maydis</i>	Tonga	Mala de comida	Mi
<i>Ustilago maydis</i>	Ceniza	Fungo de cinza	Mi

3.2.2.2 Os Colonos ou mestiços (Col)

Nas comunidades estudadas de Selva Alegre e Nono, as pessoas reconhecem os macrofungos através de nomes compostos a partir do castelhano e Kichwa.

Tabela 6. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Colonos. Co = comestíveis, Me = medicinais, J = lúdicas, Mi = mitológicas.

Espécie	Nome Castelhanho	Etimologia	Uso
<i>Agaricus pampeanus</i>	Kallamba de finados	Fungo de finados	Co
<i>Agaricus pampeanus</i>	Kallamba de finados	Fungo de finados	Mi
<i>Agaricus pampeanus</i>	Paraguas	Guarda-chuva	J

<i>Auricularia delicata</i>	Oreja de mono	Orelha de macaco	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Oreja de mono	Orelha de macaco	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Pusum o Pusunera	Bucho de boi	Co
<i>Geastrum cf.schmidelii</i>	Sopapo	Fungo de fumaça	Me
<i>Geastrum saccatum</i>	Sopapo	Fungo de explosão	Me
<i>Geastrum saccatum</i>	Pedo del diablo	Peido de diabo	Me
<i>Myriostoma coliforme</i>	Sopapo	Fungo de explosão	Me
<i>Pleurotus djamor</i>	Espanhola blanca	Espanhola branca	Co
<i>Ustilago maydis</i>	Cuscungo	Negrinho	J

3.2.2.3 Similaridade de consumo das espécies por categoria de uso e por etnia

Em ambas etnias, *Agaricus pampeanus* e *Favolus tenuiculus* são usados na alimentação. Nessa região, foram encontradas as primeiras ocorrências de venda de fungos coletados no entorno das comunidades e levados para venda em feiras populares.

O registro de espécies como *A. argyropotamicus* e *A. pampeanus* nos meses de outubro e novembro ajudou a compreender como as etnias estão vinculadas com as épocas de frutificação destes fungos e como eles se associam com festividades locais.

Ao contrário do México, *Ustilago maydis* não é utilizado na alimentação. As etnias equatorianas o utilizam como brinquedos infantis e como medicamento cicatrizante.

3.2.3. Amazônia

3.2.3.1. Os Kichwa (K-A)

Esses grupos são considerados aqueles com os mais fortes hábitos micófilos, devido à sua tradição de consumo de macrofungo ao longo do tempo, apesar do advento da cultura ocidental e das pressões para a exploração dos recursos naturais. Ao contrário dos Kichwa das montanhas, usam o nome genérico “alas” para os macrofungos.

Tabela 7. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Kichwas Amazonia. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, IS = indicadora de época de plantio, Me = medicinais, J = lúdicas, Or = ornamentais, Ri = rituais, Mi = mitológicas, A= alucinógenas, V= venenosas.

Espécie	Nome Kichwa	Etimologia	Uso
<i>Amauroderma argenteofulvum</i>	Ujo ala	Fungo para gripe	Me
<i>Auricularia cornea</i>	Calulu ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Auricularia delicata</i>	Calulu ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Calug calug ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Calulu ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Butun ala	Fungo de botão	Mi
<i>Auricularia mesenterica</i>	Kalulu ala	Fungo da malária	Me
<i>Auricularia mesenterica</i>	Calulu ala	Fungo suave	Mi
<i>Clathrus crispus</i>	Aya uma	Cabeça de fantasma	Ri
<i>Clavulinopsis fusiformis</i>	Ilma ala	Fungo suave	Me
<i>Coenogonium linkii</i>	Espejo ala	Fungo espelho	Mi
<i>Coenogonium linkii</i>	Tinaja ala	Fungo de prato	Or
<i>Coenogonium linkii</i>	Siqu ala	Fungo orelha de agouti	Or
<i>Collybia omphalodes</i>	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Cookeina speciosa</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Zc
<i>Cookeina speciosa</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	J
<i>Cookeina tricholoma</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Me
<i>Cookeina tricholoma</i>	Ringri ala	Primo de Kuillur	J
<i>Coprinellus disseminatus</i>	Caluj ala cari	Fungo gelatinoso	Me
<i>Cordyceps cf. martialis</i>	Supay chaqui ala	Fungo pé de diabo	Me
<i>Cordyceps cf. polyarthra</i>	Supay chaqui ala	Fungo pé de diabo	Me
<i>Cordyceps dipterigena</i>	Supay chaqui ala	Fungo pé de diabo	Me
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Garauto ala	Fungo de minhoca	Co
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Supay curo ala	Minhoca de diabo	Me
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Garauto ala	Fungo de minhoca	Or
<i>Coriolopsis polyzona</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Coriolopsis rigida</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Co
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Cymatoderma caperatum</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Me
<i>Dacryopinax spathularia</i>	Calulu ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Daedalea quercina</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me

<i>Daedalea quercina</i>	Aya ala	Fungo de fantasma	Me
<i>Daedalea quercina</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Daldinia concentrica</i>	Siqu ala	Fungo orelha de agouti	A
<i>Earliella scabrosa</i>	Ambi ala	Fungo venenoso	V
Fase miceliar	Aya walca ala	Pulseira de fantasma	Me
Fase miceliar	Walca ala	Pulseira de fantasma	Me
Fase miceliar	Walca aya ala	Pulseira de fantasma	Me
Fase miceliar	Sisa ala	Fungo flor	Me
Fase miceliar	Supay ala	Fungo de diabo	Mi
Fase miceliar	Huasca ala	Fungo de corda	Mi
Fase miceliar	Aya walca ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Walca aya ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya nina	Fungo fogo de fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya nina ala	Fungo fogo fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya walca ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Walca ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya nina ala	Fungo fogo de fantasma	L
<i>Favolaschia calocera</i>	Aya vela	Fungo vela de fantasma	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Chincha ala	Fungo de comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Busum ala	Fungo bucho de boi	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Pusum ala	Fungo bucho de boi	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Yurac ala	Fungo da trilha	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ñuto ala	Fungo suave	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Api ala	Fungo de abelha	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Busum ala	Fungo bucho de boi	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Caspi ringri ala	Fungo orelha de pau	Co
<i>Filoboletus gracilis</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Ujo ala	Fungo para gripe	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Chonta ala	Fungo da dendê	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Or
<i>Ganoderma coffeatum</i>	Batan ala	Fungo de pedra	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Bila ala	Fungo forma de vela	Me
<i>Gymnopilus lepidotus</i>	Chonta ala	Fungo de estrela	Co

<i>Gymnopilus</i> sp.	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Hexagonia hydnoides</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Mi
<i>Hexagonia hydnoides</i>	Supay ala	Fungo barbas de diabo	Mi
<i>Hexagonia tenuis</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Sisa ala	Fungo de flor	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Yausa ala	Fungo com baba	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Curata ala	Fungo para curar	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Kalulu ala	Fungo suave	Me
<i>Hygrophorus</i> sp.	Rinri ala	Fungo de orelha	Co
<i>Hymenochaete damicornis</i>	Sisa ala	Fungo de flor	Or
<i>Hypoxyton fragiforme</i>	Muyo ala	Fungo de semente	Mi
<i>Lactocollybia albida</i>	Mitsa muyo ala	Fungo cura verrugas	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Sara ala	Fungo de milho	IS
<i>Lentinus crinitus</i>	Lucero ala	Fungo da estrela	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Ilma ala	Fungo suave	Co
<i>Lentinus cubensis</i>	Sara ala	Fungo de milho	I S
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Taka ala	Fungo de tronco	Co
<i>Lepiota</i> sp.	Llausala ala	Fungo da trilha	Me
<i>Leucocoprinus</i> sp.	Chonta ala	Fungo de dendê	Co
<i>Leucocoprinus</i> sp.	Chincha ala	Fungo de comer	Co
<i>Lycogala epidendrum</i>	Muyo ala	Fungo de semente	Me
<i>Lycoperdon pyriforme</i>	Bila ala	Fungo de vela	Mi
<i>Marasmiellus cubensis</i>	Caluj ala cari	Fungo gelatinoso	Me
<i>Marasmiellus</i> sp.	Shiquitu ala	Fungo pequeno	Co
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Quillu ala	Fungo amarelo	Co
<i>Marasmius guyanensis</i>	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Paraguas ala	Fungo guarda-chuva	Me
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Sisa ala	Fungo de flor	Mi
<i>Marasmius</i> sp. 2	Aya collar ala	Fungo colar de fantasma	Or
<i>Marasmius</i> sp. 1	Aya ala cari	Fungo espírito de homem	Co
<i>Marasmius</i> sp. 1	Sisa ala	Fungo forma de flor	Me
<i>Marasmius</i> sp. 2	Chincha ala	Fungo suave	Co

<i>Marasmius</i> sp. 2	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Marasmius</i> sp. 3	Micuna ala	Fungo de comer	Co
<i>Marasmius</i> sp. 3	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Marasmius</i> sp. 4	Sara ala	Fungo de milho	Co
<i>Marasmius</i> sp. 4	Unzuelo ala	Fungo cura tersol	Me
<i>Mycena margarita</i>	Guayra chingala	Fungo para tumores	Me
<i>Mycena</i> sp. 1	Chonta ala	Fungo de dendê	Co
<i>Mycena</i> sp. 1	Basura ala	Fungo de lixo	Me
<i>Mycena</i> sp. 1	Aya ala	Fungo de fantasma	Or
<i>Mycena</i> sp. 2	Shiquitu ala	Fungo pequeno	Co
<i>Mycena</i> sp. 2	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Mycena</i> sp. 3	Aya nina ala	Fungo fantasma	Mi
<i>Oudemansiella platensis</i>	Chincha ala	Fungo macio de comer	Co
<i>Oudemansiella platensis</i>	Atun ala	Fungo de atum	Or
<i>Oudemansiella platensis</i>	Yurac ala	Fungo de trilha	Or
<i>Panaeolina foenisecii</i>	Sacha ala	Fungo de floresta	Mi
<i>Panellus mitis</i>	Caluj ala cari	Fungo suave de home	Me
<i>Phallus indusiatus</i>	Aya ullo	Fungo pênis fantasma	Me
<i>Phallus indusiatus</i>	Aya ullo	Fungo pênis fantasma	Mi
<i>Phellinus gilvus</i>	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Phillipsia domingensis</i>	Mucagua ala	Fungo de fazer pratos	Me
<i>Phillipsia domingensis</i>	Estrella ala	Fungo de estrela	Me
<i>Phillipsia domingensis</i>	Sisu ala	Fungo de flor	Mi
<i>Phillipsia domingensis</i>	Rinri ala	Fungo forma de orelha	Mi
<i>Pleurotus concavus</i>	Taka ala	Fungo de tronco	Co
<i>Pleurotus concavus</i>	Taca ala	Fungo de tronco	Me
<i>Pleurotus djamor</i>	Caluj ala cari	Fungo gelatinoso	Me
<i>Polyporus arcularius</i>	Urpi ala	Fungo de perdiz	Co
<i>Polyporus arcularius</i>	Sara ala	Fungo de milho	Co
<i>Polyporus</i> cf. <i>virgatus</i>	Mitsa ala	Fungo cura senhas	Me
<i>Polyporus</i> cf. <i>virgatus</i>	Tos ala	Fungo para curar tose	Me
<i>Polyporus leprieurii</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Mi
<i>Polyporus leprieurii</i>	Caspi ñahui ala	Fungo de pau magro	Mi

<i>Polyporus</i> sp. 1	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Polyporus</i> sp. 5	Urpi ala	Fungo de perdiz	Co
<i>Polyporus tricholoma</i>	Ambi ala	Fungo venenoso	V
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Kuillur ala	Fungo de Kuillur	Me
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Puca ala	Fungo quente	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Kuillur ala	Fungo de Kuillur	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Kuillur ala	Fungo Kuilur	Or
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Atun ala	Fungo de atum	Co
<i>Rigidoporus</i> cf. <i>lineatus</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Or
<i>Rimbachia paradoxa</i>	Inda ala huarmi	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Schizophyllum commune</i>	Aya ala	Fungo do fantasma	Co
<i>Scleroderma sinnamariense</i>	Aya vela	Fungo de vela	Mi
<i>Scleroderma</i> sp.	Ambi ala	Fungo venenoso	V
<i>Scutellinia scutellata</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Co
<i>Tetrapyrgos nigripes</i>	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Thelephora</i> sp.	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Thelephora terrestris</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Trametes elegans</i>	Chakishca ala	Fungo da trilha	Mi
<i>Trametes versicolor</i>	Chincha ala	Fungo de comer	Co
<i>Trametes versicolor</i>	Ilma ala	Fungo macio	Co
<i>Trametes versicolor</i>	Luciru ala	Fungo da estrela	Co
<i>Trametes versicolor</i>	Sara ala	Fungo de milho	Co
<i>Tremella fuciformis</i>	Calun ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Trichaptum biforme</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Xylaria adscendens</i>	Siqu ala	Fungo pênis de agouti	Me
<i>Xylaria arbuscula</i>	Siqu yaqu ala	Fungo orelha de agouti	Me
<i>Xylaria fockei</i>	Sindig ala	Fungo de galho	Mi
<i>Xylaria griseo-olivacea</i>	Siqu ala	Fungo orelha de agouti	Me
<i>Xylaria griseo-olivacea</i>	Siqu ullo	Fungo pênis de agouti	Me
<i>Xylaria multiplex</i>	Guaro chini ala	Fungo de espinhas	Mi
<i>Xylaria multiplex</i>	Siqu ala	Fungo de agouti	Zc
<i>Xylaria obovata</i>	Siqu ala	Fungo pênis de agouti	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Siqu ala	Fungo pênis de agouti	Me

3.2.3.2 Os Secoyas (Se)

Para os Secoyas de El Copal e de Sehuaya, os macrofungos ainda hoje têm uma conotação importante dentro da sua vida, sendo chamados pelo nome genérico “t̄ēti”.

Tabela 8. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Secoyas. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, Me = medicinais, Or = ornamentais, Mi = mitológicas, V= venenosos.

Espécie	Nome Pai'coca	Etimologia	Uso
<i>Amauroderma auriscalpium</i>	Wuati ocojē t̄ēti	Guarda-chuva de diabo	Mi
<i>Amauroderma sprucei</i>	Wuati ocojē t̄ēti	Guarda-chuva de diabo	Me
<i>Amauroderma sprucei</i>	Yauru wati t̄ēti	Comida de diabo	Mi
<i>Antrodiella liebmanni</i>	Wati tsu`u t̄ēti	Fungo machado de diabo	Or
<i>Arcyria incarnata</i>	Ma a'ri t̄ēti	Fungo vermelho pequeno	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Caro t̄ēti	Fungo de pratos	Co
<i>Auricularia fuscossuccinea</i>	Cajoro t̄ēti	Fungo orelha	Co
<i>Auricularia mesenterica</i>	Cajoro t̄ēti	Fungo orelhas de diabo	Mi
<i>Calocera cornea</i>	A'ri t̄ēti	Fungo pequeno	Or
<i>Caripia montagnei</i>	Wati ji'so t̄ēti	Fungo caneco de diabo	Mi
<i>Collybia aurea</i>	Imi t̄ēti	Fungo como sardinha	Co
<i>Collybia aurea</i>	Cura t̄ēti	Fungo de galinha	Me
<i>Collybia aurea</i>	Ma t̄ēti	Fungo vermelho	Me
<i>Collybia aurea</i>	Wati yi'yo t̄ēti	Fungo pulseira de diabo	Me
<i>Collybia plectophylla</i>	Wati maro t̄ēti	Chapéu de diabo	Co
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati ji'so t̄ēti	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati totonaya t̄ēti	Fungo em forma de ninho	Mi
<i>Coprinellus disseminatus</i>	t̄ēti	Fungo	V
<i>Cordyceps</i> sp.	Wati uncu t̄ēti	Fungo formiga de diabo	Mi
<i>Coriolopsis brunneoleuca</i>	Ñanami t̄ēti	Fungo em forma de linha	Mi
<i>Coriolopsis rigida</i>	Wuati ji'so t̄ēti	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Que'que t̄ēti	Comida de minhoca	Zc

<i>Cotylidia cf. diaphana</i>	Wati wēnarewa	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Crepidotus mollis</i>	A'ri tēti	Fungo pequeno	Mi
<i>Earliella scabrosa</i>	Sotorehua tēti	Fungo forma de prato	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ai tēti	Fungo para comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ai tēti	Fungo para comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Cajo tēti	Fungo de orelha	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Mawue tēti	Fungo de comer	Co
<i>Filoboletus gracilis</i>	Cou tēti	Fungo da tartaruga	Zc
<i>Ganoderma australe</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Or
<i>Ganoderma coffeatum</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Ganoderma curtissi</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Mi
<i>Ganoderma sp.</i>	Ēco tēti	Fungo remédio	Me
<i>Ganoderma stipitatum</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Tēti	Fungo	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Taque nuti tēti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Ai tēti	Fungo para comer	Co
<i>Lentinus strigosus</i>	Taque nuti tēti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lepiota sp.</i>	Poretara tēti	Fungo de luz	L
<i>Lepiota sp.</i>	Nao mi toa tēti	Fungo luminoso	L
<i>Lepiota sp.</i>	Tara pore tēti	Fungo que tem luz	L
<i>Lycoperdon pyriforme</i>	Cou tēti	Fungo de tartaruga	Zc
<i>Marasmiellus cf. albidus</i>	Imi tēti	Fungo de sardinha	Co
<i>Marasmiellus cubensis</i>	A'ri tēti	Fungo pequeno	Mi
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Tēti	Fungo	Mi
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Ma tēti	Fungo vermelho	Or
<i>Marasmius sp.</i>	Cou tēti	Fungo de tartaruga	Zc
<i>Microporellus obovatus</i>	Sotorehua tēti	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Monilia sp.</i>	A'so pore	Pó de mandioca	Co
<i>Mycena sp.</i>	Pu'su	Fungo de grilo	Zc
<i>Oudemansiella platensis</i>	Imi tēti	Fungo de sardinha	Co
<i>Phallus indusiatus</i>	Kuiri wati teti	Fungo pênis fantasma	Mi
<i>Phellinus maxonii</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Me

<i>Phillipsia domingensis</i>	Sotorehua tēti	Panela de diabo	Mi
<i>Phylacia poculiformis</i>	Huē tēti	Fungo fechado	Me
<i>Phylacia poculiformis</i>	Miu tēti	Fungo forma de agulha	Me
<i>Pleurotus djamor</i>	Po tēti	Fungo branco	Co
<i>Podoscypha bolleana</i>	Sē'no tēti	Fungo amarelo	Mi
<i>Polyporus leprieuri</i>	Wuati cuacoro	Fungo panela de diabo	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Ma tēti	Fungo vermelho	Me
<i>Schizophyllum commune</i>	Tēti	Fungo	Co
<i>Thamnomycetes chordalis</i>	Miu tēti	Em forma de espinhas	Me
<i>Trametes caperata</i>	Caran cou tēti	Fungo comida tartaruga	Zc
<i>Trametes elegans</i>	Wati cajoro tēti	Fungo orelha de diabo	Mi
<i>Trametes versicolor</i>	Sēnocurowa tēti	Fungo rosa	Or
<i>Tremella fuciformis</i>	Tēti	Fungo	Mi
<i>Xylaria fockei</i>	Huē tēti	Fungo fechado	Me
<i>Xylaria herculea</i>	Cone tuta tēti	Para não fazer muito xixi	Me
<i>Xylaria hypoxylon</i>	Miu tēti	Fungo forma de espinha	Or
<i>Xylaria multiplex</i>	Miu tēti	Fungo forma de espinha	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Huē tēti	Fungo fechado	Me

3.2.3.3. Os Sionas (Si)

Na comunidade de Puerto Bolívar, os dados etnomicológicos são mínimos, fornecidos por apenas um informante que, apesar da idade avançada (91 anos), continua lúcido em seu conhecimento. Os dados recolhidos na comunidade Secoya coincidem com esta comunidade, pois também conhecem os fungos como “tēti”.

Tabela 9. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Sionas. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, Me = medicinais, Or = ornamentais, Mi = mitológicas, V = venenosos.

Espécies	Nome Bai'coca	Etimologia	Uso
<i>Auricularia delicata</i>	Caro tēti	Fungo para fazer pratos	Co

<i>Auricularia delicata</i>	Cajo t̄ēti	Fungo de orelha	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Cajoro t̄ēti	Fungo de orelha	Co
<i>Caripia montagnei</i>	Wati ji'so t̄ēti	Caneco de diabo	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati totonaya t̄ēti	Fungo em forma de ninho	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati ji'so t̄ēti	Fungo prato do diabo	Mi
<i>Coprinellus disseminatus</i>	t̄ēti	Fungo	V
<i>Corioloopsis caperata</i>	Caran cou t̄ēti	Fungo comida tartaruga	Zc
<i>Cotylidia cf. diaphana</i>	Wati hūnarewua	Fungo prato de diabo	Mi
Fase miceliar	Wati yi'yo t̄ēti	Fungo pulseira de diabo	Me
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ai t̄ēti	Fungo para comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Wati subo t̄ēti	Fungo comida de diabo	Mi
<i>Ganoderma coffeatum</i>	Wati tsu`u t̄ēti	Fungo machado de diabo	Or
<i>Ganoderma stipitatum</i>	Wati tsu`u t̄ēti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Hexagonia hydnoides</i>	Wati moube t̄ēti	Fungo barbas de diabo	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Taque nuti t̄ēti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Taque nuti t̄ēti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lentinus sajor caju</i>	Ai t̄ēti	Fungo para comer	Co
<i>Marasmius cladophyllus</i>	T̄ēti	Fungo	Mi
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Ma t̄ēti	Fungo vermelho	Or
<i>Oudemansiella platensis</i>	Imi t̄ēti	Fungo como sardina	Co
<i>Pleurotus djamor</i>	Po t̄ēti	Fungo branco	Co
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Ma t̄ēti	Fungo vermelho	Me
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Ma t̄ēti	Fungo vermelho	Me
<i>Schizophyllum commune</i>	T̄ēti	Fungo	Co
<i>Tetrapyrgos nigripes</i>	Huanso bodi t̄ēti	Fungo para as pernas	Me
<i>Trametes corrugata</i>	Sotorehua t̄ēti	Fungo em forma de prato	Mi
<i>Tremella fuciformis</i>	T̄ēti	Fungo	Mi

3.2.3.4 Os Shuaras (Sh)

O povo Shuar de Wapu tem vários nomes para macrofungos, que variam de acordo com a sua forma e uso. Entretanto a forma mais comum para nomeá-los é “esemp” que, em Shuar-chicham, que dizer macrofungo.

Tabela 10. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Shuar. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, Me = medicinais, Mi = mitológicas, V = venenosos.

Espécies	Nome Shuar chicham	Etimologia	Uso
<i>Amauroderma sprucei</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Auricularia delicata</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Mi
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Clavulinopsis fusiformis</i>	Sapi	Fungo de minhoca	Co
<i>Collybia cf.hirtella</i>	Iwianchi kuishi	Fungo do diabo	Co
<i>Collybia omphalodes</i>	Tsarump	Fungo	Mi
<i>Collybia omphalodes</i>	Mungura	Fungo	V
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Sapi	Minhoca	Co
<i>Coriolopsis polyzona</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Cortinarius obtusos</i>	Mungura	Fungo suave	V
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Mukuch	Fungo	Co
<i>Cymatoderma caperatum</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Dacryopinax spathularia</i>	Yakich	Fungo pequeno	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Shuishui Esemp	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Yakich	Fungo pequeno	Me
<i>Geastrum schweinitzii</i>	Yakich uchich	Fungo pequeno	Mi
<i>Hexagonia tenuis</i>	Numi Kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Hygrocybe miniata</i>	Yakich	Fungo pequeno	Mi
<i>Hygrophorus cf. psittacinus</i>	Pujich yankuj	Fungo suave	V
<i>Hymenochaete damicornis</i>	Pujich	Fungo duro	Mi
<i>Lachnocladium schweinfurthianum</i>	Sapi	Minhoca	Zc
<i>Lentinus crinitus</i>	Tsarump	Fungo	Zc
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Esemp	Fungo	Co
<i>Lentinus scleropus</i>	Esemp	Fungo de comer	Mi
<i>Lycoperdon echinatum</i>	Yakich	Fungo pequeno	Mi

<i>Lycoperdon echinatum</i>	Yakich	Fungo pequeno	Zc
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Tsarump	Fungo	Mi
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Yakich	Fungo pequeno	Me
<i>Marasmius</i> sp.	Yakich	Fungo	Mi
<i>Mycena margarita</i>	Yakich	Orelha pequena	Mi
<i>Phellinus gilvus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Polyporus leprieurii</i>	Pujich	Fungo duro	Mi
<i>Polyporus tricholoma</i>	Esemp	Fungo	Co
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Scutellinia scutellata</i>	Esemp	Fungo	Zc
<i>Stereum ostrea</i>	Wuamp	Fungo	Mi
<i>Trametes elegans</i>	Numi kushi	Orelha de árvore	Mi
<i>Trametes villosa</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Xeromphalina tenuipes</i>	Mungura	Fungo	V
<i>Xylaria fockei</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria fockei</i>	Sapi	Minhoca	Mi
<i>Xylaria hypoxylum</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Sapi	Minhoca	Me

3.2.3.5 Os Shiwiar (Shi)

O povo Juyuintsa, localizado próximo da cidade de Puyo, província de Pastaza, apresenta costumes micófilos semelhantes aos dos Shuar descritos no item anterior e também utilizando o nome genérico de “esemp” para fungo.

Tabela 11. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Shiwiar. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, Me = medicinais, Or = ornamentais, Mi = mitológicas.

Espécies	Nome Shiwiar chicham	Etimologia	Uso
----------	-------------------------	------------	-----

<i>Amauroderma sprucei</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Clavaria fusiformis</i>	Sapi	Minhoca	Co
<i>Corioloropsis polyzona</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Mukuch	Fungo	Co
<i>Cymatoderma caperatum</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Dacryopinax spathularia</i>	Pujich	Fungo	Zc
<i>Favolus tenuiculus</i>	Esemp	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Yakich	Fungo	Zc
<i>Hexagonia tenuis</i>	Numi Kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Hygrocybe miniata</i>	Pujich	Fungo	Zc
<i>Lentinus crinitus</i>	Tsarump	Fungo	Zc
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Shushui esemp	Fungo de comer	Co
<i>Lycoperdon echinatum</i>	Yakich	Fungo	Zc
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Tsarump	Fungo	Zc
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Pujich	Fungo	Or
<i>Phellinus gilvus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Or
<i>Polyporus leprieurii</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Mi
<i>Polyporus tricholoma</i>	Esemp	Fungo	Zc
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Me
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Mi
<i>Stereum ostraea</i>	Wuamp	Fungo	Zc
<i>Trametes elegans</i>	Numi kushi	Orelha de árvore	Zc
<i>Trametes villosa</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Xeromphalina tenuipes</i>	Pujich	Fungo	Zc
<i>Xylaria fockei</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria hypoxylum</i>	Katach	Fungo	Me

3.2.3.6. Os Cofanes (C)

Os habitantes da comunidade Cofán com a qual se trabalhou (Dureno) chamam os macrofungos de “tsina”.

Tabela 12. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Cofán. Zc = zôo-comestíveis, Co = comestíveis, Me = medicinais, Mi = mitológicas.

Espécies	Nome A'ingae	Etimologia	Uso
<i>Auricularia delicata</i>	Chapia tsina	Fungo suave	Zc
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Anjse tsina	Fungo vermelho	Co
<i>Auricularia mesentérica</i>	Chapia tsina	Fungo suave	Zc
<i>Cookeina tricoloma</i>	Cua tsina	Fungo vermelho	Mi
<i>Crepidotus cf. mollis</i>	Nijucha tsina	Fungo de árvore	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kiupa tsina	Fungo come caracol	Zc
<i>Favolus tenuiculus</i>	Tutua tsina	Fungo suave	Zc
<i>Ganoderma amazonense</i>	Sia tsina	Fungo negro	Zc
<i>Ganoderma australe</i>	Taya tsina	Fungo duro	Mi
<i>Kretzshmaria clavus</i>	Sia tsina	Fungo preto	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Singua tsina	Fungo marrom	Zc
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Toto'a tsina	Fungo branco	Co
<i>Phellinus gilvus</i>	Causijica tsina	Fungo de árvore	Mi
<i>Phyllotopsis nidulans</i>	Sia taya tsina	Fungo comida formigas	Zc
<i>Polyporus tricoloma</i>	Tutua tsina	Fungo suave	Zc
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Taya tsina	Fungo duro	Mi
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Kiupa tsina	Fungo amarelo	Zc
<i>Schizophyllum commune</i>	Chipira tsina	Fungo de tartaruga	Zc
<i>Xylaria multiplex</i>	Cunisipaj seje tsina	Fungo de beber	Me

3.2.3.7 Os Záparas (Za)

A comunidade Uyacocha com a qual se trabalhou nomeia os cogumelos com o nome genérico “katsapija”. Alguns fungos possuem mistura com a língua Kichwa, devido a casamentos entre pessoas da comunidade Zapara e de Kichwas amazônicos.

Tabela 13. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos pelos Zápara. Co = comestíveis, Me = medicinais, Mi = mitológicas.

Espécie	Nome Zápara	Etimologia	Uso
<i>Amauroderma sprucei</i>	Niwa katsapija	Fungo de perdiz	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Kalulu ala katsapija	Fungo suave	Co
<i>Coenogonium linkii</i>	Tuka katsapija	Fungo forma de musgo	Me
<i>Cookeina speciosa</i>	Punllananianga katsapija	Panela de agouti	Mi
<i>Corioloopsis polyzona</i>	Gura katsapija	Fungo duro	Mi
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Sacha katsapija	Fungo de floresta	Mi
<i>Earliella scabrosa</i>	Nakuma ruya katsapija	Fungo de árvore seco	Mi
Fase miceliar	Anamishuka kashipiricha	Fogo de rato	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	San yaku katsapija	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Sipi katsapija	Fungo para gripe	Me
<i>Gimnopilus cf. lepidotus</i>	Kiauka uwinjia katsapija	Coração de tucano	Co
<i>Lentinus crinitus</i>	Matsakau katsaija	Fungo de íbis	Co
<i>Lentinus strigosus</i>	Punllana katsapija	Fungo de agouti	Mi
<i>Leucocoprinus birnbaumii</i>	Ajus katsapija	Fungo cheiro de alho	Mi
<i>Lycoperdon pyriforme</i>	Kuinja katsapija	Fungo forma bolinha	Co
<i>Oudemansiella platensis</i>	Chuchu katsapija	Fungo de balsa	Co
<i>Pleurotus concavus</i>	Aunika katsapija	Fungo de cigarro	Co
<i>Polyporus tricholoma</i>	Umura katsapija	Fungo de tronco	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Nakuka katsapija	Fungo de verrugas	Me
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Muku katsapija	Fungo de mão	Mi
<i>Schizophyllum commune</i>	Tuwiru katsapija	Orelha de macaco	Mi
<i>Xylaria obovata</i>	Patauka uko katsapija	Testículos macaco	Mi
<i>Xylaria polymorpha</i>	Punllana katsapija	Fungo de agouti	Me

3.2.3.8 Similaridade de consumo das espécies por categoria de uso e por etnia

Oudemansiella platensis, *Auricularia delicata*, *A. fuscosuccinea*, *Favolus tenuiculus* e *Pleurotus djamor* são identificadas como comestíveis na maioria das etnias equatorianas estudadas, sendo preferencialmente consumidas cozidas.

Na categoria medicinal, *Xylaria polymorpha* é usada pelos Kichwas amazônicos, Secoyas, Shiwiar e Zeparas para evitar que as crianças urinem na cama. *Geastrum saccatum* é utilizada como cicatrizante pelos Kichwa amazônicos, Secoyas, Sionas, Shuaras e Záparas. Além dessas espécies, *Ganoderma australe* é usada para doenças respiratórias pelos Kichwas amazônicos, Secoyas e Zeparas.

Coprinellus disseminatus é reconhecido como venenoso pelos Secoyas, Sionas e Shiwiar.

Na categoria ornamental, *G. australe* e espécies de *Xylaria* são utilizadas para enfeitar a casa na época do Natal pelos Kichwas amazônicos e Secoyas, enquanto *Marasmius cladophyllus* é usada pelos Secoya, Siona e Shiwiar como flor, devido às cores do píleo e rigidez do estipe.

Na categoria mitológica, *G. australe* é relatada na mitologia dos Sionas, Shiwiar e Cofanes como “orelhas das árvores” (Fig. 12). *Trametes villosa* também é relatada de modo semelhante pelos Kichwa amazônicos, Secoya, Siona, Shuaras e Shiwiar. Além dessas espécies, *Pycnoporus sanguineus* é citada em estórias dos Kichwas amazônicos (anexo 2).

3.2.4. Ilhas Galápagos

3.2.4.1 Os colonos ou mestiços (Col)

Com os informantes colonos ou mestiços, se conversou sobre o macrofungo mágico usado por eles, que é consumido quando fazem caminhada, atividade que se tornou parte de sua cultura. Encontro se uma única espécie *Panaeolus antillarum* nomeado por eles como El Rey (Fungo Rei) de uso alucinógeno.

3.3 Utilizações dos fungos por categoria

Das 13 etnias visitadas no Equador, foram registradas 11 categorias principais de consumo de macrofungos, sendo essas etnias consideradas micófilas. Dos 477 registros obtidos com todas as nacionalidades indígenas, se encontraram 135 de uso mitológico, 113 comestíveis, 110 medicinais, 36 zôo-comestíveis, 23 ornamentais, 20 lúdicos, 11 venenosos, cinco luminosos, quatro ritualísticos, dois indicadores de época de plantio e dois alucinógenos (Fig. 11), demonstrando o papel importante que os macrofungos desempenham nos povos nativos, resultados semelhantes ao obtidos por Zent (2008) quando trabalhando com os Jöti na Venezuela.

Cada etnia equatoriana leva em conta a morfologia, usos e relações com o meio, criando assim uma terminologia nomenclatural para cada um dos fungos usados. Neste caso, as categorias mitológica, comestível e medicinal são as mais utilizadas pelos povos nativos do Equador. Shepard *et al.* (2008) obtiveram dados semelhantes quando trabalharam com comunidades na região de Chiapas, México.

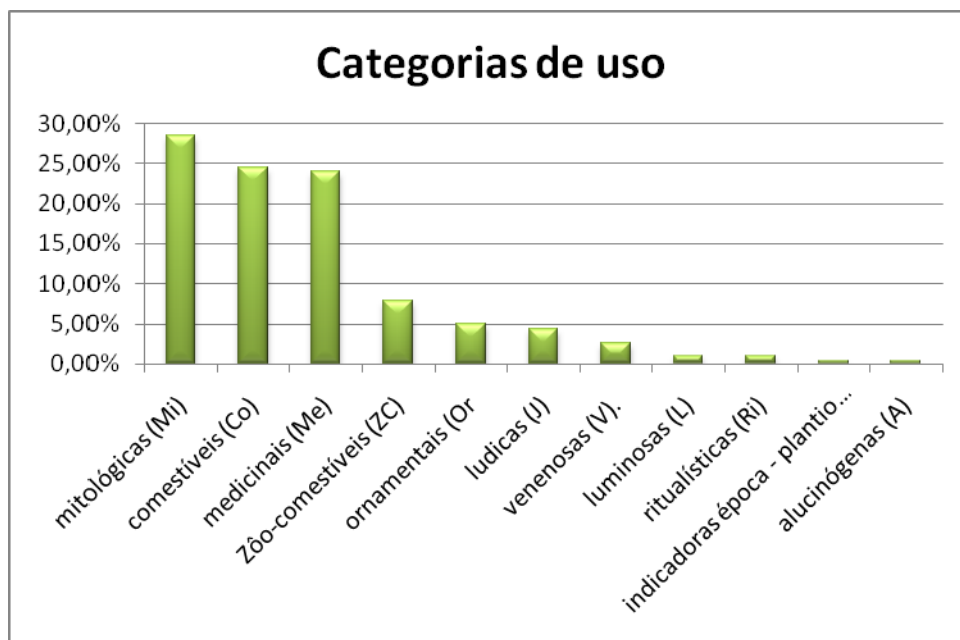


Fig. 26. Frequência dos registros por categoria de uso nas etnias equatorianas estudadas.

3.3.1 Algumas das principais espécies usadas no Equador

Para uma melhor compreensão das descrições abaixo, as etnias e as comunidades e as categorias de uso das espécies são representadas pelas abreviações que se seguem:

Etnias: Kichwas amazônicos (K-A), Kichwas da Cordilheira (K-S), Secoyas (Se), Cofânes (C), Shuaras (Sh), Chachis (Ch), Colonos (Col), Sionas (Si), Shiwiar (Shi), Zaparas (Za), Tsachilas (Ts), Afro-equatorianos (Af) e Epera (Ep).

Categorias de uso das espécies: Zôo-comestíveis (Zc), comestíveis (Co), indicadoras de época de plantio (IS), medicinais (Me), lúdicos (J), ornamentais (Or), ritualísticas (Ri), mitológicas (Mi), alucinógenas (A), luminosas (L), venenosas (V). (Tab.14; anexo 4.)



3.3.1.1 Fungos zôo-comestíveis: Estes foram observadas pelos caçadores e coletores de frutos ao serem consumidas pelos animais vertebrados, como répteis, primatas, roedores, e invertebrados, como insetos, larvas, moluscos, entre outros. Os nomes vernaculares são baseados na relação ecológica que estes fungos têm com os animais.

Cookeina speciosa (Fr.: Fr.) Dennis

Família: Sarcoscyphaceae, Ordem: Pezizales



Macroscopia: Apotécio de 2 a 4 cm de diâm., rosa, estipe de 2,5 a 5 cm, esbranquiçado a creme; consistência semi cartilaginosa. Microscopia: ascosporos ovóides de 24 x 14 µm. Habitat: Lignícola. Hábito: gregário. Presente dentro de bosques primários e em áreas de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 773 (QAP).

Comentário: **K-A** os denomina **Ringri ala** (= fungo orelha), pois se assemelha a uma orelha. Os **K-A** observaram que os grilos se alimentavam desse fungo. Uso adicional: Mi.

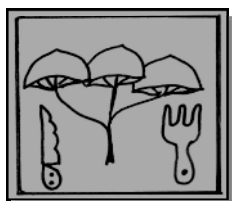
Rigidoporus amazonicus Ryvarden

Família: Meripiliaceae, Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma pileado, flabelifome, 10 x 8 cm, rígido, alaranjado-pálido com zonas concêntricas, 6-9 poros por milímetros. Microscopia: sistema hifálico monomítico. Não foram observados basídios e basidiosporos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 687 (QAP).

Comentário: **Ch** os chama de **Mele punki** que significa “comida do porco-do-mato” (*Tayassu tajacu*), pois caçadores observaram esse animal se alimentado do fungo. Usos adicionais: Co, Mi.



3.3.1.2 Fungos comestíveis: Fungos consumidos pelas pessoas das diferentes etnias, através de aprendizado e costumes. Os macrofungos são consumidos na Costa e Amazônia geralmente cozidos em água fervida ou também envolvidos em folhas. Os invólucros são colocados dentro do carvão até que as primeiras folhas fiquem queimadas, indicando que os macrofungos estão prontos para serem consumidos. Este prato é denominado **mayto** pelos Kichwas - amazônicos; **ayampaco** pelos Shuaras e Shiwiar; **cuaisu'u** pelos Secoyas; e **pando** pelos **Chachis**. Na cordilheira, os fungos são fritos ou utilizados em um “sopão”.

Monilia sp.

Família: Sclerotiniaceae, Ordem: Helotiales



Comentário: Conhecido entre os **Se**, que o chamam de **Aso'pore tēti** (= fungo pó de mandioca), é um fungo anamórfico usado para fermentar uma bebida alcoólica feita com mandioca (Chicha). J. P. Gamboa-Trujillo N° 1361 (QAP).

Cordyceps melolonthae (Tul. & C. Tul.) Sacc.

Família: Cordycipitaceae, Ordem: Hypocreales



Macroscopia: Ascoma parasitando colônia de larvas de besouro. Peritécios de 0,8cm, estromas de 1,3cm de comp., creme, consistência macia. **Microscopia:** esporos filiformes de 8x10 µm. **Habitat:** entomófago. **Hábito:** solitário. Presente em trilhas de bosque primário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 685 (QAP).

Comentário: **K-A** os denomina **Supay curo ala** (= fungo do diabo), sendo ingerido acompanhando a mandioca. Usos adicionais: Ri, Mi.

***Suillus luteus* (L.) Roussel**

Família: Suillaceae, Ordem: Boletales



Macroscopia: Píleo de 10 cm de diâm., convexo, superfície viscosa, marrom-amarelado; contexto esponjoso, amarelado, estipe de 7 cm, poros de 3-4 por mm. Microscopia: basidiosporos de 8 x 4 µm. Habitat: Micorrízico. Hábito: gregário. Presente em bosques de pinheiro. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1873 (QAP).

Comentário: **K-S** os denomina **Kallamba**, sendo um fungo comestível e comercializado por eles. São coletados em florestas de pinheiro.

***Agaricus pampeanus* Speg.**

Família: Agaricaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo de 20 cm de diâm., branco a esbranquiçado, lamela rosa, estipe de 8 cm. Microscopia: basidiosporos elípticos de 5 x 7 µm, marrons, com poro germinal. Habitat: húmcola Hábito: gregário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 110, 2288 (QAP).

Comentário: Como frutificam em novembro, os **K-S** e os **Col** os chamam de **Kallambas de finados** (= fungo de finados). Algumas crianças **Co** usam este fungo para brincar como se fosse guarda-chuva das bonecas.

Uso adicional: Mi.

Oudemansiella platensis (Speg.) Speg.

Família: Physalacriaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo viscido de 5-8 cm. de diâm., café-bege com escamas marrons na superfície, lamelas subdistantes, brancas, estipe de 4 a 7 cm, excêntrico, liso, branco. Microscopia: basidiósporos de 12 x 10µm, subglobosos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas em bosques primários. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1193 (QAP).

Comentário: Denominado pelos **K-A** como **Chincha ala** (= fungo de comer), enquanto os **Se** e **Si** de **Imi tēti** (= fungo igual a sardinha), sendo usado na preparação de cuaisu'u (os fungos são envolvidos em folhas de *Heliconia* spp. e assados no carvão em brasa). Uso adicional: Or.

Volvariella* cf. *volvacea (Bull.) Singer

Família: Pluteaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Basidioma com píleo convexo de 8 cm de diâm., esbranquiçado na borda, cinza no centro, contexto branco, lamelas livres, estipe 7,2 cm. Microscopia: basidiosporos róseos de 7 x 6 µm. Habitat: húmico. Hábito: solitário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 2177 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chamam de **Palanda ala** (= fungo da banana), enquanto os **Ch** de **Kijtiutiu** (= fungo para comer). Seu crescimento é geralmente vinculado aos resíduos da banana.

***Marasmius cladophyllus* Berk.**

Família: Marasmiaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo de 3,5 cm de diâm, alaranjado, semi-liso, lamelas separadas com venações transversais, esbranquiçadas, estipe de 5 cm, cartilaginoso, liso, alaranjado. Microscopia: basidiosporos elipsóides, escuros, de 10 x 3 µm. Habitat: sapróbio em serrapilheira. Hábito: gregário. Presente em trilhas de bosque primário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1036 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chamam de **Killu ala** (= fungo amarelo), sendo ingerido no mayto (enrolado de folhas de *Heliconia* spp.) ou em sopa.

***Pleurotus concavus* (Berk.) Singer**

Família: Pleurotaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo sub-cartilaginoso de 3 a 7cm de diâm., umbonado, branco, lamelas unidas ao estipe, subdistantes, estipe rígido de 7 cm de comp., fusionado, branco. Habitat: lignícola. Hábito: cespitoso. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 772, 817, 1065 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chamam de **Taka ala** (= fungo do tronco para comer) e **Sara ala** (= fungo do milho). Os **Za** os denominam **Katsapija** (= fungo de comer). Como a frutificação é permanente, ambas as etnias consomem o fungo freqüentemente.

Lentinus scleropus (Pers.) Fr.

Família: Polyporaceae, Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma com píleo de 10 cm de diâm., infundibuliforme, branco, margem lobada, estipe excêntrico de 1 cm de comp., consistência cartilaginosa. Microscopia: basidiosporos de 5 x 2 µm, hialinos, cilíndricos. Habitat: lignícola. Hábito: cespitoso. J. P. Gamboa-Trujillo N° 676 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chamam de **Taka ala** (= fungo do tronco para comer) e **Sara ala** (= fungo do milho).

Pleurotus djamor (Rumph. ex Fr.) Boedijn

Família: Pleurotaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Basidioma de 7 cm de diâm., branco, lamelas decurrentes, estipe lateral, cartilaginoso. Microscopia: basidiosporos de 5-7 µm. Habitat: lignícola. Hábito: cespitoso. Presente em áreas abertas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1347 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Taka ala** (= fungo do tronco), enquanto os **Se** de **Po tēti** (= fungo branco). Tanto os **Shi** e os **Sh (Esemp)** quanto os **Ch (Ishk kijiutiu)** os chamam de fungo de comer. Os **Col** os denominam **Espanhola branca**. Uso adicional: Me.

Tremella fuciformis Berk.

Família: Tremellaceae, Ordem: Tremellales



Macroscopia: Basidiomas gelatinosos, fusionados formando uma massa cerebriforme de 3,8 x 7 cm, esbranquiçado, translúcido. Microscopia: basidiosporos de 5 x 4 μm , hialinos. Habitat: lignícola. Hábito: cespitoso. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1040 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chama de **Calun ala** (= fungo suave) e, segundo essa etnia, não deve ser comido por crianças, pois pode provocar infertilidade. Uso adicional: Mi.

Auricularia delicata (Fr.) Henn.

Família: Auriculariaceae, Ordem: Auriculariales



Macroscopia: Basidioma semi-gelatinoso, creme, de 8 x 12 cm de diâm., superfície superior lisa e inferior reticulada Microscopia: basidiosporos alantóides, de 10 x 4 μm . Habitat: lignícola

Hábito: gregário. Presente em clareiras de floresta primária e em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1082, 413, 450, 472, 798, 964 (QAP).

Comentário: Para os **K-A**, esse fungo é denominado **Calun calun ala** (= fungo suave). Para os **Se**, **Cajo tēti** (= fungo forma de orelha); **C**, **Anjse tsina** (= fungo vermelho); **Sh**, **Iwianchi kuishi** (= orelha do diabo); **Ch**, **Bulum kijiutiu** (= fungo vermelho de comer); **Col**, **Orelhas de macaco**. Observa-se que a maioria das denominações atribuídas a estes fungos significa etimologicamente orelha suave ou orelha vermelha, sendo considerado comestíveis por todas as etnias. Usos adicionais: Zc, Mi.

Auricularia fuscosuccinea (Mont.) Farl.

Família: Auriculariaceae, Ordem: Auriculariales



Macroscopia: Basidioma semi-gelatinoso de 7 a 8 cm de diâm., roxo, translúcido. Microscopia: basidioporos alantóides, de 10 x 4 µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em clareiras de bosque primário e em áreas de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo. N° 414, 449, 731, 747, 1014, 1024 (QAP).

Comentário: Para os **K-A**, esse fungo é denominado **Calun calun ala** (= fungo suave). Para os **Se**, **Cajo tēti** (= fungo forma de orelha); **C**, **Anjse tsina** (= fungo vermelho); **Sh**, **Iwianchi kuishi** (= orelha do diabo); **Ch**, **Bulum kijiutiu** (= fungo vermelho de comer); **Col**, **Orelhas de macaco**. Este macro fungo também é usado como brinquedo por crianças, que usam o basidioma como balão. Usos adicionais: ZC, Mi, J.

Clavulinopsis fusiformis (Sowerby) Corner

Família: Clavariaceae, Ordem: Agaricales



Macroscopia: Basidioma clavado, laranja, de 5,9 x 0,3 cm, consistência sub-cartilaginosa, oco por dentro. Microscopia: basidiósporos de 4 x 7 μ m, subsféricos, hialinos. Habitat: terrícola Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 656 (QAP, Q).

Comentário: Para os **Sh**, é denominado **Sapi** (= minhoca), é consumido cru ou cozido. Para os **Ep**, é conhecido como **Puk'uru k'arra** (=raiz da árvore) e os avós falam as crianças que estes são as raízes da árvore. Usos adicionais: Me, Mi

Favolus tenuiculus P. Beauv.

Família: Polyporaceae, Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma séssil de 5,7 x 10 cm, branco, himênio com poros de forma hexagonal, branco-amarelados, estipe lateral de 0,6 cm. Microscopia: sistema hifálico dimítico, apresentam grampos de conexão, basidiósporos hialinos, de 9 x 3 μ m. Habitat: lignícola. Hábito: gregário.

Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 463, 966, 491, 440, 489, 1022 (QAP).

Comentário: Tanto para os **K-A (Pusum ala)** quanto para os **K-S (Busum)**, este fungo se chama fungo do bucho de boi. Os **Col** também os denominam fungo do bucho de boi, sendo o nome usado (**Pusunera**) originado da fusão do nome **K-S** com uma terminação castelhana. Os **Se (Ai tēti)** os chamam de fungo para comer, bem como os **Sh (Esemp)**, **Ch (Anj kijtiutiu)**, **Za (San yaku katsapija)** e os **Ts (Kijte pa)**. Os **Sh** e **Shi** os denominam **Shushui esemp** (= fungo macio de comer). Os **Co** os chamam de **Kiupa tsina** (= fungo que o caracol come). Os nomes foram designados pela morfologia parecida com o bucho do boi e também devido a sua consistência gelatinosa e cor esbranquiçado. Uso adicional: Zc.

Lycogala epidendrum (J.C. Buxb. ex L.) Fr.

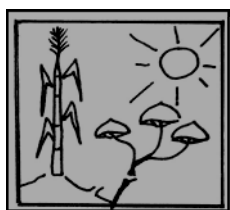
Família: Tubiferaceae Liceida



Macroscopia: Etálios subglobosos, fusionados ou não, róseos quando imaturos, depois se tornam cinza, de 5mm de diâm. Microscopia: esporos reticulados globosos, de 6- μm de diâm.

Habitat: Lignícola, Hábito: gregário. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 2829 (QAP).

Comentário: Os **Sh** os chaman **Yakich** (= fungo de comer), sendo ingeridos crus. Os **Ep** os denominam **Net'm't chakie** (= ovo pequeno), com os quais as crianças brincam. Usos adicionais: J.



3.3.1.3 Fungos bio-indicadores de época de plantio: quando resultam em grande número, indicam o tempo apropriado de plantar diversas culturas, de plantas de ciclo curto, como o milho

Lentinus crinitus (L.) Fr.

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Pileo infundibuliforme de 4 cm de diâm., com superfície superior hirsuta, marrom, himênio lamelado, estipe central de 2 cm. Microscopia: basidiosporos cilíndricos de 6 x 3 µm, lisas, hialinas. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 744, 793, 829, 834, 979, 1039 (QAP) .

Comentário: Os **K-A** os denominam **Sara ala** (= fungo do milho), enquanto os **Se, Tanque nuti t̃t̃ti** (= fungo em forma de pênis do macaco aranha, *Ateles belzebuth* É. Geoffroy Saint-Hilaire).

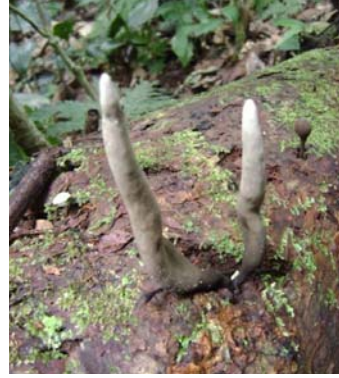
Usos adicionais: Zc, Co, Me, Mi.



3.3.1.4 Fungos Medicinais: para uso na medicina tradicional. Geralmente os fungos são consumidos em chá. No caso de *Xylaria* spp., o ascostroma é rompido e espremido, bebendo-se a água que sai do seu interior. Em outros casos, fases miceliares são aquecidas e colocadas na parte afetada. Emplastos são confeccionados com espécies dos gêneros *Phallus*, *Staheliomyces*, *Marasmius*, *Mycena*, entre outros.

Xylaria telfairii (Berk.) Sacc.

Família: Xylariaceae Ordem: Xylariales



Macroscopia: Ascoma de 8 cm, claviforme, negro na base e marrom no ápice, de consistência macia. Microscopia: ascosporos de 16 x 6 μm . Habitat: lignícola. Hábito: gregário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 781 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chamam de **Siqu yaqu ala** (= fungo orelha de agouti), sendo geralmente usado para dar de beber as crianças para evitar que façam xixi na cama. Os **Ch** os denominam **Uncum sem gulo** (= fungo do espírito), sendo usado por eles contra dor de ouvido.

Xylaria polymorpha (Pers.) Grev.

Família Xylariaceae Ordem Xylariales



Macroscopia : Ascoma de 8 x 2,5 cm, negro no exterior e branco internamente. Microscopia: ascosporos elipsóides, de 21 x 6 μm . Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente nas trilhas dos bosques primários. J. P. Gamboa-Trujillo N° 741 (QAP, Q).

Comentário: Os **K-A** chamam de **Siqu yaqu ala** (= fungo orelha de agouti), sendo geralmente usado para dar de beber as crianças para evitar que façam xixi na cama. Também são usados para decorar presépios. Os **Ch** denominam **Uncum sem gulo** (= fungo do espírito), sendo usado por eles contra dor de ouvido.

Marasmiellus cubensis (Berk. & M.A. Curtis) Singer

Família: Tricholomataceae Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo sulcado ou estriado, de 1,3 a 1,6 cm, branco, lamelas separadas, brancas, estipe liso, curvo, branco, de 1,5 cm de comp., com volva na base. Microscopia: basidiosporos de 10 x 4 µm, hialinos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente nas trilhas dos bosques primários. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1231 (QAP).

Comentário: Os **K-S** o denominam **Caluj ala cari** (= fungo gelatinoso) e é usado como emplastro para curar tumores, sobre os quais é colocado até que saem. Uso adicional: Mi.

Marasmius haematocephalus (Mont.) Fr.

Família: Marasmiaceae Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo de 1,3 cm de diâm., vináceo, sulcado, lamelas separadas, rosa pálido, estipe filamentoso, negro, rígido. Microscopia: basidiósporos cilíndricos, de 15 x 4 µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário ou individual. Presente nas trilhas dos bosques primários. J. P. Gamboa-Trujillo N° 976, 758 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Sisa ala** (= fungo flor) e são usados como chá contra dor de estômago. Usos adicionais: Or, Mi.

Auricularia mesenterica (Dicks.) Pers.

Família: Auriculariaceae Ordem: Auriculariales



Macroscopia: Basidioma subcartilaginoso de 10 cm de diâm., superfície superior cinza pardo, com zonas concêntricas esbranquiçadas, cobertas por pêlos, superfície inferior pardo púrpura, plicada. Microscopia: basidiosporos de 15 x 6 µm, alantóides, hialinos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1442 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os chamam **Calulu ala** (= fungo gelatinoso), e são usados como chá, para curar a malária. Usos adicionais: Zc, Mi.

Geastrum saccatum Fr.

Família: Geastraceae Ordem: Lycoperdales



Macroscopia: Endoperídio de 3 cm de diâm., com um opérculo central, exoperídio quando aberto formando nove lacínios. Microscopia: basidiosporos de 5 µm, globosos, verrucosos. Habitat:

humícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas nos bosques primários. J. P. Gamboa-Trujillo N° 616 (QAP).

Comentário: Os **Col** os chamam **Sopapo**, sendo usado como cicatrizante, através do uso dos basidiosporos nas feridas. Usos adicionais: Zc.

Coriopsis polyzona (Pers.) Ryvarden

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma sésil de 8 cm de comp. x 6 cm de largura, superfície superior hirsuta com zonas concêntricas, de cor verde e café, himênio poróide, café. Microscopia: sistema hifálico trimítico, basidiosporos não observados. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 810 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os usam para limpeza de manchas do rosto passando o himênio pela face. Uso adicional: Mi.

Schizophyllum commune Fr.

Família: Schizophyllaceae Ordem: Schizophyllales

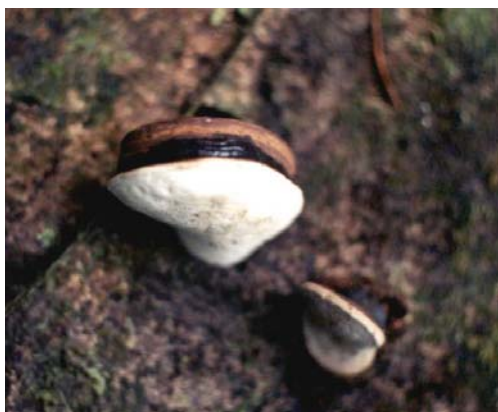


Macroscopia: Basidioma de 3,5 cm de largura x 1,3 cm de comp., cinza, superfície superior tomentosa, himênio com lamelas fusionadas, cinza. Microscopia: sistema hifálico monomítico, com grampo de conexão, basidiosporos de 5x1 µm subcilíndricos, hialinos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em áreas de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 488, 30 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Aya ala** (= fungo do fantasma), sendo usado exclusivamente para dar de comer às mães depois do parto, como energizante. Usos adicionais: ZC, Co, Mi.

Ganoderma australe (Fr.) Pat.

Família: Ganodermataceae Ordem: Ganodermatales



Macroscopia: Basidioma séssil, aplanado, de 48 cm de comp. x 27 cm de largura, superfície superior rugosa com zonas concêntricas marrons, himênio poróide branco, com 6 poros por mm. Microscopia: sistema hifálico dimítico, com grampos de conexão, basidiosporos truncados de 6 µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 632, 1266 (QAP, Q).

Comentário: Os **K-A** os denomina **Yurac ala** (= fungo da trilha), pois são usados como placas para que os caçadores não percam o caminho. Também usados para curar doenças respiratórias. Os **Se** os chamam **Sotorehua tēti** (= fungo em forma de machado do diabo), enquanto os **Sh**, **Numi kuishi** (= orelha da árvore). Usos adicionais: Or, Mi, Me.



3.3.1.5 Fungos lúdicos: Usados por crianças das comunidades indígenas como objetos de entretenimento. Na maioria de crianças brincam com os macrofungos Aphylophorales assemelhando com biscoitos, carne, sim comerlos de verdade; além di isso mancham sua pele com os esporos como

no caso de *Ustilago maydis* e *Pycnoporus sanguineus*, ou escutando o som do mar quando quebram o apotécio de *Cookeina tricholoma*.

Cookeina tricholoma (Mont.) Kuntze

Família: Sarcoscyphaceae Ordem: Pezizales



Macroscopia: Apotécio com tricomas na parte externa, na margem e na base, de 2 a 4 cm de diâm., alaranjado, estipe de 2,5 a 5 cm de comp., branco, consistência semi-cartilaginosa.

Microscopia: ascosporos ovóides, lisos, 21 x 11 µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente dentro de bosque primário e em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 740 (QAP, Q).

Comentário: As crianças **K-A** os denominan **Ringri ala** (=fungo forma de orelha) e colocam o apotécio no ouvido para ouvir o estalar dos ascosporos (como o som de relógio) e as ondas do mar. Usos adicionais: Me, Mi.

Ustilago maydis (DC.) Corda

Família: Ustilaginaceae Ordem: Ustilaginales



Macroscopia: Fungo que produz cancos de 10 cm, parasitando as sementes de milho, inicialmente são cinza, tornando-se pretos. **Microscopia:** teliosporos de 8 µm, ornamentados,

negros. Encontrado em roças de milho (*Zea mays*). Presente em área de roçado especificamente de milho. J. P. Gamboa-Trujillo N° 2942 (QAP).

Comentário: As crianças **Col** usam este fungo denominado **Cuscungo** (= negrinho) como brinquedo, tingindo principalmente o rosto e cantando a canção “*Melva cuscunga meze el arroz sino mezes el arroz, no hay para voz*” (= *Melva cuscunga mexe o arroz, se você não mexe não tem para você*). Usos adicionais: Zc, Me

***Trametes elegans* (Spreng.) Fr. = *Lenzites elegans* (Spreng.) Pat.**

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma de 15 x 9 cm, com superfície superior branca a creme, com zonas concêntricas, café, himênio labirintiforme, branco, estipe lateral de 3,5 cm. Microscopia: sistema hifálico trimítico, com grampos de conexão, basidiosporos não observados. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 749, 783 (QAP).

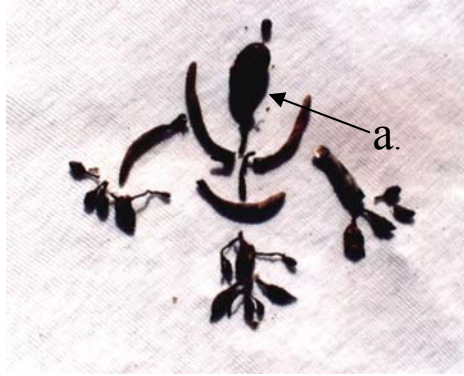
Comentário: As crianças **Ep** os usam como se fossem biscoitos. Usos adicionais: Zc, Mi.



3.3.1.6 Fungos ornamentais: utilizados para decorar a casa, geralmente em eventos especiais. A maioria dos Aphylophorales e de espécies de *Xylaria* é usada para enfeitar o presépio na época de Natal.

***Xylaria obovata* (Berk.) Berk.**

Família: Xylariaceae Ordem: Xylariales



Macroscopia: **a.** Peritécio globoso de 1,7 cm de diâm. preto e brilhante, internamente de cor esbranquiçada a creme. Microscopia: ascosporos alantóides de 23 x 6 μm .

Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1184, 460 (QAP, Q).

Comentário: Os **K-A** os usam para enfeitar o presépio durante o Natal e os denominam **Siqu ala** (= orelha do agouti)

Phellinus gilvus (Schwein.) Pat.

Família: Hymenochaetaceae Ordem: Hymenochaetales



Macroscopia: Basidioma séssil de 3 x 1,4 cm, marrom, himênio poróide, marrom, com 9 poros por mm. Microscopia: Sistema hifálico dimítico, basidiosporos elipsóides de 4 x 3,2 μm , hialinos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 654 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Aya ala**, e usam para enfeitar os presépios, além de isso os cozinham em água fervendo até que o fungo fique macio, ingerindo como acompanhamento ou

para fins medicinais pra os resfriados. Os **Sh** os chamam **Numi kuishi** (= orelha da árvore). Usos adicionais: Co, Me.

***Polyporus leprieurii* Mont.**

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Píleo flabeliforme de 4 cm de diâm., marrom-avermelhado, himênio poróide, esbranquiçado, com 7 poros por mm, estipe preto, excêntrico, de 0,8 cm de comp. Microscopia: basidiosporos 5 x 3 µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária e em áreas de roçado. J. P Gamboa-Trujillo N° 1009 (QAP).

Comentário: Os **K-S** os denominam **Caspi ñahui ala** (= fungo do córtex da árvore), sendo usados para enfeitar a casa. Uso adicional: Mi.



3.3.1.7- Fungos ritualísticos: usados em movimentos ritualísticos ou para esfregar em pessoas como limpeza espiritual.

***Phallus indusiatus* Vent.**

Família: Phallaceae Ordem: Phallales



Macroscopia: Píleo cônico, reticulado de 3,6 cm de diâm., apresentando um indúcio, estipe esbranquiçado, esponjoso, cilíndrico, de 12 cm de diâm.. Apresentam pequenos rizóides brancos que se tornam arroxeados quando são manipulados. Microscopia: basidiosporos cilíndricos de 3.5 x 1 μm hialinos. Habitat: terrícola. Hábito: solitário a gregário. Presentes em floresta primária e roçados. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1243 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Aya ullo** (= fungo pênis do fantasma). Para os **Af**, este fungo possui o nome de **Picha** ou **Vela do morto**, estando associado com acontecimentos mitológicos. Usos adicionais: Me, Mi.

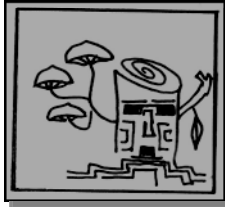
Filoboletus gracilis (Klotzsch ex Berk.) Singer.

Família: Mycenaceae Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo de 3 cm de diâm., cônico, superfície superior viscosa, de consistência gelatinosa, translúcido, estipe de 6 cm, central. Microscopia: basidiosporos ovóides de 5 x 5,4 μm . Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em florestas primárias. J. P. Gamboa-Trujillo N° 2932 (QAP).

Comentário: Os Ts os denominam **Kevy luly** (= flor do entardecer), usado exclusivamente por esta etnia para banho energético. Uso adicionais: Zc, Me.



3.3.1.8 Fungos mitológicos: aqueles que estão relacionados com histórias e lendas contadas por cada etnia. Também são considerados dentro desta categoria os fungos com os quais as pessoas fazem comparações e relações dos cogumelos com seres vivos como árvores, entre outros elementos do meio onde elas vivem.

Cordyceps dipterigena Berk. & Broome

Família: Clavicipitaceae Ordem: Hypocreales



Microscopia: Peritécios de 0,4 cm, bege, localizados na porção torácica de *Tabanus* spp. (Diptera), consistência macia. Microscopia: ascosporos hialinos de 5 x 2 µm. Habitat: Entomópato. Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária J. P. Gamboa-Trujillo N° 970 A (QAP).

Comentário: Denominado pelos **K-A** de **Supay chaqui ala** (= fungo do pé do diabo).

Hexagonia hydroides (Sw.) M. Fidalgo

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma de 7,5 x 5,3 cm, hirsuto, himênio poróide com 5 poros x mm. cor cinza no centro e margem branca. Microscopia: basidiosporos cilíndricas 12x 4µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em área de roças. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1257 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Ruku supay ala** (= as barbas do diabo), pela semelhança da superfície do fungo com as barbas do diabo (descrição de este ente segundo os informantes de esta etnia).

***Pycnoporus sanguineus* (L.) Murrill**

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma flabeliforme, vermelho-laranja de 5,6 x 8 cm, himênio poróide com poros de 5-6 por mm. Microscopia: Sistema hifálico trimítico, com grampos de conexão, basidiosporos elipsóides de 5 x 3 µm. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 412721,797,1185 (QAP).

Comentário: Os **K-S** o denominam **Kuillur ala** (= fungo irmão de Lucero reportando-se a historia onde estas duas pessoas lutaram contra o mal) ou **Puka ala** (= fungo quente ou vermelho), sendo um fungo usado para curar micoses na pele, esquentando-se o basidioma na fogueira e esfregando nas zonas afetadas por verrugas. Os **Se** os chaman **Ma tēti** (= fungo vermelho) devido a sua cor, possuindo o mesmo uso medicinal dos **K-S**. Uso adicional: Or.

Earliella scabrosa (Pers.) Gilb. & Ryvarden

Família: Polyporaceae Ordem: Polyporales



Macroscopia: Basidioma sésstil de 11 x 7 cm, resupinado, com superfície superior vermelha escura na base, margem e himênio creme, poróide com 3 poros por mm. Microscopia: sistema hifálico trimítico, com grampos de conexão, basidiosporos cilíndricos de 3 x 8 μ m. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1411 (QAP).

Comentário: Os **K-A** o denominam **Aya ala** (=fungo do fantasma) e relatam que pode causar a morte quando ingerido. Os **Se** o chamam **Wati ji'so tēti** (= fungo do prato onde o diabo come) e contam que o diabo ensinou às pessoas a fazer artefatos para comer. Uso adicional: V.

Coenogonium linkii Ehrenb

Família: Coenogoniaceae Ordem: Ostropales



Macroscopia: talo folhoso, apotécio amarelo-alaranjado. Microscopia: ascosporos hialinos com ou sem septo de 7 x 2 µm. Habitat: sobre troncos de árvores vivas. J. P. Gamboa-Trujillo N° 2945 (QAP).

Comentário: Os **K-A** o denominam **Espejo ala** (=fungo espelho), e contam que é o espelho do diabo. Uso adicional: Me.

Arcyria incarnata (Pers.) Pers.

Família: Arcyriaceae Ordem: Arcyriales



Macroscopia: Esporoteca cilíndrica, ereta, de 1,5 mm, capilício em forma de redes esponjosas, avermelhadas, cálculo vermelho, estipe preto com hipotalo grosso na base. Microscopia: não foram encontrados esporos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas em floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 802b (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Supay ala** (=fungo de diabo). Os **Sh** os chamam **Yakich** (=fungo) e os **Se, Ma tēti** (=fungo vermelho).



3.3.1.9 Fungos alucinógenos: também chamados enteogénicos. Usados para que o curandeiro entre em transe, a fim de facilitar a observação da doença do corpo e do espírito das pessoas da aldeia.

Daldinia concentrica (Bolton) Ces. & De Not.

Família: Xylariaceae Ordem: Xylariales



Macroscopia: Ascomas hemisféricos de 7 cm de diâm., com zonas concêntricas pretas e brancas internas, consistência rígida. Microscopia: ascósporos de 11 x 4,3 μ m, elípticos, lisos, marrom-escuros. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em floresta primária. J.P. Gamboa-Trujillo N° 477 (QAP, Q).

Comentário: Os K-A os consideram como fungo alucinógeno e os denominam **Siqu ala** (= fungo da orelha do agouti), relatando que a inalação dos ascósporos provoca alucinações.

Phillipsia domingensis Berk.

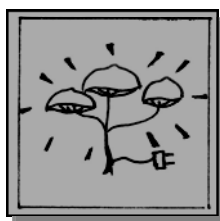
Família: Sarcoscyphaceae Ordem: Pezizales



Macroscopia: Ascoma em forma de disco de 4 x 2,8 cm, diam.) cor roxo na superfície superior e branco na inferior, consistência cartilaginosa. Microscopia: ascósporos de 25 x 11 μ m, elipsóides. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em roçados e trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1026, 1019 (QAP, Q).

Comentário: Os **K-A** o denomina **Mukahua ala** (= fungo em forma de prato) e relatam que é o prato no qual os irmãos Kuillur e Lucero serviram a bebida fermentada (chicha) quando

convidaram a onça (*Panthera onca*). Os **Ts** os chamam **Pian oco nida** (= prato do morto), sendo este o primeiro registro de consumo de fungos alucinógenos de forma tradicional no Equador, ajudando o xamã a visualizar com as doenças da pessoa doente, tanto do corpo como da alma. Além de isso, limpa o organismo de parasitas. Os **Se** os denominam **Sotorehua tēti** (= fungo para fazer pratos) e os considera como o modelo usado pelo diabo para ensinar às pessoas a fazerem pratos. Uso adicional: Mi, Me.



3.3.1.10 Fungos luminosos: designam as espécies que apresentam bioluminescência, propriedade observada pelas nacionalidades indígenas e relatada dentro das lendas que os caçadores e outras pessoas observaram na mata.

Caripia montagnei (Berk.) Kuntze

Família: Marasmiaceae Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo em forma de taça fechada, de 1 x 0,4 cm, branco, estipe de 0,3 cm. Microscopia: basidiosporos de 5 x 3,5µm, hialinos. Habitat: lignícola. Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1316, 1323 (QAP).

Comentário: Os **Se** os denominam **Wati yi'yo tēti** (= a pulseira do fantasma). Os caçadores contam que este fungo tem luz à noite e serve para que não percam o caminho. Uso adicional: Mi.

Fase Micelial



Micélio envolvendo galhos de *Bauhinia sp.*

Presentes em trilhas de bosque primário. J. P. Gamboa-Trujillo N° 417, 461,465,739, 981,729,836,1237 (Q, QAP).

Comentário: Pelos **K-A**, são chamados **Walka ala** (= fungo de pulseira). Os **Se** os denominam **Yi'yo tēti** (= a pulseira do diabo), enquanto os **Ep** os chamam **Wendo** (= luminoso). Nas três etnias, estes micélios servem também como remédio para que as crianças não façam xixi na cama. Usos adicionais. Me, Mi.

Lycoperdon pyriforme Schaeff.

Família: Agaricaceae Ordem: Agaricales



Microscopia: Basidioma de 0,6 x 0,8 cm, esferoidal, liso, marrom-púrpura com opérculo na parte apical, parte inferior esbranquiçada, com rizóides.

Microscopia: basidiosporos globosos de 4-5µm. Habitat: lignícola, Hábito: gregário. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 736 b (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Bila ala** (= fungo em forma de vela) e relatam que este fungo produz luz à noite. Usos adicionais: Zc, Co, Mi.



3.3.1.11 Fungos venenosos: relatados pelo povo como tóxicos, sendo os fungos que podem causar doenças ou mesmo a morte ao serem consumidos ou cujos basidiosporos sejam aspirados acidentalmente, como no caso do gênero *Scleroderma*.

Coprinellus disseminatus (Pers.) J.E. Lange

Família: Coprinaceae Ordem: Agaricales



Macroscopia: Píleo de 1,2 cm de diâm., branco, tornando-se cinza na maturidade, estipe de 1,8 cm. Microscopia: basidiosporos elípticos de 6,5 x 4 µm, com poro central. Presente em trilhas de floresta primária. J. P. Gamboa-Trujillo N° 1277 (QAP).

Comentário: Os **K-A** os denominam **Ambi ala** (= fungo venenoso) e contam que este fungo pode causar a morte por ingestão. Uso adicional: Me.

Panaeolus semiovatus (Sowerby) S. Lundell & Nannf.

Família: Incertae sedis Ordem: Agaricales.



Microscopia: Píleo de 5 cm de diâm., marrom brilhante, cônico, lamelas marrom-escuras, estipe de 10-15 cm. Microscopia: basidiosporos de 20 x 10 µm, elipsóides, inamilóides. Habitat: coprófilo. Hábito: gregário. Presente em área de roçado. J. P. Gamboa-Trujillo N° 736 b (QAP).

Comentário: Os Col os chamam com um nome fusionado entre kichwa e castelhano (**Kallamba do sapo** = fungo do sapo) e são considerados como venenosos, razão pela qual na época de coleta de fungos comestíveis os pais ensinam seus filhos a não recolher este fungo. Uso adicional: A.

3.4 Espécies de consumo comum a etnias equatorianas e a outras etnias

As espécies *Favolus tenuiculus*, *Auricularia fuscossuccinea*, *A. delicata* e *Pleurotus djamor* são usadas na categoria comestível nas três regiões estudadas no Equador continental (Costa, Cordilheira e Amazônia). Além dessas, *Ganoderma australe* também é utilizada na categoria medicinal em ambas as regiões equatorianas. Estas espécies são também comuns a 11 das 13 etnias estudadas, excetuando-se os afro-equatorianos e os colonos de Galápagos, para os quais nenhuma destas espécies apresenta usos.

Favolus tenuiculus também é consumida pelos indígenas Patamona da Guiana, sendo conhecida com o nome de katsala (Henkel *et al.*, 2004). No Brasil, os indígenas Sanama consomem este fungo assado ou fervido e utilizam ATAPA-AMO ou WAIKASSAMO para nomeá-los (Fidalgo & Prance, 1976). Em várias localidades das áreas tropicais do México, Ruán-Soto *et al.* (2006) registrou também o uso de *Favolus tenuiculus* como alimento por descendentes maias em áreas tropicais no México.

Auricularia fuscossuccinea também foi relada por Ruán-Soto *et al.* (2006) como comestível, enquanto espécies de *Auricularia* não identificadas são consumidas pelos Sanama (Fidalgo & Prance, 1976) e pelos Temuan na Malásia (Chang & Lee, 2004).

Ruán-Soto *et al.* (2006) registraram também o uso de *Pleurotus djamor* como alimento. *Pleurotus concavus* é considerado comestível pelas comunidades Kichwas e Zaparas da Amazônia equatoriana, onde são consumidos após cozimento, de forma similar aos Sanama da Amazônia brasileira, que o nomeiam PLO PLO LEMO AMO (Fidalgo & Prance, 1976). Espécies não identificadas de *Pleurotus* são relatadas como comestíveis pelos Sanama (Fidalgo & Prance, 1976), pelos Temuans da Malásia (Chang & Lee, 2004) e pelos Patamona da Guiana (Henkel *et al.*, 2004).

Pycnoporus sanguineus possui os mesmos usos na Malásia, onde são comercializados e usados para tratar verrugas. Na Amazônia equatoriana, são utilizados no tratamento de micoses e também de verrugas na pele. No Brasil, Martius observou que o “índio atribuía às plantas e a algumas partes das mesmas, de cor vermelha, uma relação com o sangue”, explicando, assim, o emprego de *P. sanguineus* contra hemorragia (Fidalgo, 1965). Para os indígenas do grupo tupi-

guarani, este fungo é conhecido como “urupê tauá” ou “urupê piranga” (Fidalgo, 1965). Nos bosques subtropicais na zona da cordilheira equatoriana, os colonos ou mestiços usam *Geastrum saccatum*, ao invés de *P. sanguineus*, para controlar hemorragias causadas por cortes ocorridos durante o trabalho. *Geastrum saccatum* é também usada no Brasil pelos tupi-guaranis para tratar hemorragias, além de distúrbios uterinos (Fidalgo, 1965).

Lentinus crinitus é uma espécie utilizada como alimento pelos Sanama brasileiros (Fidalgo & Prance 1976), por etnias no Equador, onde é conhecida como “ilma ala” (= fungo para comer), e pelos Patamona da Guiana, que os chamam “kewetulk” (Henkel *et al.*, 2004). Espécies do gênero também são usadas pelos Temuans da Malásia como alimento (Chang & Lee, 2004).

Polyporus tricholoma é consumido através de cozimento tanto pelos Tsachilas da Costa do equador, quanto pelos Sanama brasileiros, sendo denominado Corobamo por eles (Fidalgo & Prance, 1976).

Ruán-Soto *et al.* (2006) registraram o uso de *Schizophyllum commune* como alimento de descendentes maias no México. Em fase primordial, é consumido pelas mulheres Kichwas após o parto para recuperar a energia. Os Secoyas e Sionas também se alimentam de basidiomas desta espécie quando em bom estado.

Tanto na Malásia quanto na Amazônia e Costa equatorianas, espécies de *Xylaria* são usadas para evitar que crianças urinem na cama (Chang & Lee, 2004). *Cookeina tricholoma* é utilizada pelas etnias equatorianas como brinquedo, enquanto na Malásia espécies deste gênero são consumidas como alimento (Chang & Lee, 2004).

Um dado interessante seria o nome utilizado pelos índios Bororos para designar fases primordiais de Agaricales ou fungos gasteróides. Segundo Albisetti & Venturelli, os índios Bororo as denominam “boé etáo”, que significa cabeça de índio Bororos (Fidalgo, 1965). Uso parecido a os Kichwas amazônicos de Arajuno, na Província de Pastaza, no Equador, onde denominam o fungo gasteróide *Clathrus crispus* com o nome vernacular “aya uma” (“aya” = espírito, “uma” cabeça), ou seja, cabeça de espírito. Este fungo é usado para evitar que os caçadores ou os coletores de frutos não caiam no chão, através de um ritual de marcar os quatro pontos cardeais no solo com pés cada vez que se encontram com esse macrofungo.

3.5 Diversidade total de espécies, famílias e filios

Das visitas a 13 etnias, foram obtidos 2942 espécimes de macro fungos, líquens e mixomicetos, dos quais 477 representam espécies, famílias e filios para os quais foram relatados usos. Das 157 espécies identificadas, *Favolus tenuiculus* (8% dos registros) e *Ganoderma australe* (7%) foram as espécies mais utilizadas, seguidas por *Auricularia delicata* (6%), *A. fuscusuccinea* (6%) e *Lentinus crinitus* (6%). Das 40 famílias identificadas, Polyporaceae (12%) apresentou maior frequência de uso, seguida por Marasmiaceae (11%) e Xylariaceae (10%)(Fig.28). O filo com maior frequência de uso foi Basidiomycota (84%)(Fig.29).

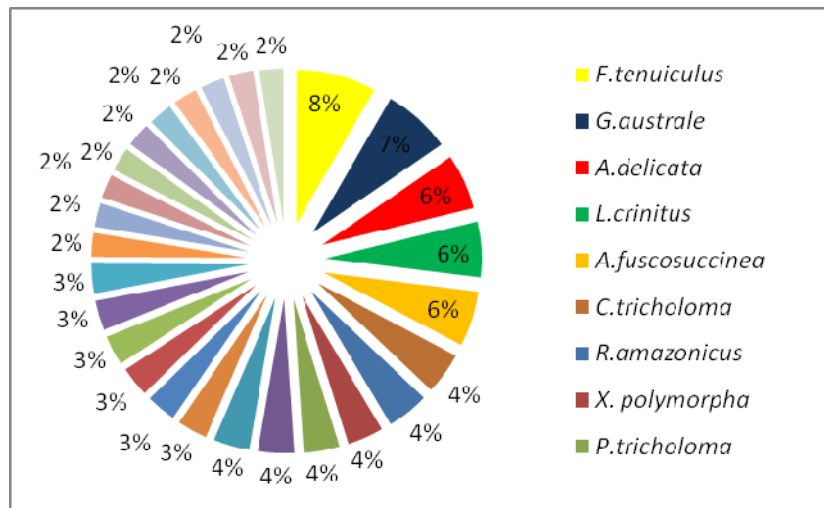


Fig.27. Frequência que uma espécie é utilizada pelas etnias equatorianas estudadas.

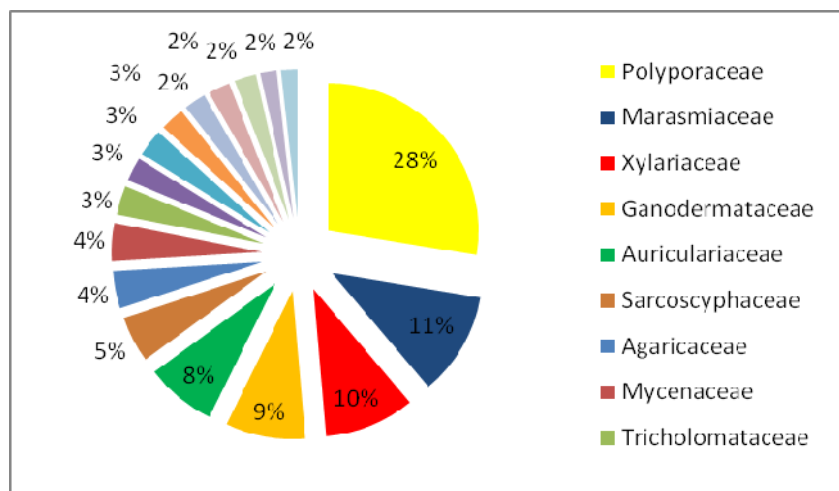


Fig.28. Frequência que uma família é utilizada pelas etnias equatorianas estudadas.

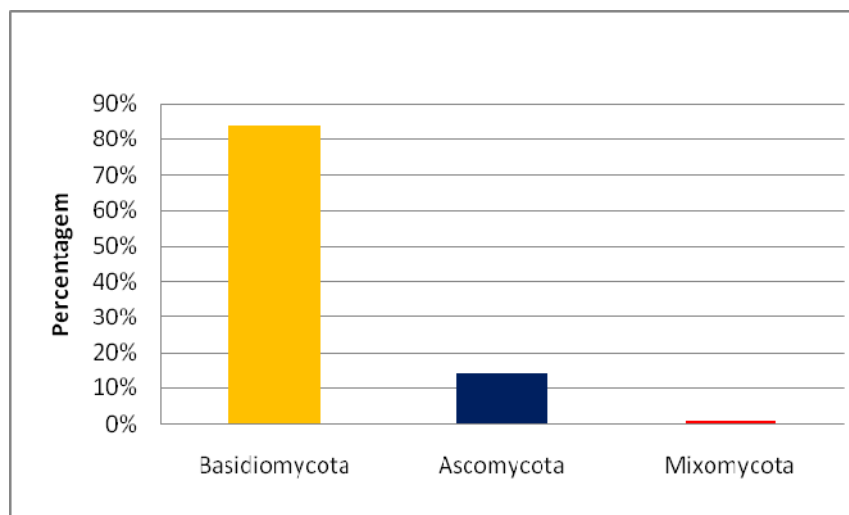


Fig.29. Frequência de uso por filo.

3.6 Comportamento micófilo por região

A região com maior micofilia foi a Amazônica, devido ao maior número de etnias visitadas (sete) e à maior diversidade de espécies, além da escassa intervenção da cultura ocidental e do estado de conservação do entorno natural. As similaridades geográficas e sociais influenciam a visão do ambiente e o comportamento similar nas culturas estudadas, como observado por Yamin-Pasternak (2008).

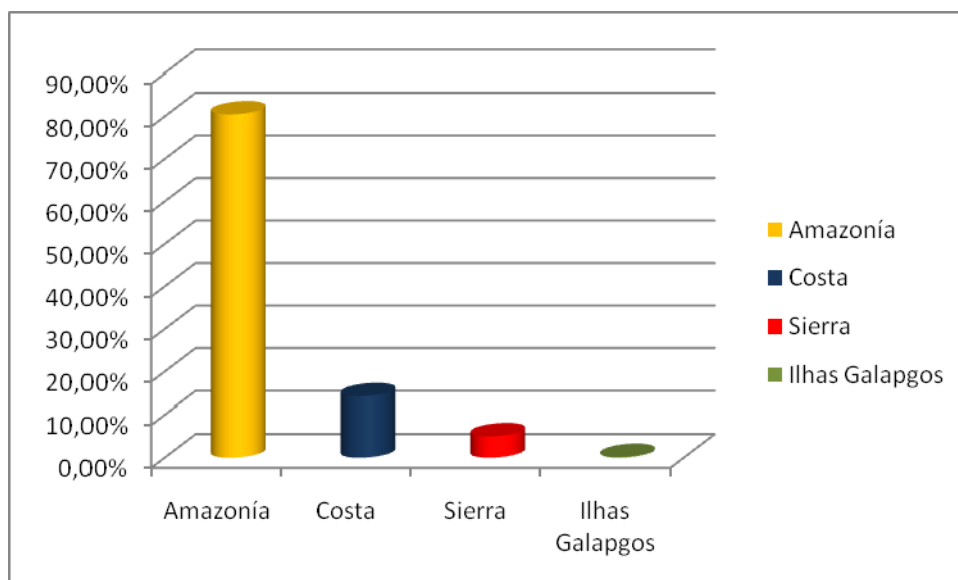


Fig.30. Frequência de registros de usos de fungos por região no Equador.

4. CONCLUSÕES

Com base na visita a treze comunidades indígenas e mestiças, além de museus e herbários nas quatro regiões do Equador, conclui-se que:

1. O Equador pode ser considerado um país com costume micófilo, o que pode ser constatado pelos artefatos provenientes dos assentamentos dos primeiros grupos étnicos, e pela frequência do uso dos fungos pelas etnias estudadas.
2. Cada etnia possui sua própria nomenclatura para designar os macrofungos, usando tanto nomes monomiais, quanto binomiais e trinomiais, além de prefixos baseados na forma, uso e similaridade com outros organismos.
3. A cultura micófila adotada por certas comunidades de colonos parece ter sido adquirida pela convivência e mistura de povos desde a chegada dos espanhóis, constatando-se este fato através da mistura de nomes em língua castelhana e kichwa, por exemplo: *Favolus tenuiculus* = “Pusunera”, em que “Pusum” significa “Bucho de boi” em kichwa e a terminação “era” pertence ao castelhano.
4. As espécies com maior frequência de uso pelas etnias equatorianas são: *Favolus tenuiculus*, *Ganoderma australe*, *Auricularia delicata*, *A. fuscosuccinea*, *Lentinus crinitus*, *Rigidoporus amazonicus*, *Polyporus tricholoma*, *Cookeina tricholoma* e *Xylaria polymorpha*.
5. *Xylaria* spp. são ascomicetes usados de forma similar na maioria das etnias amazônicas do Equador.
6. As famílias com maior frequência de uso pelas etnias equatorianas são: Agaricaceae, Auriculariaceae, Ganodermataceae, Marasmiaceae, Mycenaceae, Polyporaceae, Sarcoscyphaceae, Tricholomataceae e Xylariaceae, e o filo com maior frequência de uso é Basidiomycota.
7. A região com maior presença de comportamento micofílico foi a Amazônica, provavelmente devido ao maior número de etnias visitadas (sete) e à maior diversidade de espécies, além da escassa intervenção da cultura ocidental e do estado de conservação do entorno natural.
8. Algumas-Várias etnias vinculam, em geral, os fungos a acontecimentos mitológicos, pois o mito é um costume ancestral para associar a vida cotidiana a processos naturais.

5. BIBLIOGRAFIA

- Álvarez, C. and L. Montaluisa. (2007). *Lenguas indígenas vivas del Ecuador*. Alteridad 2, Universidad Politécnica Salesiana, Quito.
- Almeida, E. (2000). *Culturas Prehispánicas del Ecuador Viajes Chasquiñan*. Cia Ltda, Quito.
- Barfod, A.S. and Kvist, L.P. (1996). Comparative Ethnobotanical studies of the Amerindian groups in Costal Ecuador. *Biological Papers* 46. The Royal Danish Academy of Science and Letters, Copenhagen.
- Benjamin, D. (1995). *Mushrooms: poisons and panaceas. A Handbook for Naturalists, mycologists and physicians*. W.H. Freeman and Company.,New York.
- Benitez, F. (1969). *Los hongos alucinantes*. Serie Popular Era. 2º Edición, México. D.F.
- Benitez, L. and Garcés, A. (1993). *Culturas ecuatorianas, ayer y hoy*. Abya-Yala, Quito.
- Boom, B. (1987). Ethnobotany of the Chácobo Indians, Beni, Bolivia. *Advances in Economic Botany*, 4: 1-35.
- Cerón, C.E.; Montalvo, C.; Reyes, C. and Andi, D. (2005). *Etnobotánica Quichua Limoncocha, Sucumbios, Ecuador*. *Cinchona* 6:1-110.. Quito.
- CODENPE (Consejo de Nacionalidades y Pueblos del Ecuador).(2005). *Nacionalidades y pueblos indígenas del Ecuador*. <http://www.codempe.gov.ec/npe.htm>, acceso em 01/05/2008.
- Chang, Y.S. and Lee, S.S. (2004). Utilisation of macrofungi species in Malaysia. *Fungal Diversity*, 15: 15-22.
- Cuvi,P.(1994).*Artesanias del Ecuador*.Dinediciones,Quito.
- da Silva, V.A. and Albuquerque, U.P. (2004). Técnicas para análise de dados Etnobotánicos. *In* Albuquerque, U.P. and Lucena, R.F.P. (orgs) *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotánica*. Livro Rápido. Recife.
- Dennis, R.W. G.(1956). *Some Xylariales of tropical America*.Royal Botanic Garden, Kew.Richmond,Surrey.
- Denison, W. (1967). Central American Pezizales II. The genus *Cookeina*. *Mycologia* 59: 306-317.
- de la Torre, S.; de la Torre, L. and Oña, A. (2001). *Diagnóstico ambiental y socioeconómico de las cabeceras del río Aguas negras*. Propuesta de Convenio entre el Ministerio del Ambiente y el centro Indígena Secoya "Siecoya" para el uso y manejo de dicho sector. CD, Proyecto Petramaz; Ministerio del Ambiente, Quito.

- de la Torre, L.; Navarrete, H.; Muriel, P.; Macia M. and Balslev, H. (eds.). (2008). Enciclopedia de Plantas Útiles del Ecuador. Herbario QCA de la Escuela de Ciencias Biológicas de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador & Herbario AAU del Departamento de Ciencias Biológicas de la Universidad de Arthud. Quito & Aarhus.
- De Sahagún, B., 1569-1582. Historia de las cosas de la Nueva España, edición 1955, México, D.F. Ecociencia, ECOLAP and INP. (2000). Evaluación Ecológica Rápida Marina de la zona comprendida entre Punta Galera e Caimito. Ecociencia; ECOLAP; INP, Quito.
- Edufuturo. (2007). La Nacionalidad Shiwiar. Prefectura de Pichincha. <http://www.edufuturo.com/educación.php?m=59>, acceso em 30/03/2009.
- Estrada, A. and Aroche, R. (1987). Acervo etnomicológico en tres localidades del Municipio de Acambay, Estado de México. *Revista Mexicana de Micología*, 3: 109-131.
- Fidalgo, O. (1965). Conhecimento micológico dos Índios Brasileiros. *Rickia* 2: 1-10.
- Fidalgo, O. and Prance, G. (1976). The ethnomycology of the Sanama Indians. *Mycologia*, 68: 201-210.
- Fidalgo, O. and Hirata, D. (1979). Etnomicologia Caiabi, Txicão e Txucarramãe. *Rickia*: 8: 1-5.
- Findlay, W.P.K. (1982). *Fungi, folklore, fiction and fact*. Mad River Press, Eureka, California.
- Franquemont, C.; Plowman, T.; Franquemont, E.; King, S.; Davis, W.; Sperling, C. and Niezgoda, C. (1990). The ethnobotany Chinchero, an Andean Community in Southern Perú. *Fieldiana, Botany New Series* 24.
- Furst, P. (1980). *Alucinógenos y cultura*. Fondo de Cultura Económica Colección Popular, Colcultura. México D.F.
- Gamboa-Trujillo, J.P. and Entza, M. (2005). Diversidad de especies útiles de macromicetos en tres etnias de la Amazonía Ecuatoriana. *Anais do V Congresso Latino Americano de Micologia*, Brasília.
- Gamboa-Trujillo, J.P. (2005). Diversidad y Etnomicología de Macromycetos, cuenca alta del río Oglán, Pastaza, Ecuador. *Cinchona* 6:1-110, Quito.
- García-Barriga, H. (1992). *Flora Medicinal de Colombia*, Tomos I, II, III. Segunda Edição. Tercer Mundo Editores. Santa Fé de Bogotá.
- Góes-Neto, A. and Bandeira, F.P. (2001-2003). A review of the Ethnomycology of Indigenous People in Brazil and its relevance to Ethnomycological Investigation in Latin América. *Revista Mexicana de Micología*. 17:11-16.
- Guzmán, G. (1997). *Identificación de Hongos, Claves dicotómicas*. Editorial Limusa, México D.F.

- Guzmán, G. (2003). Los Hongos del Edén Quintana Roo (Introducción a la micobiota tropical de México) INECOL y CONABIO, Xalapa. International Micological Institute. CAB International, London.
- Guzmán, G.(2009).The Allucinogenic Mushrroms:Diversity,Tradition, Use and Abuse with Special Reference to the Genus *Psilocybe*,In Fungi from Different Envioroments, Misra J.k. & S.K. Desshmukhleds (eds.).Sicence Publishers. United States of America.
- Guerrero, F. (2005). Población indígena y afroecuatoriana en Ecuador. Diagnóstico socio-demográfico a partir del censo de 2001.Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), Santiago de Chile.
- Hawsworth, D.L. (1991). The fungal dimension of biodiversity: magnitude, significance and conservation. *Mycological Research* 95: 641-655.
- Hawsworth, D.L. (1993). The tropical fungal biota: census, pertinence, prophylaxis, and prognosis. En: Issac, S.; Frankland J.C.; Watling, R. and Whaley, A.J.S. (eds.) *Aspects of Tropical. Mycology* Cambridge University Press, Cambridge.
- Heim, R. (1957). Notes preliminares sur les Agarics hallucinogenes du Mexique. *Revue Mycologique de Paris*, 22(1): 58-79.
- Henkel, T.W.; Aime, C.; Chin, C. and Christopher A. (2004). Edible mushrooms from Guyana. *Mycologist*, 18 (3):104-111.
- Mata, M. (1999). Macrohongos de Costa Rica. Vol. 1. Instituto Nacional de Biodiversidad (INBio), Santo Domingo de Heredia.
- Morales, P. and Schjellerup, I. (1997). The people and their culture. In H. Borgtoft Pedersen (ed.), *Oyacachi-people and biodiversity. Centre for research on the cultural and biological diversity of Andean Rainforests (DIVA)*, Aarhus.
- Morales, P. and Schjellerup, I. (1999). La gente y su cultura. 24-54. In Botgoft, H.; Skov, F.; Fjedsa, J.; Schjerup, I. and Ollgaard, B. (eds.). *La gente y la biodiversidad. Dos estudios en comunidades de las estribaciones de los Andes en Ecuador. Centro de investigación cultural y biológica de los bosques pluviales andinos (DIVA)*, Arthus; Abya-Yala, Quito.
- Morales,O.; Medel, R.; and Guzmán, G. 2006. Primer registro de la comestibilidad de una especie de *Daldinia* (Ascomycota) *Revista Mexicana de Micología* 23: 103-105.
- Naranjo,M.(coord.).(1996).La Cultura popular en el Ecuador.Tomo IV.Segunda Edición.Centro Interamericano de Artesanias y Artes populares-CIDAP,Esmeraldas.
- Lodge, D.J. (1995). Fungal communities in wet tropical forest varation in time and space. *Canadian Journal of Botany (Suppl.1)*: 1391-1398.

- Lodge, D.J.; Hawksworth, D.L. and Ritchie, B.J. (1996). Microbial diversity and tropical forest functioning. Pp.69-100. *In*: Orians, G.; Dirzo R. and Cushman, J.H. (eds.). Biodiversity and ecosystem processes in tropical forest. Springer-Verlag, Berlin.
- Patouillard, N. and de Lagerheim G. (1891). Champignons de L'Equateur, in Collected Mycological. Papers Volumen II, Librarian Rijksherbarium, Leiden.
- Perez-Arbelaez, E. (1996). Plantas útiles de Colombia. 5ª Edición Fondo FEN, Santafé de Bogotá.
- Pfister, D.F. (1988). R. Gordon Wasson – 1898-1986. *Mycologia*, 80: 11-13.
- Prance, G. (1973). The mycological diet of the Yanomami Indians. *Mycologia*, 65: 248-250.
- PROEL (Promotora Española de Lingüística). 2007. Lenguas Amerindias, <http://www.proel.org/index.htm>, acesso em 30/03/2009.
- Ruán-Soto, F.; Garibay – Orijel,R. and Cifuentes, J. (2006). Process and dynamics of traditional selling wild edible mushrooms in tropical Mexico. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 2: 1-13
- Ryvarden, L. (1991). Genera of Polypores Nomenclature and taxonomy. *Fungiflora*,Oslo.
- Salazar, E. (1994). La arqueología contemporánea del Ecuador. Procesos, *Revista Ecuatoriana de Historia*, 5: 5-27.
- Sierra, R. (Ed.). (1999). Propuesta Preliminar de un sistema de Clasificación de Vegetación para el Ecuador Continental. Proyecto INEFAN/GEF-BIRF y EcoCiencia. Quito.
- Sotão, H. M. and Figueiredo, T. (1996).Utilização do fungo *Pycnoporus sanguineus* (L.: Fr.) Murr. na cerâmica do Maruanum, Amapá. Instituto de estudos e Pesquisas do Estado do Amapá.Emilio Goeldi,ser.Bot.12(1) :15-20.Brasil.
- Schultes, E. and Hofman, A.(1979). Plants of the Gods. Orígens of hallucinogenic use.MacGraw-Hill, New York, USA.
- Shepard G. H.; Arora, D. and Lampman, A. (2008). The Grace of the Flood: Classification and Use of Wild Mushrooms among the Highland Maya of Chiapas. The New York Botanical Garden Press. *Economic Botany*, 62(3): 437-470.
- Texeira, A. R. (1971). Gêneros de Myxomycetes, *Rickia* suppl. 4, Secretaria do Instituto de Botanica. São Paulo.
- Trupp, F. (1981). The last Indians : South American's cultural heritage Perlinger Verlag, Worgl, Austria.
- Vasco-Palacios A.M.; Suaza, S.C.; Castaño-Betancurt, M. and Franco-Molano, A.E. (2008). Conocimiento etnoecológico de los hongos entre los indígenas Uitoto, Muinane y Andoke de la Amazonía Colombiana. *Acta Amazônica*, 38(1):17-30.

- Vergara-Oliva, C. (1996). La Conciencia Enteogénica. Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Departamento de Ciencias Históricas, 6(12): 39-47.
- Wasson, R. G. (1980). The Wondrous Mushroom: Mycolatry in Mesoamerica, McGraw-Hill, New York.
- Watts, A. W. (1978). *Cosmología gozosa. Aventuras en la química de la conciencia.* Barcelona, I.F. Press.
- Whitten, N.E.(1987). *Sacha Runa. Etnicidad e adaptación de los Quichua habitantes de la Amazonía ecuatoriana.* Abya-Yala, Quito.
- Vickers, W.T.(1989). *Los Sionas y Secoyas, Su adaptación al ambiente Amazónico.* Colección 500 años, N°9. Abya-Yala, Quito; MLAL, Roma.
- Yamin-Pasternak, S. (2008). From Disgust to Desire: Changing Attitudes toward Beringian Mushrooms. *The New York Botanical Garden. Economic Botany*, 62(3):214–222.
- Zent, E.L. (2008). Mushrooms for Life among the Jöti in the Venezuelan Guayana. *The New York Botanical Garden Press. Economic Botany*, 62(3): 471-481.

ANEXO 1



Gastronomia etnomicológica: receitas tradicionais de pratos típicos e bebidas com fungos feitas pelas etnias e comunidades no Equador

1.1 Locro de Kallambas (sopa de cogumelo)



Por: Maria Jati, 79 anos, comunidade Kichwa –Mestiza de

Sangolqui, provincia de Pichincha, informante com quem se trabalho em feiras populares.

Ingredientes:

2 Kg de Kallambas (*Agaricus pampeanus*)

Batatas “cholas” cortadas em 10 pedaços (*Solanum tuberosum*)

1 ovo batido

Queijo ralado

Orégano

Alho (*Alium cepa*)

Alho-poró

2 colheres de sopa de sal

Uma xícara de leite

Preparação:

As Kallambas (*Agaricus pampeanus*) são coletadas no mês de novembro. O chapéu é despelado, lavado em água com sal e cozido em um litro de água fervente com 10 batatas e alho cortado em

pedaços. Em seguida, se coloca o alho com orégano previamente fritos em banha de porco. Posteriormente, se adiciona um copo de leite e o ovo batido. Acrescentar queijo ralado na hora de servir. Acompanhar com pão e abacate.

1.2. Ala Mayto (Cogumelos embalados em folhas)



Por: Gladys Grefa, 63 anos, comunidade Kichwa de na amazônia de Arajuno, Provincia de Pastaza, sabia conhecedora da mata amazônica.

Ingredientes:

1 Kg de Taka ala ou Calulu ala ou Busum ala (*Pleurotus concavus*, *Auricularia fuscusuccinea*, *A. delicata*, *Favolus tenuiculus*)

Uma colher de sopa de sal

Alho (*Alium cepa*)

Pimenta “ucho” (*Capsicum spp.*)

4 de pangas de platanillo (= folhas de *Heliconia stricta*)

Fibra natural para amarrar.

Preparação:

Recolher os fungos no estado fresco. Em seguida, colocá-los em panelas para serem lavados no rio, tirando aos insetos e sujeira. Adicionar alho e sal sobre o cogumelo, que depois são envolvidos em folhas de platanillo (*Heliconia stricta*). Amarrar com fibra naturais e colocar este tipo de pamonha dentro de carvão ou sobre uma grelha. Depois de 10 minutos, as primeiras folhas ficam queimadas e os fungos já estão prontos para comer. Pode ser acompanhado com peixe, mandioca, entre outros.

1.3. A'so Pore Tēti (bebida de mandioca em pó fermentada com *Monilia* sp.)



Por: Joaquina Payaguaje, 79 anos comunidade Secoya de

El Copal, província de Sucumbios.

Ingredientes:

3 mandiocas cozidas (*Manihot esculenta*)

“Chicha” (bebida fermentada) de mandioca

Uma panela

A'so pore tēti (*Monilia* sp.)

Preparação:

Pegar três mandiocas cozidas e colocar em uma panela tampada por um período de três dias. Este processo resulta na germinação do A'so pore tēti (*Monilia* sp.), que depois é colocado na “chicha” (bebida fermentada) de mandioca para que esta adquira um teor alcoólico mais forte. Esta bebida é usada em trabalhos da comunidade, festas e celebrações.

ANEXO 2

Contos e estórias de fungos

2.1. Estória dos irmãos Kuillur e Lucero

Por: Domingo Andi(†) 85 anos, curandeiro da comunidade Kichwa amazônica, de Limoncocha, província de Sucumbios Venacio López & Julio Chimbo, 77 e 80 anos, curandeiros da comunidade Kichwa de na amazônia de Arajuno, Provincia de Pastaza

1. Conta a estória que dois irmãos, Lucero e Kuillur, combateram o mal, representado por uma onça que comeu o povo. Os irmãos, então, decidiram lutar e um dia eles fizeram uma armadilha. Eles falaram para a onça: “Nós convidamos você para tomar um pouco de chicha mágica em um chalé que construímos”. Este chalé tornava-se um tronco quando o prisioneiro caía na armadilha.



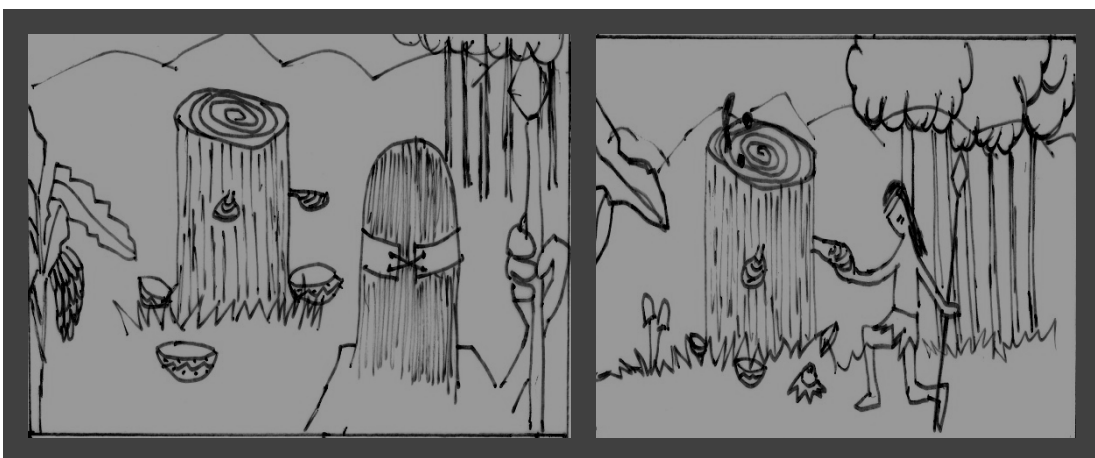
2. Desta forma, a onça, com desconfiança aceitou o convite dos irmãos e começou a beber chicha.



3. ... e fingiu que estava bêbada pouco depois de beber muita “chicha” em um prato chamado Mukahua ala (*Phillipsia domingensis*). Então os irmãos tinham que sair rápido do chalé. Primeiro Lucero saiu correndo, pensando que seu irmão tinha ido embora, mas quando eles tentaram sair, qual não foi sua surpresa, a onça pegou Kuillur pelas costas e não o deixou sair. Em seguida, a armadilha fechou.

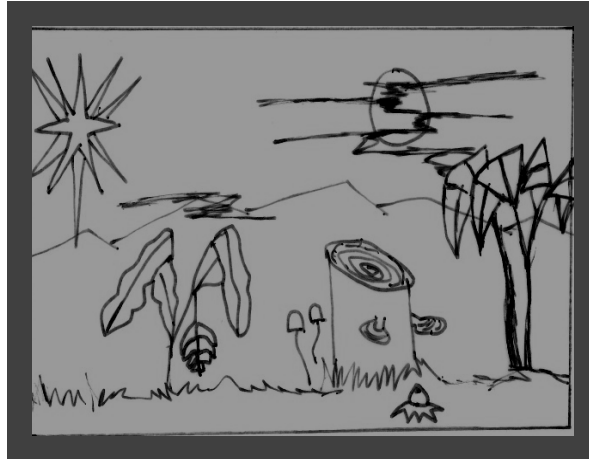


4. Após Lucero parar, começou a correr para procurar seu irmão por toda a parte, por vários dias de busca, mas não foi encontrado. Lucero, então, voltou para onde eles colocaram a armadilha e encontrou o tronco com um cogumelo vermelho parecido com uma orelha. Ele o puxou com sua mão e escutou uma voz dizendo “Ai! Ai! Irmãozinho, não puxe a minha orelha que dói. Sou teu irmão Kuillur!”. Lucero, então, percebeu que seu irmão tinha ficado preso no tronco.



5. Depois Lucero foi para o céu e Kuillur ficou na terra em forma do cogumelo *Pycnoporus sanguineus*.

Os irmãos Kuillur e Lucero lutaram contra o mal e ajudaram a evitar mais mortes causadas pela onça (*Panthera onca*). O sacrifício dos dois irmãos valeu a pena em prol do benefício de seu povo.



Fim

2.2 Trecho: O bebedor Yaje

Por: Delfin Piyaguaje ,conhecido como “Wuë Wuë” - Boto do rio (*Inia geoffrensis*); curandeiro, 89 anos, comunidade Secoya de El Copal, província de Sucumbios.

O bebedor de Yaje foi um sábio xamã que falava sobre a proteção dos costumes dos Secoya. Dizia que, pela a influência de Yaje (*Banisteriopsis caapi*), as pessoas conseguiam ouvir as árvores gritar e ver os Wati (= diabos) comeram cogumelos em forma de prateleira (provavelmente *Ganoderma australe*), que constituíam o alimento destes seres míticos da floresta (conv. pers. Curandeiro. Delfin Piyaguaje 2005-2007).

ANEXO 3

Fungal Diversity, An International Journal of Mycology

[Back to top](#)

[Subscription](#)

[Editorial board](#)

[Instructions to Authors](#)

[Page Charges](#)

[English Revision Editorial Policy](#)

Instructions to authors

Fungal Diversity is an international journal that publishes papers in all fields of mycology, with preference in biodiversity, systematics, and molecular phylogeny. Review papers are welcome. Papers should be **at least seven pages** in Fungal Diversity Format. Publication is open to all persons. Corresponding authors will receive their published articles in PDF format. We do not encourage checklists as these should normally be published in regional journals. Introduction of new species and genera should normally be supported by molecular data.

General Instructions

- Authors should first submit abstracts through [this automated system](#). The authors will receive acknowledgement through email within seven days after submitting. If the paper is considered suitable the authors will then be asked to submit full manuscripts.
- Electronic manuscripts should be submitted in word format. For review purposes all figures and tables should be inserted into the text. All plates should be provided as jpeg files, all line drawings and figures as TIFF files and all phylogenetic trees as powerpoint files. Resolution should be 600 dpi. Excel files for Tables are not acceptable.
- The template of manuscript can be downloaded from the web site at the end of this page.
- Page size 21.6 × 28 cm (8.5 × 11 inches), leave 2 cm margin on all sides and 1.5-spaced throughout. All paragraphs should be indented and justified aligned, except tables that should be left aligned.
- The content should be set out into four major sections: (i) Introduction; (ii) Materials and methods; (iii) Results; and (iv) Discussion, in most circumstances. Acknowledgements, references, figure legends, figures and tables should be followed in order. Commonly used abbreviations are as follows: (i) volume: mL; (ii) length: km; (iii) concentration: M; (iv) weight: kg; (v) temperature: °C; (vi) others: Fig., Figs. Months are not abbreviated.
- Take all symbols from symbol (normal text) in MS Word.
- Words of non-English origin, like *in vivo*, *et al.*, *ibid.* and scientific names should be italicised.
- Brackets are used in the following order: {level 3 [level 2 (level 1)]}.
- Citation of nomenclatural authorities for taxa is optional except for taxonomic papers. For abbreviation of authors' names, use <http://www.indexfungorum.org/Names/AuthorsOfFungalNames.asp>.
- Multiple references cited in text should be in chronological order, while multiple references from the same year are cited in alphabetical order. Where there are three or more authors, cite the first name only in text, adding *et al.* for all citations (Armstrong, 2000; Bell and Bell, 2000; Armstrong *et al.*, 2002a,b, 2003).
- References in reference list should be in ascending order of authors' names first, followed by year. Journal names and book titles should be spelt in full form.
- Figures should be numbered consecutively with Arabic numbers, and in the order that they are referenced in the text.
- Figures must be submitted as electronic files and they must be composed into plates. Figures must fit a maximum of 20 cm high by 13.5 wide including space for the legend after reduction. Single photographs that need mounting together are not acceptable. Electronic figures must be captured at or above 600 dpi resolution.
- Sequences must be deposited in the GenBank, full alignment of datasets must be submitted to the TreeBASE and a Mycobank number must be added for new species and taxonomic changes.
- Please note that all papers in Fungal Diversity are peer reviewed.

ANEXO 4

Tabela 14. Espécies, nomes locais, etimologia e uso dos fungos nas comunidades pesquisadas.

Comunidade Chachi			
Nome científico	Nome vernacular - Lingua Chafi'ki	Etiomologia	Uso
<i>Auricularia delicata</i>	Ishk Kijtiutiu	Fungo de comer	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Bulun kijtiutiu	Fungo vermelho de comer	Zc
<i>Earliella scabrosa</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Ganoderma australe</i>	Kijtiutiu	Fungo	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Oudemasiella platensis</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Phillipsia domingensis</i>	Pachi Kijtiutiu	Fungo de comer	Co
<i>Pleurotus concavus</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Pleurotus djamor</i>	Anj kijtiutiu	Fungo branco de comer	Co
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Ujcum telele	Raíz do morto	Mi
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Pumbu	Fungo para a ressaca	Ri
<i>Trametes elegans</i>	Kijtiutiu	Fungo	Mi
<i>Trametes elegans</i>	Kijtiutiu	A gravata do morto	Mi
<i>Volvariella volvacea</i>	Kijtiutiu pandachi	Fungo de folhas de banana	Co
<i>Volvariella volvacea</i>	Kijtiutiu	Fungo	Co
<i>Volvariella volvacea</i>	Ishk Kijtiutiu	Fungo de comer	Co
<i>Volvariella volvacea</i>	Bulun kijtiutiu	Fungo vermelho de comer	Co
<i>Xylaria multiplex</i>	Ujcum sem gulo	Fungo para a ressaca	Ri
<i>Xylaria polymorpha</i>	Shia papa kijtiutiu	Para não fazer muito xixi	Me
Comunidade Tsachila			
Nome científico	Nome vernacular - Lingua Tsafi'ki	Etimología	Uso
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Guale punki	Orelha de anta	Zc
<i>Cookeina speciosa</i>	Pian oco nida	Prato de morto	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Pian oco nida	Prato de morto	Mi
<i>Cookeina tricoloma</i>	Colo kijte	Fungo de limpeza	Me
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Mi kijte	Fungo amarelo	Me
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kijte pa	Fungo de comer	Co
<i>Filoboletus gracilis</i>	Kevi luly	Flor da tarde	Ri
<i>Ganoderma australe</i>	Caren tasen	Ninho de aranha	Zc
<i>Lentinus scleropus</i>	Chide kijte	Fungo de árvore	Co
<i>Lentinus scleropus</i>	Nin kijte	Fungo com luz	L
<i>Lentinus velutinus</i>	Pavan kijte	Fungo preto	Co

<i>Marasmius haematocephalus</i>	Bishuru pe	Cocô de ave	Mi
<i>Monilia</i> sp.	Lopo	Fungo de fermentar	Co
<i>Panaeolina foenisecii</i>	Pe kijte	Fungo de cocô	Mi
<i>Phallus indusiatus</i>	Otongoro pe	Cocô de minhoca	Mi
<i>Phillipsia domingensis</i>	Pian oco nida	Prato de morto	A
<i>Phillipsia domingensis</i>	Pian oco nida	Prato de morto	Me
<i>Polyporus tricholoma</i>	Dodo kijte	Fungo de árvore	Co
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Mele punki	Comida de suíno	Zc
<i>Rimbachia</i> cf. <i>paradoxa</i>	Kevi achiote	Flor de urucum	Mi
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Otongoro pe	Cocô de minhoca	Mi
<i>Tetrapyrgos alba</i>	Na kijte	Fungo para criança	Co
<i>Tremella fuciformis</i>	Chide pi	Espuma de árvore	Mi
<i>Xylaria fockei</i>	Pian oco chide	Pau de morto	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Pian oco chide	Pau de morto	Me

Comunidade Afro-equatoriana

Nome científico	Nome vernacular - Lingua Castelhana	Etimología	Uso
<i>Phallus indusiatus</i>	Vela del muerto	Vela de morto	Mi
<i>Staheliomyces cinctus</i>	Picha	Fungo forma de pênis	Mi

Comunidade Epera

Nome científico	Nome vernacular - Lingua Eperapedede	Etimología	Uso
<i>Auricularia fuscusuccinea</i>	K'irt'	Orelha	J
<i>Clavulinopsis fusiformis</i>	Puk'uru k'arra	Raiz de árvore	J
<i>Cookeina speciosa</i>	Vasu chakie	Taça da trilha	J
<i>Cookeina tricholoma</i>	Vasu chaqui	Taça da trilha	J
<i>Earliella scabrosa</i>	Galleta pe	Biscoito	J
Fase miceliar	Wendo	Luminoso	L
<i>Ganoderma australe</i>	Nechiara	Fungo de carne	J
<i>Ganoderma australe</i>	Florinda chi	Fungo fígado grande	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Parawa waib't'a	Guarda chuva	J
<i>Lycogala epidendrum</i>	Ne t'm't' chakie	Ovo pequeno	J
<i>Phallus indusiatus</i>	Siaro vela	Vela de diabo	J
<i>Phyllotopsis nudilans</i>	Petau t'oda	Pipoca	J
<i>Pleurotus concavus</i>	Nep'ono t'orro	Flor branca	J
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Galleta k'uaraa	Biscoito amarelo	J

<i>Staheliomyces cinctus</i>	Siaro vela	Vela de diabo	J
<i>Tetrapyrgos nigripes</i>	Nep'ono t'orro	Flor branca	J
<i>Trametes elegans</i>	Galleta chai	Biscoito	J
<i>Xylaria griseo-olivacea</i>	Jojoro	Fósforo	J
<i>Xylaria hypoxylon</i>	Jojoro	Fósforo	J
<i>Xylaria polymorpha</i>	T'awako	Cigarro	J

Comunidade Mestiça

Nome científico	Nome vernacular - Língua Castelhana	Etimología	Uso
<i>Agaricus argyropotamicus</i>	Kallamba de comer	Fungo de comer	Co
<i>Agaricus pampeanus</i>	Kallamba	Fungo	Co
<i>Coprinus comatus</i> var. <i>comatus</i>	Kallamba de comer	Fungo de comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kallumpa	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Kiru Kallamba	Fungo da madeira	Mi
<i>Hygrocybe conica</i>	Kallamba roja	Fungo vermelho	V
<i>Panaeolus semiovatus</i>	Kallamba del sapo	Fungo de sapo	V
<i>Suillus luteus</i>	Kallamba del pino	Fungo de pino	Co
<i>Usnea</i> spp.	Rumi barba	Barba de pedra	Me
<i>Ustilago maydis</i>	Negrilo	Negrinho	Me
<i>Ustilago maydis</i>	Tonga	Mala de comida	Mi
<i>Ustilago maydis</i>	Ceniza	Fungo de cinza	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Pedo del diablo	Peido de diabo	Me
<i>Myriostoma coliforme</i>	Sopapo	Fungo de explosão	Me
<i>Pleurotus djamor</i>	Espanhola blanca	Espanhola branca	Co
<i>Ustilago maydis</i>	Cuscungo	Negrinho	J

Kichwas community

Nome científico	Nome vernacular - Língua Kichwa	Etimología	Uso
<i>Agaricus argyropotamicus</i>	Kallamba de comer	Fungo de comer	Co
<i>Agaricus pampeanus</i>	Kallamba	Fungo	Co
<i>Coprinus comatus</i> var. <i>comatus</i>	Kallamba de comer	Fungo de comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kallumpa	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Kiru Kallamba	Fungo da madeira	Mi
<i>Hygrocybe conica</i>	Kallamba roja	Fungo vermelho	V
<i>Panaeolus semiovatus</i>	Kallamba del sapo	Fungo de sapo	V
<i>Suillus luteus</i>	Kallamba del pino	Fungo de pino	Co
<i>Usnea</i> spp.	Rumi barba	Barba de pedra	Me
<i>Ustilago maydis</i>	Negrilo	Negrinho	Me

<i>Ustilago maydis</i>	Tonga	Mala de comida	Mi
<i>Ustilago maydis</i>	Ceniza	Fungo de cinza	Mi

Amazonian Kichwas community

Nome científico	Nome vernacular - Língua Kichwa da amazonía	Etimología	Uso
<i>Auricularia mesenterica</i>	Calulu ala	Fungo suave	Mi
<i>Clathrus crispus</i>	Aya uma	Cabeça de fantasma	Ri
<i>Clavulinopsis fusiformis</i>	Ilma ala	Fungo suave	Me
<i>Coenogonium linkii</i>	Espejo ala	Fungo espelho	Mi
<i>Coenogonium linkii</i>	Tinaja ala	Fungo de prato	Or
<i>Coenogonium linkii</i>	Siqu ala	Fungo orelha de agouti	Or
<i>Collybia omphalodes</i>	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Cookeina speciosa</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Zc
<i>Cookeina speciosa</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	J
<i>Cookeina tricholoma</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Me
<i>Cookeina tricholoma</i>	Ringri ala	Primo de Kuillur	J
<i>Coprinellus disseminatus</i>	Caluj ala cari	Fungo gelatinoso	Me
<i>Cordyceps cf. martialis</i>	Supay chaqui ala	Fungo pé de diabo	Me
<i>Cordyceps cf. polyarthra</i>	Supay chaqui ala	Fungo pé de diabo	Me
<i>Cordyceps dipterigena</i>	Supay chaqui ala	Fungo pé de diabo	Me
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Garauto ala	Fungo de minhoca	Co
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Supay curo ala	Minhoca de diabo	Me
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Garauto ala	Fungo de minhoca	Or
<i>Corioloropsis polyzona</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Corioloropsis rigida</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Co
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Cymatoderma caperatum</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Me
<i>Dacryopinax spathularia</i>	Calulu ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Daedalea quercina</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Daedalea quercina</i>	Aya ala	Fungo de fantasma	Me
<i>Daedalea quercina</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Daldinia concentrica</i>	Siqu ala	Fungo orelha de agouti	A
<i>Earliella scabrosa</i>	Ambi ala	Fungo venenoso	V
Fase miceliar	Aya walca ala	Pulseira de fantasma	Me
Fase miceliar	Walca ala	Pulseira de fantasma	Me
Fase miceliar	Walca aya ala	Pulseira de fantasma	Me
Fase miceliar	Sisa ala	Fungo flor	Me
Fase miceliar	Supay ala	Fungo de diabo	Mi
Fase miceliar	Huasca ala	Fungo de corda	Mi
Fase miceliar	Aya walca ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Walca aya ala	Fungo pulseira fantasma	Mi

Fase miceliar	Aya nina	Fungo fogo de fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya nina ala	Fungo fogo fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya walca ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Walca ala	Fungo pulseira fantasma	Mi
Fase miceliar	Aya nina ala	Fungo fogo de fantasma	L
<i>Favolaschia calocera</i>	Aya vela	Fungo vela de fantasma	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Chincha ala	Fungo de comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Busum ala	Fungo bucho de boi	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Pusum ala	Fungo bucho de boi	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Yurac ala	Fungo da trilha	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ñuto ala	Fungo suave	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Api ala	Fungo de abelha	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Busum ala	Fungo bucho de boi	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Caspi ringri ala	Fungo orelha de pau	Co
<i>Filoboletus gracilis</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Ujo ala	Fungo para gripe	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Chonta ala	Fungo da dendê	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Or
<i>Ganoderma coffeatum</i>	Batan ala	Fungo de pedra	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Bila ala	Fungo forma de vela	Me
<i>Gymnopilus lepidotus</i>	Chonta ala	Fungo de estrela	Co
<i>Gymnopilus</i> sp.	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Hexagonia hydnoides</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Mi
<i>Hexagonia hydnoides</i>	Supay ala	Fungo barbas de diabo	Mi
<i>Hexagonia tenuis</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Sisa ala	Fungo de flor	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Yausa ala	Fungo com baba	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Curata ala	Fungo para curar	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	Kalulu ala	Fungo suave	Me
<i>Hygrophorus</i> sp.	Rinri ala	Fungo de orelha	Co
<i>Hymenochaete damicornis</i>	Sisa ala	Fungo de flor	Or
<i>Hypoxylon fragiforme</i>	Muyo ala	Fungo de semente	Mi
<i>Lactocollybia albida</i>	Mitsa muyo ala	Fungo cura verrugas	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Sara ala	Fungo de milho	IS
<i>Lentinus crinitus</i>	Lucero ala	Fungo da estrela	Me
<i>Lentinus crinitus</i>	Ilma ala	Fungo suave	Co
<i>Lentinus cubensis</i>	Sara ala	Fungo de milho	I S
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Taka ala	Fungo de tronco	Co
<i>Lepiota</i> sp.	Llausa ala	Fungo da trilha	Me
<i>Leucocoprinus</i> sp.	Chonta ala	Fungo de dendê	Co
<i>Leucocoprinus</i> sp.	Chincha ala	Fungo de comer	Co
<i>Lycogala epidendrum</i>	Muyo ala	Fungo de semente	Me
<i>Lycoperdon pyriforme</i>	Bila ala	Fungo de vela	Mi

<i>Marasmiellus cubensis</i>	Caluj ala cari	Fungo gelatinoso	Me
<i>Marasmiellus</i> sp.	Shiquitu ala	Fungo pequeno	Co
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Quillu ala	Fungo amarelo	Co
<i>Marasmius guyanensis</i>	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Paraguas ala	Fungo guarda-chuva	Me
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Sisa ala	Fungo de flor	Mi
<i>Marasmius</i> sp. 2	Aya collar ala	Fungo colar de fantasma	Or
<i>Marasmius</i> sp. 1	Aya ala cari	Fungo espírito de homem	Co
<i>Marasmius</i> sp. 1	Sisa ala	Fungo forma de flor	Me
<i>Marasmius</i> sp. 2	Chincha ala	Fungo suave	Co
<i>Marasmius</i> sp. 2	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Marasmius</i> sp. 3	Micuna ala	Fungo de comer	Co
<i>Marasmius</i> sp. 3	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Marasmius</i> sp. 4	Sara ala	Fungo de milho	Co
<i>Marasmius</i> sp. 4	Unzuelo ala	Fungo cura tersol	Me
<i>Mycena margarita</i>	Guayra chingala	Fungo para tumores	Me
<i>Mycena</i> sp. 1	Chonta ala	Fungo de dendê	Co
<i>Mycena</i> sp. 1	Basura ala	Fungo de lixo	Me
<i>Mycena</i> sp. 1	Aya ala	Fungo de fantasma	Or
<i>Mycena</i> sp. 2	Shiquitu ala	Fungo pequeno	Co
<i>Mycena</i> sp. 2	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Mycena</i> sp. 3	Aya nina ala	Fungo fantasma	Mi
<i>Oudemansiella platensis</i>	Chincha ala	Fungo macio de comer	Co
<i>Oudemansiella platensis</i>	Atun ala	Fungo de atum	Or
<i>Oudemansiella platensis</i>	Yurac ala	Fungo de trilha	Or
<i>Panaeolina foenicicii</i>	Sacha ala	Fungo de floresta	Mi
<i>Panellus mitis</i>	Caluj ala cari	Fungo suave de home	Me
<i>Phallus indusiatus</i>	Aya ullo	Fungo pênis fantasma	Me
<i>Phallus indusiatus</i>	Aya ullo	Fungo pênis fantasma	Mi
<i>Phellinus gilvus</i>	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Phillipsia domingensis</i>	Mucagua ala	Fungo de fazer pratos	Me
<i>Phillipsia domingensis</i>	Estrella ala	Fungo de estrela	Me
<i>Phillipsia domingensis</i>	Sisu ala	Fungo de flor	Mi
<i>Phillipsia domingensis</i>	Rinri ala	Fungo forma de orelha	Mi
<i>Pleurotus concavus</i>	Taka ala	Fungo de tronco	Co
<i>Pleurotus concavus</i>	Taca ala	Fungo de tronco	Me
<i>Pleurotus djamor</i>	Caluj ala cari	Fungo gelatinoso	Me
<i>Polyporus arcularius</i>	Urpi ala	Fungo de perdiz	Co
<i>Polyporus arcularius</i>	Sara ala	Fungo de milho	Co
<i>Polyporus</i> cf. <i>virgatus</i>	Mitsa ala	Fungo cura senhas	Me
<i>Polyporus</i> cf. <i>virgatus</i>	Tos ala	Fungo para curar tose	Me
<i>Polyporus leprieurii</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Mi
<i>Polyporus leprieurii</i>	Caspi ñahui ala	Fungo de pau magro	Mi
<i>Polyporus</i> sp. 1	Aya ala	Fungo de fantasma	Co

<i>Polyporus</i> sp. 5	Urpi ala	Fungo de perdiz	Co
<i>Polyporus tricholoma</i>	Ambi ala	Fungo venenoso	V
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Kuillur ala	Fungo de Kuillur	Me
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Puca ala	Fungo quente	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Kuillur ala	Fungo de Kuillur	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Kuillur ala	Fungo Kuilur	Or
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Atun ala	Fungo de atun	Co
<i>Rigidoporus</i> cf. <i>lineatus</i>	Caspi ala	Fungo de pau	Or
<i>Rimbachia paradoxa</i>	Inda ala huarimi	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Schizophyllum commune</i>	Aya ala	Fungo do fantasma	Co
<i>Scleroderma sinnamariense</i>	Aya vela	Fungo de vela	Mi
<i>Scleroderma</i> sp.	Ambi ala	Fungo venenoso	V
<i>Scutellinia scutellata</i>	Ringri ala	Fungo de orelha	Co
<i>Tetrapyrgos nigripes</i>	Caluj ala	Fungo gelatinoso	Me
<i>Thelephora</i> sp.	Aya ala	Fungo de fantasma	Co
<i>Thelephora terrestris</i>	Inda ala	Fungo cura doenças pele	Me
<i>Trametes elegans</i>	Chakishca ala	Fungo da trilha	Mi
<i>Trametes versicolor</i>	Chincha ala	Fungo de comer	Co
<i>Trametes versicolor</i>	Ilma ala	Fungo macio	Co
<i>Trametes versicolor</i>	Luciru ala	Fungo da estrela	Co
<i>Trametes versicolor</i>	Sara ala	Fungo de milho	Co
<i>Tremella fuciformis</i>	Calun ala	Fungo gelatinoso	Co
<i>Trichaptum biforme</i>	Chonta ala	Fungo de dendê	Me
<i>Volvariella volvacea</i>	Palanda ala	Fungo da banana	Co
<i>Xylaria adscendens</i>	Siqu ala	Fungo pênis de agouti	Me
<i>Xylaria arbuscula</i>	Siqu yaqu ala	Fungo orelha de agouti	Me
<i>Xylaria fockei</i>	Sindig ala	Fungo de galho	Mi
<i>Xylaria griseo-olivacea</i>	Siqu ala	Fungo orelha de agouti	Me
<i>Xylaria griseo-olivacea</i>	Siqu ullo	Fungo pênis de agouti	Me
<i>Xylaria multiplex</i>	Guaro chini ala	Fungo de espinhas	Mi
<i>Xylaria multiplex</i>	Siqu ala	Fungo de agouti	Zc
<i>Xylaria obovata</i>	Siqu ala	Fungo pênis de agouti	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Siqu ala	Fungo pênis de agouti	Me

Comunidade Secoya

Nome científico	Nome vernacular - Língua Pai'coca	Etimología	Uso
<i>Amauroderma auriscalpium</i>	Wuati ocojê t̥ēti	Guarda-chuva de diabo	Mi
<i>Amauroderma sprucei</i>	Wuati ocojê t̥ēti	Guarda-chuva de diabo	Me
<i>Amauroderma sprucei</i>	Yauru wati t̥ēti	Comida de diabo	Mi
<i>Antrodiella liebmanni</i>	Wati tsu`u t̥ēti	Fungo machado de diabo	Or
<i>Arcyria incarnata</i>	Ma a'ri t̥ēti	Fungo vermelho pequeno	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Caro t̥ēti	Fungo de pratos	Co

<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Cajoro t̄eti	Fungo orelha	Co
<i>Auricularia mesenterica</i>	Cajoro t̄eti	Fungo orelhas de diabo	Mi
<i>Calocera cornea</i>	A'ri t̄eti	Fungo pequeno	Or
<i>Caripia montagnei</i>	Wati ji'so t̄eti	Fungo caneco de diabo	Mi
<i>Collybia aurea</i>	Imi t̄eti	Fungo como sardinha	Co
<i>Collybia aurea</i>	Cura t̄eti	Fungo de galinha	Me
<i>Collybia aurea</i>	Ma t̄eti	Fungo vermelho	Me
<i>Collybia aurea</i>	Wati yi'yo t̄eti	Fungo pulseira de diabo	Me
<i>Collybia plectophylla</i>	Wati maro t̄eti	Chapéu de diabo	Co
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati ji'so t̄eti	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati totonaya t̄eti	Fungo em forma de ninho	Mi
<i>Coprinellus disseminatus</i>	t̄eti	Fungo	V
<i>Cordyceps sp.</i>	Wati uncu t̄eti	Fungo formiga de diabo	Mi
<i>Corioloropsis brunneoleuca</i>	Ñanami t̄eti	Fungo em forma de linha	Mi
<i>Corioloropsis rigida</i>	Wuati ji'so t̄eti	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Que'que t̄eti	Comida de minhoca	Zc
<i>Cotylidia cf. diaphana</i>	Wati w̄enarewa	Fungo prato de diabo	Mi
<i>Crepidotus mollis</i>	A'ri t̄eti	Fungo pequeno	Mi
<i>Earliella scabrosa</i>	Sotorehua t̄eti	Fungo forma de prato	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ai t̄eti	Fungo para comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ai t̄eti	Fungo para comer	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Cajo t̄eti	Fungo de orelha	Co
<i>Favolus tenuiculus</i>	Mawue t̄eti	Fungo de comer	Co
<i>Filoboletus gracilis</i>	Cou t̄eti	Fungo da tartaruga	Zc
<i>Ganoderma australe</i>	Wati tsu`u t̄eti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Ganoderma australe</i>	Wati tsu`u t̄eti	Fungo machado de diabo	Or
<i>Ganoderma coffeatum</i>	Wati tsu`u t̄eti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Ganoderma curtissi</i>	Wati tsu`u t̄eti	Fungo machado de diabo	Mi
<i>Ganoderma sp.</i>	Ëco t̄eti	Fungo remédio	Me
<i>Ganoderma stipitatum</i>	Wati tsu`u t̄eti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Hygrocybe miniata</i>	T̄eti	Fungo	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Taque nuti t̄eti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Ai t̄eti	Fungo para comer	Co
<i>Lentinus strigosus</i>	Taque nuti t̄eti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lepiota sp.</i>	Poretara t̄eti	Fungo de luz	L
<i>Lepiota sp.</i>	Nao mi toa t̄eti	Fungo luminoso	L
<i>Lepiota sp.</i>	Tara pore t̄eti	Fungo que tem luz	L
<i>Lycoperdon pyriforme</i>	Cou t̄eti	Fungo de tartaruga	Zc
<i>Marasmiellus cf. albidus</i>	Imi t̄eti	Fungo de sardinha	Co
<i>Marasmiellus cubensis</i>	A'ri t̄eti	Fungo pequeno	Mi
<i>Marasmius cladophyllus</i>	T̄eti	Fungo	Mi
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Ma t̄eti	Fungo vermelho	Or
<i>Marasmius sp.</i>	Cou t̄eti	Fungo de tartaruga	Zc
<i>Microporellus obovatus</i>	Sotorehua t̄eti	Fungo prato de diabo	Mi

<i>Monilia sp.</i>	A'so pore	Pó de mandioca	Co
<i>Mycena sp.</i>	Pu'su	Fungo de grilo	Zc
<i>Oudemasiella platensis</i>	Imi tēti	Fungo de sardinha	Co
<i>Phallus indusiatus</i>	Kuiri wati teti	Fungo pênis fantasma	Mi
<i>Phellinus maxonii</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Phillipsia domingensis</i>	Sotorehua tēti	Panela de diabo	Mi
<i>Phylacia poculiformis</i>	Huē tēti	Fungo fechado	Me
<i>Phylacia poculiformis</i>	Miu tēti	Fungo forma de agulha	Me
<i>Pleurotus djamor</i>	Po tēti	Fungo branco	Co
<i>Podoscypha bolleana</i>	Sē'no tēti	Fungo amarelo	Mi
<i>Polyporus leprieuri</i>	Wuati cuacoro	Fungo panela de diabo	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Ma tēti	Fungo vermelho	Me
<i>Schizophyllum commune</i>	Tēti	Fungo	Co
<i>Thamnomycetes chordalis</i>	Miu tēti	Em forma de espinhas	Me
<i>Trametes caperata</i>	Caran cou tēti	Fungo comida tartaruga	Zc
<i>Trametes elegans</i>	Wati cajoro tēti	Fungo orelha de diabo	Mi
<i>Trametes versicolor</i>	Sēnocurowa tēti	Fungo rosa	Or
<i>Tremella fuciformis</i>	Tēti	Fungo	Mi
<i>Xylaria fockei</i>	Huē tēti	Fungo fechado	Me
<i>Xylaria herculea</i>	Cone tuta tēti	Para não fazer muito xixi	Me
<i>Xylaria hypoxylon</i>	Miu tēti	Fungo forma de espinha	Or
<i>Xylaria multiplex</i>	Miu tēti	Fungo forma de espinha	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Huē tēti	Fungo fechado	Me

Comunidade Siona

Nome científico	Nome vernacular - Língua Bai'coca	Etimologia	Uso
<i>Auricularia delicata</i>	Caro tēti	Fungo para fazer pratos	Co
<i>Auricularia delicata</i>	Cajo tēti	Fungo de orelha	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Cajoro tēti	Fungo de orelha	Co
<i>Caripia montagnei</i>	Wati ji'so tēti	Caneco de diabo	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati totonaya tēti	Fungo em forma de ninho	Mi
<i>Cookeina tricholoma</i>	Wuati ji'so tēti	Fungo prato do diabo	Mi
<i>Coprinellus disseminatus</i>	tēti	Fungo	V
<i>Coriolopsis caperata</i>	Caran cou tēti	Fungo comida tartaruga	Zc
<i>Cotylidia cf. diaphana</i>	Wati huēnarewua	Fungo prato de diabo	Mi
Fase miceliar	Wati yi'yo tēti	Fungo pulseira de diabo	Me
<i>Favolus tenuiculus</i>	Ai tēti	Fungo para comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Wati subo tēti	Fungo comida de diabo	Mi
<i>Ganoderma coffeatum</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Or
<i>Ganoderma stipitatum</i>	Wati tsu`u tēti	Fungo machado de diabo	Me
<i>Hexagonia hydroides</i>	Wati moube tēti	Fungo barbas de diabo	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Taque nuti tēti	Fungo pênis de macaco	Mi

<i>Lentinus crinitus</i>	Taque nuti tēti	Fungo pênis de macaco	Mi
<i>Lentinus sajor caju</i>	Ai tēti	Fungo para comer	Co
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Tēti	Fungo	Mi
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Ma tēti	Fungo vermelho	Or
<i>Oudemasiella platensis</i>	Imi tēti	Fungo como sardina	Co
<i>Pleurotus djamor</i>	Po tēti	Fungo branco	Co
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Ma tēti	Fungo vermelho	Me
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Ma tēti	Fungo vermelho	Me
<i>Schizophyllum commune</i>	Tēti	Fungo	Co
<i>Tetrapyrgos nigripes</i>	Huanso bodi tēti	Fungo para as pernas	Me
<i>Trametes corrugata</i>	Sotorehua tēti	Fungo em forma de prato	Mi
<i>Tremella fuciformis</i>	Tēti	Fungo	Mi

Comunidade Shuar

Nome científico	Nome vernacular - Língua Shuar chicham	Etimología	Uso
<i>Amauroderma sprucei</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Auricularia delicata</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Mi
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Clavulinopsis fusiformis</i>	Sapi	Fungo de minhoca	Co
<i>Collybia cf.hirtella</i>	Iwianchi kuishi	Fungo do diabo	Co
<i>Collybia omphalodes</i>	Tsarump	Fungo	Mi
<i>Collybia omphalodes</i>	Mungura	Fungo	V
<i>Cordyceps melolonthae</i>	Sapi	Minhoca	Co
<i>Coriolopsis polyzona</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Cortinarius obtusos</i>	Mungura	Fungo suave	V
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Mukuch	Fungo	Co
<i>Cymatoderma caperatum</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Dacryopinax spathularia</i>	Yakich	Fungo pequeno	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Shuishui Esemp	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Yakich	Fungo pequeno	Me
<i>Geastrum schweinitzii</i>	Yakich uchich	Fungo pequeno	Mi
<i>Hexagonia tenuis</i>	Numi Kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Hygrocybe miniata</i>	Yakich	Fungo pequeno	Mi
<i>Hygrophorus cf. psittacinus</i>	Pujich yankuj	Fungo suave	V
<i>Hymenochaete damicornis</i>	Pujich	Fungo duro	Mi
<i>Lachnocladium schweinfurthianum</i>	Sapi	Minhoca	Zc
<i>Lentinus crinitus</i>	Tsarump	Fungo	Zc
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Esemp	Fungo	Co
<i>Lentinus scleropus</i>	Esemp	Fungo de comer	Mi
<i>Lycoperdon echinatum</i>	Yakich	Fungo pequeno	Mi

<i>Lycoperdon echinatum</i>	Yakich	Fungo pequeno	Zc
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Tsarump	Fungo	Mi
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Yakich	Fungo pequeno	Me
<i>Marasmius</i> sp.	Yakich	Fungo	Mi
<i>Mycena margarita</i>	Yakich	Orelha pequena	Mi
<i>Phellinus gilvus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Polyporus leprieurii</i>	Pujich	Fungo duro	Mi
<i>Polyporus tricholoma</i>	Esemp	Fungo	Co
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Scutellinia scutellata</i>	Esemp	Fungo	Zc
<i>Stereum ostrea</i>	Wuamp	Fungo	Mi
<i>Trametes elegans</i>	Numi kushi	Orelha de árvore	Mi
<i>Trametes villosa</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Xeromphalina tenuipes</i>	Mungura	Fungo	V
<i>Xylaria fockei</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria fockei</i>	Sapi	Minhoca	Mi
<i>Xylaria hypoxylum</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria polymorpha</i>	Sapi	Minhoca	Me

Comunidade Shiwiar

Nome científico	Nome vernacular - Língua Shiwiar chicham	Etimologia	Uso
<i>Amauroderma sprucei</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Co
<i>Clavaria fusiformis</i>	Sapi	Minhoca	Co
<i>Coriolopsis polyzona</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Mukuch	Fungo	Co
<i>Cymatoderma caperatum</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Dacryopinax spathularia</i>	Pujich	Fungo	Zc
<i>Favolus tenuiculus</i>	Esemp	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Geastrum saccatum</i>	Yakich	Fungo	Zc
<i>Hexagonia tenuis</i>	Numi Kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Hygrocybe miniata</i>	Pujich	Fungo	Zc
<i>Lentinus crinitus</i>	Tsarump	Fungo	Zc
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Shushui esemp	Fungo de comer	Co
<i>Lycoperdon echinatum</i>	Yakich	Fungo	Zc
<i>Marasmius cladophyllus</i>	Tsarump	Fungo	Zc
<i>Marasmius haematocephalus</i>	Pujich	Fungo	Or
<i>Phellinus gilvus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Or

<i>Polyporus leprieurii</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Mi
<i>Polyporus tricholoma</i>	Esemp	Fungo	Zc
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Me
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Iwianchi kuishi	Orelha de diabo	Mi
<i>Stereum ostraea</i>	Wuamp	Fungo	Zc
<i>Trametes elegans</i>	Numi kushi	Orelha de árvore	Zc
<i>Trametes villosa</i>	Numi kuishi	Orelha de árvore	Mi
<i>Xeromphalina tenuipes</i>	Pujich	Fungo	Zc
<i>Xylaria fockei</i>	Katach	Fungo	Me
<i>Xylaria hypoxylum</i>	Katach	Fungo	Me

Comunidade Cofan

Nome científico	Name vernacular - Lingua A'ingae	Etimología	Uso
<i>Auricularia delicata</i>	Chapia tsina	Fungo suave	Zc
<i>Auricularia fuscosuccinea</i>	Anjse tsina	Fungo vermelho	Co
<i>Auricularia mesentérica</i>	Chapia tsina	Fungo suave	Zc
<i>Cookeina tricoloma</i>	Cua tsina	Fungo vermelho	Mi
<i>Crepidotus cf. mollis</i>	Nijucha tsina	Fungo de árvore	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	Kiupa tsina	Fungo come caracol	Zc
<i>Favolus tenuiculus</i>	Tutua tsina	Fungo suave	Zc
<i>Ganoderma amazonense</i>	Sia tsina	Fungo negro	Zc
<i>Ganoderma australe</i>	Taya tsina	Fungo duro	Mi
<i>Kretzshmaria clavus</i>	Sia tsina	Fungo preto	Mi
<i>Lentinus crinitus</i>	Singua tsina	Fungo marrom	Zc
<i>Lentinus sajor-caju</i>	Toto'a tsina	Fungo branco	Co
<i>Phellinus gilvus</i>	Causijica tsina	Fungo de árvore	Mi
<i>Phyllotopsis nidulans</i>	Sia taya tsina	Fungo comida formigas	Zc
<i>Polyporus tricoloma</i>	Tutua tsina	Fungo suave	Zc
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Taya tsina	Fungo duro	Mi
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Kiupa tsina	Fungo amarelo	Zc
<i>Schizophyllum commune</i>	Chipira tsina	Fungo de tartaruga	Zc
<i>Xylaria multiplex</i>	Cunisipaj seje tsina	Fungo de beber	Me

Comunidade Zapara

Nome científico	Name vernacular - Zapara language	Etimología	Uso
<i>Amauroderma sprucei</i>	Niwa katsapija	Fungo de perdiz	Mi
<i>Auricularia delicata</i>	Kalulu ala katsapija	Fungo suave	Co
<i>Coenogonium linkiii</i>	Tuka katsapija	Fungo forma de musgo	Me
<i>Cookeina speciosa</i>	Punllananianga katsapija	Panela de agouti	Mi
<i>Coriolopsis polyzona</i>	Gura katsapija	Fungo duro	Mi

<i>Cotylidia aurantiaca</i>	Sacha katsapija	Fungo de floresta	Mi
<i>Earliella scabrosa</i>	Nakuma ruya katsapija	Fungo de árvore seco	Mi
Fase miceliar	Anamishuka kashipiricha	Fogo de rato	Mi
<i>Favolus tenuiculus</i>	San yaku katsapija	Fungo de comer	Co
<i>Ganoderma australe</i>	Sipi katsapija	Fungo para gripe	Me
<i>Ginnopilus cf. lepidotus</i>	Kiauka uwinjia katsapija	Coração de tucano	Co
<i>Lentinus crinitus</i>	Matsakau katsaija	Fungo de íbis	Co
<i>Lentinus strigosus</i>	Punllana katsapija	Fungo de agouti	Mi
<i>Leucocoprinus birnbaumii</i>	Ajus katsapija	Fungo cheiro de alho	Mi
<i>Lycoperdon pyriforme</i>	Kuinja katsapija	Fungo forma bolinha	Co
<i>Oudemasiella platensis</i>	Chuchu katsapija	Fungo de balsa	Co
<i>Pleurotus concavus</i>	Aunika katsapija	Fungo de cigarro	Co
<i>Polyporus tricholoma</i>	Umura katsapija	Fungo de tronco	Mi
<i>Pycnoporus sanguineus</i>	Nakuka katsapija	Fungo de verrugas	Me
<i>Rigidoporus amazonicus</i>	Muku katsapija	Fungo de mão	Mi
<i>Schizophyllum commune</i>	Tuwiru katsapija	Orelha de macaco	Mi
<i>Xylaria obovata</i>	Patauka uko katsapija	Testículos macaco	Mi
<i>Xylaria polymorpha</i>	Punllana katsapija	Fungo de agouti	Me
<i>Xylaria telfairii</i>	Punllana katsapija	Fungo de agouti	Me

Comunidade Mestiça Ilhas Galapagos

Nome científico	Nome vernacular - Lingua Castelhana	Etimología	Uso
<i>Panaeolus antillarum</i>	El Rey	Fungo rei	Al
